

31 depoimentos

31 memórias

31 emoções

avós &



netos



e-Editora

Esta primeira edição da coletânea *Avós & Netos* é uma iniciativa da e-Editora, negócio de impacto social surgido em 2020, com o apoio da Unibes Cultural, e que tem o propósito de ouvir a população que mais viveu nas nossas cidades, a turma da faixa de 80+.


Assim como os nossos e-books, que retratam inicialmente os bairros da cidade de São Paulo, neste livro aproximamos gerações e intensificamos os relacionamentos familiares.

Temos a honra de contar com prefácio de Rosangela Marcondes, influenciadora digital e criadora do It Avó, ativa nos movimentos de longevidade, buscando “inspirar e conectar pessoas singulares”.

Alberto Guedes & Silvia Regina Angerami

Coordenação editorial

avós &
netos

A ball of twine is positioned between the words 'avós' and '&'. A black balloon is positioned between the words '&' and 'netos'. The twine ball and balloon are rendered in a realistic style with shading and texture.

Volume 1

 e-Editora

Avós & Netos

Copyright © 2021 e-Editora

1ª edição

Autores

Âmbar de Barros, Alice Bites, Amélia Loreto, Anita Tarasiewicz, Anna Abelha, Antonio e Maria Alice Bahia Diomede, Bia Perez, Carla Betta, Deilza Lessa, Diva Maria Tammaro de Oliveira, Dulce Mantella Perdigão, Herta Rebello, Ione Almeida, Karin Simon, Laerte Temple, Maria do Carmo Marini, Maria Helena Passos Miraglia, Maria Helena Duarte Nunes Pereira, Mauisa Annunziata, Monica Salvari Baumer, Myrian Becker, Neide Alves da Silva, Neide dos Santos Olic, Norival Pacheco da Silva, Norma Tenenholz Grinberg, Patrícia Vieira Bispo, Quitéria Fernandes, Rita Aparecida Melo, Rosana Cerqueira Dias, Sílvia Regina Angerami e Vera Lucia Araujo Mera.

Coordenação editorial

Alberto Guedes e Sílvia Regina Angerami

Revisão

e-Editora e Guenther Sommer

Capa, projeto gráfico e diagramação

Sônia Regina Pedro

Impressão e acabamento

Forma Certa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

A56 Avós & Netos / Alice Bites; coordenação Alberto Guedes, Sílvia Regina Angerami. – 1.ed. – São Paulo:
1. ed. e-Editora, 2021.
152 p.; 14 x 21 cm.

Vários autores.

ISBN : 978-65-00-17780-0

1. Avós e netos. 2. Família. 3. Memórias autobiográficas. I. Guedes, Alberto. II. Angerami, Sílvia Regina.

02-2021 / 40

CDD 920

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias autobiográficas 920

Biblioteca responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Notas:

1. A e-Editora respeitou o estilo de cada autor dos textos publicados neste livro.
2. Todas as fotos são do acervo dos autores, exceto se houver outra indicação.
3. As opiniões expressas nos textos dos autores não refletem necessariamente a posição da e-Editora.

Impresso no Brasil

2021

www.e-editora.com.br

Agradecimentos



Este livro não teria sido feito sem o apoio da

Unibes Cultural

e a preciosa participação das colaboradoras da *e-Editora*,

Claudia Montanari,

Elisa Mariz,

Rosa Maria Castello

e Sueli Mello.

Apresentação



Histórias de afetos

Sóis, Luas, oceanos e cordilheiras, imensidões infinitas, raios, trovões, luzes e emoções, alegrias e tristezas... Difícil mensurar o tamanho do amor e dos sentimentos que envolvem a relação entre avós e um neto. E se for mais de um, então? Testemunhamos grandes prazeres e estranhamentos com a descoberta do mundo, da natureza, da linguagem, dos números, dos seres humanos. Corações se expandem em todas as direções do afeto e da cumplicidade.

É um pouco disso tudo que conseguimos reunir nesta coletânea, *Avós & Netos*, publicada pela e-Editora, um negócio de impacto social focado no resgate da memória das cidades, através do olhar de quem mais viveu nelas. Começamos por São Paulo, onde nascemos.

Avós & Netos contém textos de mais de 30 autores que relatam as suas experiências de “avosidade”. Eles foram contatados pelas redes sociais da e-Editora e seus colaboradores, numa lista que foi completada em cerca de um mês. Nosso projeto prevê que cada autor receba um número específico de exemplares impressos e, além disso, também pode disponibilizar o seu conteúdo digitalmente se quiser.

Outras edições virão, certamente, tamanho o interesse pelo tema e seu ineditismo.

Nosso texto de abertura foi o primeiro que recebemos, da jornalista Âmbar de Barros, e que dá o mote para as demais histórias que você vai ler na sequência. Convidamos você, leitor, para uma emocionante imersão nesse vasto mundo de histórias e afetos.

Os editores

Prefácio



Quando fui convidada para prefaciar o livro *Avós & Netos*, inicialmente me perguntei: por que eu? Sou a It avó, mas minha missão é ser ativa nos movimentos de longevidade, inspirar e conectar pessoas singulares e, confesso que, mesmo honrada, avalei a dificuldade da missão.

Resolvi encarar porque sou apaixonada por aprender, transformar dificuldade em oportunidades. Sou avó de três lindas pessoinhas: Catarina, de 11 anos, leonina, brava, super criativa, Lucas, de 10, amoroso e gentil, o rei da cantoria, e Júlia, de 7 anos, nossa garota barulhenta, divertida, companheira. Eles me encantam, me dão forças, me fazem acreditar no futuro. Que delícia ver o riso à toa, os cuidados, os carinhos, as conversas boas.

Vida longa aos avós que escreveram suas memórias, que possam viver com seus netos as mais lindas experiências, celebrar as pequenas e grandes vitórias deles, deixam um legado inestimável, eternizam seu amor nas páginas de um livro, herança valiosa que podemos deixar.

É sobre sentir, sobre conexões verdadeiras que jamais serão substituídas por qualquer tecnologia que surgir. Parabéns, editores e autores, pela maravilhosa memória que estão criando.

Gratidão pela confiança, sucesso!

Rosangela Marcondes

Sumário



Âmbar de Barros	9
Alice Bites	12
Amélia Loreto	16
Anita Tarasiewicz	21
Anna Abelha	25
Antonio e Maria Alice Bahia Diomede	30
Bia Perez	35
Carla Betta	40
Deilza Lessa	45
Diva Maria Tammaro de Oliveira	50
Dulce Mantella Perdigão.....	54
Herta Rebello	59
Ione Almeida.....	64
Karin Simon.....	69
Laerte Temple	74
Maria do Carmo Marini.....	78
Maria Helena Passos Miraglia.....	82
Maria Helena Duarte Nunes Pereira.....	86
Mauisa Annunziata	91
Monica Salvari Baumer.....	96
Myrian Becker	101
Neide Alves da Silva.....	105
Neide dos Santos Olic.....	110
Norival Pacheco da Silva.....	114
Norma Tenenholz Grinberg.....	118
Patrícia Vieira Bispo	122
Quitéria Fernandes.....	127
Rita Aparecida Melo.....	132
Rosana Cerqueira Dias.....	137
Silvia Regina Angerami.....	141
Vera Lucia Araujo Mera.....	146



ÂMBAR de Barros



Favos de Mel

Água cristalina, nascente borbulhante, arco-íris dobrado, jasmim cheiroso, rosas perfeitas, golfinhos nadando em algazarra, joaninhas, borboletas, o nascer e o pôr do sol. Vênus brilhante, o mar em sua imensidão! Aurora boreal a bordar de luzes os céus do inverno polar. Cachoeiras encantadas, árvores frondosas e seus frutos. Flores, flores de todas as cores! Animais e suas crias. Baleias, urso panda, os céus do Cerrado, o azul do outono em São Paulo. Tudo isso eu amo de paixão, mas ainda amo mais duas criaturinhas bem pequenininhas.

A comida da minha mãe. O sorriso do filho, o barulho do trem, o apito do navio, o vento frio na noite, o abraço bem apertado, as gargalhadas, a mesa grande e farta. Os livros bem escritos, os filmes que fazem pensar. O teatro que muda a vida, os binóculos, as fadas e os anjos da guarda. O fundo do mar, as conchas, os figos, ameixas, uvas, mangas. Os pés de jabuticaba, bananeiras e seus cachos, brisa com cheiro de mar. Os pássaros, os quadros impressionistas, Giotto, Michelangelo, os renascentistas, a Itália. As viagens, os amigos, namorar. Quanta coisa maravilhosa pra experimentar! E que prazer me dá! No entanto tudo empalidece se comparado ao que sinto quando penso nestas duas criancinhas.

Indiferentes à minha paixão descomunal, elas seguem respirando, alheias ao tsunami de amor que em mim provocam. Ondas gigantes de calor, lava de amor que jorra direto da minha alma assim que pouso os olhos nelas.

O mundo se desintegra lá fora. A fumaça de queimadas criminosas mancha de cinzas os céus da minha cidade, a peste cavalga seu ginete veloz e ceifa vidas. O abandono, a fome, a miséria, o desemprego, o desengano. A traição, a mentira, a solidão. Pragas antigas e recentes batem à porta e no entanto basta uma foto, a bebê sorridente descobrindo as mãozinhas, o garotinho dançando feliz e mandando beijinhos e tudo se altera, refaz, revive, enleva, anima.

Compreendo quem optou por não ter filhos. Razões não faltam e com elas concordo. Trabalho demais, gastos absurdos, os perigos do mundo... Mas sem filhos, nada de netos. E aí, como fica? Fica vazio, triste, chato, amargo, insosso, inconcebível! Como assim a vida sem o Zeca, a Flora e quem mais vier? Como assim nunca tê-los tido?

Netos são o presente mais bem dado. Favos de mel na boca amarga da velhice. São motor de nova vida. Quando eles chegam estamos prontos. O tempo já não nos falta e derramamos gota por gota em passeios por florestas encantadas, viagens galácticas e castelos de areia movediça.

Shhhhhuuuu! Silêncio! Ouve só! É o avião, o helicóptero, o carro da polícia, o carro dos bombeiros! É o sino da igreja, o bem-te-vi na árvore da vizinha. Olha, observa, tem um ninho na goiabeira, aquela nuvem parece um barco! Não? Parece uma mulher barriguda? Um homem pescando? Uma árvore? Um balde, um urso de pelúcia, o lobo mau bonzinho?

Com os netos o mundo renasce em cores vibrantes, as palavras voam e ganham novos significados. Brincamos de rimas, falamos bobagens e damos muitas gargalhadas. Apostamos corridas, quem chegar por último é mulher do padre!

Exploramos cada canto do parquinho, andamos em todos os brinquedos e vamos colhendo no caminho cada toco, folha, flor, pauzinho. Chegamos em casa carregados de tesouros, logo abandonados. Montamos cabaninhas na sala, somos reis em terras distantes, cavalgamos por planícies, somos astronautas.

Inventamos novas histórias, repetimos as velhas e, principalmente, cantamos! Sabemos muitas músicas de cor, nosso repertório é diversificado, com foco nos anos 50 e 60, é bem verdade!

Você, e agora também sua irmãzinha, me pegam pela mão todos os dias e me fazem pisar em brasas, travessar desfiladeiros, enfrentar piratas e fantasmas. Voamos entre as estrelas, navegamos mares bravios e conquistamos o mundo aprendendo a amá-lo.

Para estar com vocês mais tempo, faço ginástica, caminhadas. Tomo remédios e cuidados. Quero viver para vê-los crescer. Quando tenho vocês a meu lado, nada mais importa. Desligo o celular, desmarco compromissos, esqueço da hora, perco a fome, adio o cansaço.

Vocês são farol em noite de tormenta. São o bote salva-vidas no mar agitado. Vocês, meus netinhos sapecas, são os melhores companheiros, os mais sábios mestres que poderia ter encontrado!

Âmbar de Barros é jornalista formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Trabalhou vários anos na Folha de S. Paulo. Criou e dirigiu a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) , em Brasília. Foi diretora de projetos especiais da Fundação Victor Civita e diretora da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) em São Paulo. Tem uma neta e um neto, por enquanto.

ALICE Bites



Avó e netos, alegria de viver

Durante a minha vida toda, percebi o carinho especial de vó, pois nossa mamãe — e digo “nossa” por ter a certeza de que falo em meu nome e no de todos os meus irmãos — nos ensinou igualmente a amar a vovó. Mesmo ela morando distante, a gente sempre falava como se convivésse cotidianamente com ela, aprendemos a respeitá-la e praticar hábitos ainda presentes em nossa família, como o “bença”, papai; “bença”, mamãe; “bença” vovó e assim por diante, com todos os mais velhos. Até o irmão mais novo pede a bênção aos mais velhos.

Devo adiantar aqui que sou de uma irmandade imensa. Somos 22 irmãos ao todo, dos quais 19 se reúnem sempre. Fazemos fotos para registros históricos. Atualmente tenho mais de 100 sobrinhos e sobrinhos-netos. Em 2020, contamos com 185 integrantes na família, a partir de papai e mamãe, João Bites Leão e Messias Leite Leão, com seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos, genros e noras.

Nossa família, que não para de crescer, busca incentivar as crianças sobre a importância de serem unidos. Legado de excelência, nos exemplos da matriarca.

Com a pandemia, decidimos fazer uma reunião virtual com todos os irmãos, pois se aproximava a data combinada para o Encontro de Gerações da família Bites Leão Leite. Aí veio a pandemia, então, no dia 12 de abril de 2020, domingo de Páscoa, iniciamos uma reunião virtual. Foi emocionante, cada um contava uma novidade, e, claro, todos

reclamaram do isolamento dos netos, houve muita reclamação desse vírus que assolou o mundo inteiro.

Alguns irmãos nunca haviam participado de reuniões assim, virtualmente. Também nunca haviam ficado tanto tempo sem se abraçar. Todos queriam falar da vida, dos filhos, dos netos e de tudo.

Com tantos assuntos, foi marcada outra reunião para o domingo seguinte, e assim foram acontecendo as reuniões virtuais, em todos os domingos, desde a Páscoa. Nelas sempre aparece a carinha de um e outro da família na tela do computador. É uma festa virtual, em que os netos ensinam aos mais velhos a pesquisar os assuntos abordados na internet. Nas reuniões, levantamos temas variados, como relembrar a infância, falar da vida na roça, músicas da preferência, personagens de filmes e até novelas antigas e romances.

Fico a pensar o que será que meus netos e toda essa geração estarão contando daqui um tempo. Sei que o ano de 2020 será lembrado com várias histórias diferentes, mas com o mesmo tema: o vírus. O caos vivenciado em algumas cidades, a saúde pública, já deficitária, piorou o atendimento aos doentes. Nossas crianças tiveram que ficar distantes das escolas e, automaticamente, dos coleguinhas, das professoras e dos parques.

Meus netos não podem me ver na porta e já dizem:

— Vovó, não sai, pode ter o coronavírus aí na rua, ele é invisível, mas é muito perigoso.

Começo a rir e ouço:

— Vovó, é verdade, viu?

Na hora fiquei me lembrando de quando eu contava historinhas do homem do saco para meus filhos. Sim, eu também amedrontava meus filhinhos, tinha muito medo de, a um descuido qualquer, eles saírem para a rua.

Como na maioria das famílias, na minha também tivemos vários contaminados. Inclusive meus filhos e noras, então trouxe os netos para ficarem comigo. Passou a quarentena. Com a graça de Deus e cuidados necessários, todos se recuperaram bem. Alguns, estiveram em estado preocupante. Sentimos na pele que não era uma gripezinha.

Mas em casa não faltou brincadeira, porém primeiro teria que fazer as tarefas de escola, depois sim, ver vídeos, jogos virtuais, brincar de pega-pega, esconde-esconde e correr no quintal. Ah, o quintal, ali, ninguém lembra da pandemia. E as crianças amam jogar água nas plantas e dar comida para as galinhas.

Minha grande sorte é ter sempre criança ao meu redor. Logo que

meus filhos cresceram, veio minha primeira neta, a Viviane. Meu primogênito foi pai aos 17 anos de idade. Ainda bebezinha, ela veio morar conosco. Passado um tempo, ela já acostumada a me chamar de vovó, me pediu para me chamar de mamãe. No início fiquei confusa, recorri a minha mamãe e ela disse:

— É, essa menina precisa de uma presença de mãe e você já faz esse papel, ensina a ela a te chamar de mãezinha, é bonito e ela vai saber diferenciar no futuro.

Quando o pai dela se casou, ela foi morar com ele e surgiu então a terceira mãe. Que ela ama e respeita também.

A Viviane sempre gostou de viajar comigo, quando a gente voltava de um passeio, ela já perguntava:

— Quando a gente vai de novo?

De fato, todas as férias, pé na estrada. O passeio de que ela mais gostava era ir à fazenda do tio Arquiarino, que fazia todos os gostos dela. Com 7 anos, montou em um cavalo, cavalgando todos juntos. O cavalo dela disparou e ela se manteve firme, até o alto da serra. Na volta, veio na garupa do tio. Outro passeio que ela gosta de contar foi a viagem de 15 anos, quando ficamos em um *resort* na Bahia.

Em 2006, veio o Heitor, o segundo neto. Garoto esperto, muitos amigos, na escola conhece todo mundo e todo mundo o conhece. Quando pequeno, eu o colocava em cima da bancada para me ajudar a fazer gelatina, ele gostava muito. O Heitor é muito apegado ao pai e à mãe, mas na hora do xodó, recorre a irmã ou a mim. Ele gosta muito de jogos virtuais como *League of Legends* e passa horas no computador.

O terceiro neto é o Arthur. O primeiro filho do meu filho do meio. Com 1 ano de idade, a mãe e o pai permitiram que ele dormisse comigo, foi uma alegria só. Já fazia tempo que não dormia com criança, mas ele era acostumado a ficar durante o dia comigo, então foi fácil. Ele é sempre meu companheirinho, gosta muito de andar comigo. Volta e meia, ele e os irmãos ficam uns dias na minha casa. Não vejo o tempo passar, às vezes findo o dia com cansaço, mas o carinho deles e minha alegria superam tudo. O Arthur ama jogos *on-line*.

Meu quarto neto é o Pedro Henrique, 9 anos, irmão do Arthur, 12 anos, e do João Lucas, de 4 anos, era caçulinha, mas minha nora está grávida do quarto filho. Pedro Henrique é um menino muito carinhoso e sapeca. Às vezes mostra ciúmes dos outros netos, mas logo supera fazendo algum tipo de brincadeira. Assim como todos os meus netos, ele gosta muito de vir para a casa da vovó Alice e de brincar com o primo

Davi (meu neto por afinidade, mas na verdade é sobrinho-neto).

Em 2013 veio a Maria Antonia, filha do meu filho caçula. Ela chegou para alegrar nossas vidas. Com a chegada dela, meu filho teve um crescimento intelectual incrível. A Maria Antonia tem uma esperteza nas frases que me impressiona. Eu digo que ela é cheia de “pérolas”, solta cada uma que parece ter mais idade do que realmente tem.

Ela tem um zelo encantador pelo irmão João Miguel, meu sexto neto. Os dois estão sempre juntos e adoram inventar brincadeiras e fazer cabaninhas com lençol. Assim como todos os netos, mas, eles se destacam, pois juntam almofadas lá dentro e ficam conversando. Às vezes um sai e o outro continua falando, mesmo sozinho, e eu fico observando, quanta criatividade. A Maria Antonia gosta de subir no pé de jabuticaba e dar pirueta. E o João Miguel fica ali perto.

O sétimo neto é o João Lucas. Ele gosta de tudo, de brincar de esconde-esconde, correr, assistir desenho, molhar tudo com a mangueira e depois tomar banho na banheira. Na hora de sair do banho é uma choradeira só. As noras falam:

— Sogra, não é para dar mole. Se teimar, coloca esses meninos de castigo.

Mas já não sou mais aquela que criou três filhos sozinha. Para dar conta de tudo, tinha que fazer valer regras duras. Agora, eu converso e faço agrados. Fica até engraçado ver os filhos e a Vivi cobrando:

— No meu tempo não era assim.

Existe uma coisa em comum com todos os netos e sinto orgulho em perceber, que todos eles sempre gostaram de fazer tarefa escolar comigo. Assim como alguns sobrinhos.

Ah! Os netos sempre trazem alegrias e esperança na continuidade de vários costumes. Por exemplo, “a bença, tio”, que soa como ritual em nossa família. Na hora de ir embora, os pequenos já perguntam:

— Agora é hora da “bença”, “bença”, “bença”? — Dado o tanto de tios.

E os pais sorrindo respondem:

— É sim, pode pedir a bênção, estamos indo.

Alice Bites nasceu no Cedro, Trindade, Goiás e mora em Valparaíso, região metropolitana do Distrito Federal. É avó de oito netos, tem três filhos e três noras. Alice é ativista nas lutas comunitárias, contribuidora de pesquisa de história, professora aposentada, escritora, historiadora com especialização em História Cultural pela Universidade de Brasília, pedagoga, psicopedagoga e educadora popular.

AMÉLIA Loreto



Amor não têm distância

Sou uma vovó coruja, como todas as vovós, e meu netinho se chama Felipe, têm 6 anos e mora em Portugal. Tem uma cachorra chamada Matilda. É um menino muito companheiro e inteligente. A distância entre nós não mudou em nada o meu amor, e só faz crescer todos os dias.

Sou imensamente grata a Deus por ter colocado na minha vida essa criança, fonte da minha inspiração. Prova disso é que na manhã em que ele nasceu, acordei com um verso na cabeça e dizia assim:

*Um passarinho me contou que o dia amanheceu mais lindo,
Por causa do seu sorriso,
Por causa da esperança,
Por causa da sua infância,
Por causa do meu querer
E do seu viver.*

E a partir daí não parei mais de escrever. Escrevo para ele. Quando ele era bebê, eu inventava canções de ninar e tinha uma especial, a do *Zanzador* e eu, zanzava pela casa com o Felipe no colo, cantando a tal canção. Ele sorria nos meus braços e depois adormecia. Eu amava fazer isso, sinto muitas saudades daquela fase, mas vivo cada uma das etapas do seu crescimento com a mesma intensidade.

Os avós compreendem que o tempo voa, por isso procuram desfrutar

as oportunidades com netos com todo o carinho. Acredito que isso faz dos avós pessoas que se entregam de coração aberto aos netos. São eles que trazem alegria para o dia a dia. Quando estou triste, basta ligar para ele e depois de alguns minutos me vejo sorrindo. Têm coisa melhor e mais acalentadora?

Ainda sobre essa canção, o *Zanzador*, tenho muitas lembranças: o jeito como ele me olhava enquanto eu o ninava, e também quando foi hospitalizado com estomatite. Fiquei com minha nora durante o dia. E na hora de me despedir, ela tentava fazê-lo dormir. Percebendo que eu iria embora, olhou para mim, com olhos penetrantes e se atirou nos meus braços. Já estava muito tarde, mas larguei tudo, só para fazê-lo dormir ao som do *Zanzador*. É um fato simples? Sim, mas toda vovó sabe o quanto é delicioso quando eles se atiram em nossos braços.

E no outro dia, quando retornei ao hospital, tive uma surpresa ainda mais especial. Minha nora estava ao telefone e ele a chamava:

— Mamãe, mamãe.

Eu peguei meu celular e fui gravar. Achei que seria uma boa recordação para ela. E para minha surpresa, o Felipe virou-se para mim e falou:

— Vovó — pela primeira vez.

Eu quase morri de contentamento. Nunca mais esqueci e hoje penso: “Como esses instantes têm força de se perpetuar em nossa mente”.

Antes de a família se mudar para Portugal, nossos finais de semana eram esperados avidamente. Ele chegava com as bochechas rosadas e abria um sorriso lindo, descia do carro gritando:

— Vovó, vovó!

Era uma felicidade, eu corria para recebê-los. Há tanta saudade desse tempo de menino que chega a doer. Foram tantas brincadeiras, cabanas, bola, bolinhas de sabão e brinquedos espalhados... Não vinha sozinho, junto trazia a pureza da infância e a curiosidade sobre tudo ao seu redor.

Impossível não me sentir feliz e grata por tudo o que vivo como avó. O tempo passa e vai te mostrando que a simplicidade da vida é que te faz feliz. Não há nada melhor e mais transparente do que um sorriso de uma criança. E isso é encantador.

A medida em que ele ia crescendo, foi se tornando cada vez mais importante na minha vida, seu sorriso, seu bom humor, seus olhos atentos, uma criança muito amável. Brincávamos no tapete da sala,

de esconde-esconde no jardim, dentro de casa. Quando vinha para minha casa fazia questão de dormir no meu quarto e antes de dormir, historinhas com a vovó Amélia, claro. E não podia faltar de jeito nenhum, a história dos *Três Porquinhos*. Era a sua preferida.

Certa vez, fizemos os três porquinhos e as três casinhas com materiais reutilizáveis. Saímos pelo quintal em busca da palha e madeira, só isso já nos rendeu muita diversão. Depois, com papelão e tinta, preparamos as peças. Nada sofisticado, tudo muito simples, mas ele ficou eufórico em fazer aqueles objetos.

Depois dos artefatos produzidos, veio a melhor parte. O Felipe naquela ocasião tinha por volta de 2 anos e fez questão de apresentar a peça *Três Porquinhos*. Mal falava, mas contou a história direitinho e ao terminar, em reverência à plateia (vovô e vovó), colocou as mãozinhas para trás e abaixou a cabeça. Não esperávamos aquela ação, nós o aplaudimos e o Felipe ficou orgulhoso pelo seu trabalho.

Costumávamos levá-lo ao clube perto de casa, corria de um lado para o outro, jogava pão para os patos. Ele adorava contemplar a natureza, recolher folhinhas pelo chão, brincar no parquinho. Foram tantas situações aprazíveis nessas visitas que não tenho como relatar, apenas digo que estão guardadas no meu coração.

Quando completou 3 anos, mudou-se para o Porto, em Portugal. Meu filho recebeu uma proposta de trabalho que era muito boa para a família e decidiu aceitar. Fiquei feliz por eles, embora soubesse que sofreria, e também confesso que achei que seria mais fácil suportar a distância, pois contava em poder vê-los com mais frequência.

Enfim, chegou o dia da partida. Meu coração estava apertado, mas me segurei. Não chorei, não fiz drama. Na verdade, eu os apoiei nessa decisão. O Felipe estava animado, separando os brinquedos que levaria para a santa terrinha, entrava na mala, saía da mala. Estava em festa. Fomos levá-los ao aeroporto e na hora da partida, eu me conservei firme. Abracei e beijei meu filho e minha nora, disse que os amava e que assim que pudesse iria vê-los. Abracei e beijei o Felipe, ele me sorria com a carinha mais feliz do mundo. Sorri para ele, falei para ligar para a vovó e os três foram para o embarque.

De repente, o Felipe voltou correndo e gritando:

— Vovó!

E me abraçou mais uma vez e correu de volta para os pais. Ele não viu, mas naquele momento chorei por uma saudade que ainda nem havia

sentido. Só imaginado. Chorei, mas como estavam felizes, enxuguei as lágrimas e tentei me convencer: se eles estavam felizes, porque eu estaria infeliz?

Aí eu me lembrei da minha avó, portuguesa da Ilha da Madeira, cujo filho veio para o Brasil e ela nunca mais teve a chance de vê-lo. Então agradeçi a Deus por viver num tempo em que a tecnologia nos ajuda a ficar próximos das pessoas amadas. Sem contar que, diferentemente da minha avó, posso pegar um avião e ir visitá-lo.

Na verdade, mal saíram do Brasil, já queria visitá-los. Passaram-se quatro meses e lá estava eu desembarcando na cidade do Porto. Quando cheguei, Felipe estava me esperando, e correu em minha direção gritando:

— Vovó, vovó.

Eu não cabia em mim de tanta felicidade. Na casa, alguns desenhos de boas-vindas feitos por ele. Abri minhas malas com brinquedos preferidos deixados para trás. Mostrou-me seu quarto e disse que eu dormiria com ele. A fadiga da viagem nem me abalou, pois minha energia havia sido recarregada quando eu os revi.

E depois, constatei que estavam bem e felizes, meu coração se aquietou e comecei a ver a distância com outros olhos, não mais com incerteza. Saber onde e como viviam me trouxe paz.

Passaram-se cinco dias e fomos para Aveiro, comemorar o aniversário de meu filho. Chegando lá, o Felipe perguntou:

— Mas cadê a festa do papai Carlos?

O jeito que ele falou foi muito engraçado e rimos muito.

À noite no quarto, antes de dormir brincávamos de sombra na parede, usando a luz do celular e depois eu contava histórias, ora lidas, ora criadas. No início deste relato, eu disse que o Felipe era a minha inspiração. Sabem por quê? Ele era incrível, apontava um tema, como, por exemplo:

— Vovó, hoje você conta a história do menino que caiu do telhado?

E lá ia a vovó Amélia puxar pela imaginação. Eram momentos singulares e de muito amor. Era ótimo estar por perto, e sabia que em breve voltaria para casa, então combinei o seguinte com o Felipe:

— Quando a vovó voltar para o Brasil, à noite, olhe para céu, porque a lua estará mandando um beijo para você.

Ele é um menino muito gozador, e a cachorra dele, a Matilda, baba quando está cansada, e ele não teve dúvidas.

— Vovó, eu vou mandar uma baba da Matilda pela lua para você.

Eu brinquei com ele:

— Não, não quero baba!

Aí sim que virou moda. Hoje, eu mando um beijo pela lua, e ele manda uma baba da Matilda. Mas é tudo uma grande brincadeira entre neto e avó.

Em dezembro de 2019, no Natal, vieram nos visitar. O Felipe plantou uma cerejeira no centro do meu jardim, conhecida como símbolo de renovação e vitalidade. Assim como a cerejeira, espero em breve renovar minhas energias e ter muita vitalidade para brincar e contar minhas histórias para o meu netinho.



ANITA Tarasiewicz



Fotos: Fabio Schivartche



Como me tornei avó

A notícia

Em fevereiro de 2004 a minha filha me liga e me diz:
— Mãe, estou grávida!
E o meu coração pulou, parecendo que iria sair pela boca.

A curtição

Em outubro de 2004 nasceu a minha primeira neta, Sofia, hoje com 16 anos. Segurá-la em meus braços, pela primeira vez, foi mágico, de repente eu me transformei numa avó. Eu fiquei tão encantada, que mudei os meus horários de consultório, para poder visitá-la duas vezes por semana e brincar com ela. Quando ela começou a frequentar o berçário, aos seis meses, eu ia buscá-la às quartas e sextas-feiras, para depois brincarmos juntas.

A família cresce....

Depois de um ano e cinco meses, a vida me brindou com um novo presente, chegou a segunda neta, Debora, atualmente com 14 anos. Totalmente diferente da irmã, Debora tinha características próprias, se pendurava no meu pescoço e me abraçava muito, quando eu ia buscá-la no

berçário. Agora eu tinha duas meninas lindas para brincarem comigo, era uma curtição incomparável.

As filhas do filho

Um ano depois, em abril de 2008, mais um presente na minha vida. Chegou Alice, hoje com 13 anos. Ela era miúda, com enormes olhos azuis, sua marca registrada. Novamente a surpresa no encontro de uma menina diferente das com quem eu convivia e fomos nos conhecendo e nos aproximando gradativamente, nas tardes de quinta-feira, que eu dedicava a passear com ela. (nova mudança nos horários do consultório, rsrs...).

E, finalmente, *last but not least*¹, a vida me brindou mais uma vez com a chegada da Gabizinha, atualmente com 11 anos. Gabi era um bebezinho rosado, era fofinha e alegre, é assim até hoje.

E a vida continua...

Precisei equilibrar a minha atividade de consultório e das aulas e palestras que eu vinha fazendo, com as visitas e convívio com as netas. A partir dos 2 anos de idade pudemos passear mais e pude recebê-las na minha casa, para pernoitarem. Isso era realmente um deleite, com contação de histórias, pedido para que eu me sentasse ao lado delas na cama e segurasse a mãozinha até adormecer, com direito a visitas em minha cama no meio da noite, por causa de um sonho ou pesadelo.

Depois tomar café da manhã juntas, sempre com Nescau, Yakult, Danone, pãezinhos diversos e Nutella, *of course*².

Conforme elas foram crescendo, passamos a ter novas atividades juntas. A primeira ida ao teatro com a Sofia, quando ela tinha 3 anos, para assistir *O Chapeuzinho Vermelho*, foi meio traumática, pois a gente não lembrou de avisar a ela que as luzes da plateia se apagam quando acendem as do palco.

Depois, a descoberta de teatro e cinema com a Gabi, que amava o teatro desde os dois aninhos. Assisti várias sessões com duas netas em meu colo, porque havia alguma imagem assustadora.

1 Por último, mas não menos importante. (NE)

2 Claro. (NE)

Vimos muitos filmes de mãos dadas. Essa é uma experiência deliciosa, sentir a pequena mãozinha em minha mão.

E o medo das escadas rolantes em shopping? Foi preciso dar um colinho, diversas vezes, para descermos juntas.

Quando elas cresceram um pouco mais, estabelecemos uma rotina nos aniversários delas. A gente saía junto (avó e neta) para escolher o presente e depois almoçávamos só as duas.

Infelizmente, tivemos que suspender esse tipo de comemoração em 2020, em função da pandemia e elas me cobram de retomar em 2021.

Muitas lembranças legais me vêm à mente... Quando a Debora tinha uns cinco anos, nós fazíamos bolachinhas amanteigadas em minha casa ou na da minha filha ou do filho. Um dia, ela me liga e me pergunta se eu “toparia” ir à escola dela, para fazer bolachinhas com a classe dela. Ela havia levado algumas, das que nós tínhamos feito na semana anterior, para a professora provar e todos gostaram muito.

Eu me senti muito honrada com o convite, mandei a receita para a professora providenciar os ingredientes e na semana seguinte, lá fui eu, de avental, ao jardim de infância da neta, fazer bolachinhas com uma turma de 15 crianças. Foi uma experiência maravilhosa.

Conforme elas foram crescendo, os nossos papos foram se aprofundando e hoje discutimos filosofia, política, relações humanas e tudo o mais que elas queiram e tenham interesse.

Quando Sofia completou 12 anos, me pediu de presente uma viagem de fim de semana só comigo. E lá fomos nós duas para Campos de Jordão em uma sexta-feira. Maravilha das maravilhas viajar com neta... Fizemos diversos passeios, andamos de bondinho turístico, almoçamos e jantamos de acordo os gostos dela e voltamos com gostinho de quero mais.

Depois de uns dois anos, viajei para Santos com Debora e Alice, para passarmos um fim de semana. Conhecemos o Museu do Café, Museu do Pelé, e andamos de bondinho pelo centro histórico da cidade. Aproveitamos a piscina do hotel, fomos até o Aquário e caminhamos pelos jardins da orla.

Algumas vezes, as quatro meninas pedem para dormir todas juntas em minha casa e agora se sentem muito tristes, por não poderem vir, devido à pandemia.

Todas as quatro são amigas e têm bastante intimidade de conversa e “papos cabeça”.

Minhas netas gostam de almoçar ou jantar na minha casa, porque eu passei a cozinhar melhor para elas. Cada uma tem um gosto diferente e eu procuro fazer ao menos dois pratos distintos para agradar a todas e aos meus filhos. A atividade culinária chegou meio tarde na minha vida, porque a minha mãe me enxotava da cozinha na adolescência e juventude, me aconselhando a estudar inglês e francês, que, segundo ela, seriam mais úteis.

Aos poucos, fui desenvolvendo um prazer em cozinhar para a família e para meus amigos. Hoje procuro passar esse “gosto” para as minhas netas. Gosto cada vez mais de ser avó.

Anita Tarasiewicz tem 73 anos. É mãe de um casal de filhos e avó de quatro meninas maravilhosas. É psicoterapeuta, com especialização em terapia de casal e família, palestrante, blogueira, cozinheira, jardineira amadora e boa amiga de seus amigos. É uma avó bem presente e participativa com as meninas. É muito ativa profissionalmente. Tem um blog sobre comportamento e saúde mental. Faz trabalhos voluntários. Faz parte do Grupo Trabalho 60+.



ANNA Abelha



Menina de amor

Conto aqui parte da minha história, depois que Maria Eduarda entrou em minha vida em 2015. Ela nasceu no Reino Unido e mora no Brasil desde 2016. Fez 5 anos em setembro. Chamada carinhosamente de Duda, Dudinha ou Dudica.

Uma menina encantadora. Tem um jeito especial de ver a vida e tem nos ensinado bastante. Os seus olhos são vibrantes e seu jeito cativante, a cada dia nos transforma, com sua dose diária de amor e carinho. Inteligente, ela sempre nos surpreende, e por vezes nos aparece com perguntas de quem tem sede de saber. Quer explicações do tipo:

- O que é mistura homogênea?
- Como funciona uma betoneira?
- O que é espaço sideral?
- Pode me mostrar a muralha da China?

Tem muita curiosidade sobre outros lugares (como moram e vivem) e também os significados das palavras.

Se eu tivesse que escrever uma poesia para ela, seria assim:

*Menina de amor, seu sorriso me encanta
Sua criatividade me espanta
Sou feliz só de te olhar,
Imagine então meu coração quando te abraça
És puro encanto e alegria,*

Você me enche de energia.

Se estou cansada, vem a menina, toda animada

Fazendo suas danças e palhaçadas.

Oh! Como não amar esse ser

Que depois que chegou virou nosso maior bem-querer?

Maria Eduarda tem muitas histórias, a maioria engraçadas. Ela gosta muito que eu conte história para ela, pois as faço de um jeito divertido. Ela prefere assim, gargalha só de ver minhas caras e bocas. Ah, e também, quer que eu as conte várias vezes.

Suas histórias preferidas são as que retratam sua rotina, as coisas que acontecem no nosso dia a dia. Basta um simples acontecimento e o transformamos em histórias animadas.

Outro dia, pediu que eu contasse “o dia da maçã”.

Naquele dia, Duda acordou cedo, me chamou e fomos para sala. Montada em posição “pocotó” (posição em que ela sobe nas minhas costas e cantamos juntas “pocotó, pocotó”), vestia um pijama, como um macacão, aqueles que usamos em dias bem frios. E na fruteira, ela escolheu a maçã mais vermelha. Pediu que eu a lavasse. Quando fui lhe dar a fruta, olhei para seu rostinho e ela me sorriu carinhosamente, e disse:

— Obrigada, vovó...

Aí não resisti, a abracei e na hora aproveitei e fiz uma brincadeira. Coloquei a maçã pela gola do seu pijama-macacão e a maçã foi escorregando pelo seu corpinho. Pedi a ela que pegasse a maçã e ela, apesar do seu esforço, não conseguia, pois ria muito, ria não... gargalhava. Achou aquilo muito engraçado. E ela falava e ria ao mesmo tempo:

—Vovó, me ajuda, perdi a maçã no meu pijama!

E eu respondia:

— Como assim? Você fez uma mágica com sua maçã, é isso?

E ela ria...

— Não, vovó, escorregou e foi parar no meu pé!

E eu dizia a ela:

— Nossa! No seu pé tem chulé! Tadinha da maçã.

Aí que ela gargalhava ainda mais. Rimos muito.

A vida com Duda é assim. Recheada de risadas e brincadeiras. Tem muita disposição para contar tudo que acontece na casa. Seu carisma é contagiante.

Duda gosta muito de animais. E na casa temos uma buldogue, chamada Chelsea. A vida da Chelsea mudou depois que ela chegou. Para se ter uma ideia, a Duda mudou até o seu nome e a chama de TChé TChé.

Por vezes, pego a Chelsea, ou melhor, a TChé TChé, admirando Duda. Ela a acompanha o dia inteiro pela casa. Fica à espera dela na porta do quarto, parece que sente falta das travessuras que a amiga faz. E quando Duda abre a porta, TChé TChé sai em alta velocidade pela casa e nós duas nos damos as mãos e nos escondemos. Seguro forte, pois ela, para variar, vai gargalhando e perde as forças.

Se tornaram grandes amigas. As conversas de Duda com TChé TChé são longas. Falam o dia inteiro, ou melhor é Maria quem fala. Chelsea a escuta atentamente.

Quando sai, ela sempre se despede e explica:

— Ô, meu anjo, meu amor, eu já volto. Depois a gente brinca.

Chelsea a olha carinhosamente, parece entender cada palavra, e vai para sua caminha aguardar a amiga voltar. E quando Duda volta, já a vemos perto da porta esperando para receber o seu abraço:

— Ô, meu anjo, Dudinha chegou, meu amor.

A retribuição do carinho vem pelo olhar e pela abanadinha do rabinho feliz.

Se naquele momento eu pudesse fazer uma poesia para elas, seria assim:

*No olhar de cada uma vejo carinho
Os seus corações estão ligados
Seguem juntas pelo caminho
Com muito amor estão carregados
Sigam sempre com carinho
Companheiras da vida
São muito arteiras
Sejam felizes a vida inteira.*

A vida de Duda com animais tem um capítulo especial. Como moramos em uma chácara, o lugar favorece a visita de muitos pássaros. Alguns fazem ninhos muito próximo à casa. Um casal de passarinhos, escolheu a varanda, para cuidar de seus ovinhos. Duda acompanhou essa obra da natureza e respeita o lugar onde eles estão.

Temos na chácara galo, galinhas e um casal de galinha-d'angola, aquelas pretas com pintinhas brancas que cacarejam “tô fraco, tô fraco”. Essas aves também têm um lugar especial no quintal e durante o dia ficam soltas pelo gramado. Esse casal de galinha-d'angola acorda cedo e sai para trabalhar. Como elas se alimentam de pequenos insetos escondidos na grama, o trabalho delas é retirar possíveis aranhas, escorpões e outras espécies e evitar que entrem na casa. Na realidade, elas nos protegem.

Duda tem muito respeito por elas, porém, as vezes procura conversar, para que não fiquem o dia inteiro falando “tô fraco, tô fraco” e aproveita e pede ao galo que acorde mais tarde, mas entendeu que a natureza é assim, cada um tem seu jeito de viver. O galo canta quando quer, as galinhas cacarejam e as d'angola continuam com o seu “tô fraco, tô fraco”.

Nossas aventuras continuam. Transformar o dia em alegria é viver com Maria.

Certo dia, ela quis me fazer uma maquiagem. Preparamos todo o ambiente. Tínhamos tudo de que precisássemos. Segundo ela, ia me deixar linda e tirar minhas ruguinhas. Diante desse argumento, topei. Com coragem, me deitei e, animadíssima, ela começou e eu, tensa, aguardei.

A condição era que eu não abrisse os olhos. Já preocupada com o resultado, pensei em desistir, mas considerando a empolgação da maquiadora, continuei. Terminada a maquiagem, ela providenciou o espelho e me mostrou como eu havia ficado. Levei um susto, o “linda” que ela me prometera tinha passado longe. Ela me preparou para uma festa de *Halloween*. Daí, já dá para imaginar.

A reação dela quando viu minha cara de desespero, não poderia ser outra, achou tudo muito engraçado. Acabamos rindo muito. O que sei é que fiquei algumas horas com os olhos ainda com contornos pretos. Nada que uma boa água e sabão não resolvesse.

Duda me ajudou a tirar a maquiagem. Pois tem sempre um dos seus preparados especiais que faz durante o banho, os quais chama de “poções”. Aliás, sobre isso, uma de suas poções foi parar dentro do meu shampoo, até ai, nada demais, pois os preparados eram sempre feitos com água e sabão. Só que daquela vez, ela resolveu acrescentar creme hidratante! E dizia:

— Vovó, não se preocupe, esse hidratante vai deixar o seu cabelo mais macio.

E deixou mesmo, ela tinha toda a razão, não conseguia nem mesmo penteá-lo, de tão cremoso que estava. Valeu a diversão, com ela sempre vale.

O que deixa a nossa relação cada vez mais forte é essa parceria. Parceria de amor. Ela sabe que pode contar comigo hoje e tenho certeza de que vou poder contar com ela amanhã.

Acho que nessas situações divertidas faria a seguinte poesia para ela:

*Poder rir e brincar com você todo dia
É sentir o coração batendo em harmonia
Como se fosse uma grande orquestra
A música se instala na alma
O coração fica em festa
Me sinto amada e mais calma
Sintonizadas seguimos nessa melodia
Que nossas vidas sejam sempre de alegria.*

Passaria horas falando e contando coisas de Maria Eduarda.

Só tenho a agradecer por ela fazer parte da minha vida. Cada minuto que passo com ela, transforma-se em um tempo maior que terei de vida. Ela alimenta meu coração todos os dias com seu carinho e amor. Com um simples “boa noite, vovó, amanhã a gente brinca”, “dorme com os anjinhos”, “eu te amo”. Ou aqueles pequenos desenhos que ela faz, especialmente, pensando em mim. Uma dobradura que colocou uma sobre a outra, para demonstrar que estava abraçando sua vovó. Maria Eduarda é puro amor e pura emoção. Menina amada, sabe o que é amor e exala emoção.

Anna Abelha é pedagoga, com especialização em Orientação Educacional, escritora, com livro registrado na Biblioteca Nacional *A casa da vovó Ninita*. Foi profissional da área de RH e se aposentou em 2015, quando sua neta nasceu. Foi ela a sua fonte de inspiração para começar a escrever.



Antonio **DIOMEDE**
MARIA ALICE Bahia Diomede



O Avô – Netas e delícias

Ter a imensa felicidade de possuir netos ou netas é relação humana de alto potencial satisfatório e que se apresenta quase regularmente para a maioria das pessoas. Sabendo administrar bem essa relação, conseguimos um retorno afetivo que bem preenche parte de nossas vidas psicológicas. Alguém disse que ter netos é tão bom que deveriam vir antes dos filhos...

Embora nós tenhamos três filhos, fomos agraciados com só duas netas. Mas está bom demais. Nós nos damos muito bem, uma já está com 32 e a outra com 26 anos. Uma trabalha no exterior, em eventos ligados à Disney, e fica bons períodos fora daqui. A outra mora nos Estados Unidos, para onde foi com 3 anos, e a vemos muito pouco.

No ano de 2014, resolvemos fazer uma viagem familiar para a Itália, onde completei meus 80 anos de vida. Formamos um grupo de oito pessoas viajando juntas e no hotel de Roma passamos a noite do meu aniversário.

Nem estava pensando em presentes, quando subitamente recebi uma caixinha contendo 80 recortes de cartolina em forma de coração, com frases voltadas para o jocosos, mas muito emocionantes, por reconstituírem, naquele pequeno gesto, os muitos anos da minha caminhada terrena junto aos meus.

Tive a ideia de publicar parte dessas frases, para compartilhar com os leitores uma fração da emoção que elas carregam:

1. Apelido 01 – Tico
Apelido 02 – Tônio
Apelido 03 – Bem
Apelido 04 – Paiê
Apelido 05 – Véio (às vezes, véio louco)
Apelido 06 – Sogrinho
Apelido mais importante – Vô
Telefone mais importante ainda – 0800 vovô

Características

2. Acredita na liberdade dos pés: Está sempre tirando o sapato
3. Explorador de estradas: Segue caminhos que não conhece, para ver onde vão dar
4. Poeta dos guardanapos: Nos restaurantes, fica fazendo versinhos engraçadinhos mexendo com as netas
5. Galinha choca da família. É mesmo
6. Sua melhor qualidade: Suas netas
7. Adora ensinar e explicar
8. CDF do espiritismo
9. Sempre pronto para passear
10. Sempre sabe o caminho
11. Guarda de trânsito da residência (isso porque a mais velha, quando ainda pequena, morou durante algum tempo na minha casa e vinham brincar com ela amigas da escola que traziam suas maletas. Então organizei um sistema de estacioná-las em ordem, sujeito a multas)
12. Deixa bilhetinhos pela casa
13. Rei do “cochilinho”: Toda tarde, durante 20 a 30 minutos. É do regulamento
14. Unidade de medida: Passinho – como trabalha com assuntos imobiliários, às vezes é preciso medir um terreno sem dispor da trena. Usa o passo que alcança cerca de 80 centímetros.
15. Adora dar “chapos”: É um sistema de agradá-las, com a mão em concha, atingindo suas partes fofas

16. Tio Didi: Apelido que tinha quando coordenador do colégio Doze de Outubro
17. Quem compra uma mina de talco na Bahia?
18. Obrigado por fazer nossos pais. E a tia Bia também
19. Pessoa ideativa
20. Sempre tem uma piada infame

Aqui estão 20 das 80 frases da caixinha. As outras são de cunho mais particular, que encheram meus olhos de lágrimas e meu coração de júbilo imenso que transborda até hoje quando penso nelas.

A Avó – Minhas queridas netas

Quando a gente fala dessa forma, parece que estamos nos referindo ao convívio de deliciosas crianças ao nosso redor. Mas só parece, pois minhas queridas netas têm 32 e 26 anos, duas mulheres maduras em busca de seus caminhos.

Acompanhar essa busca, mesmo que a distância, traz um sentimento de continuidade, de grupo, de compartilhamento que me preenche de algo difícil de explicar em palavras. É um sentimento especial, diferente, indefinível. É preciso viver para compreender.

Quando digo “a distância”, é porque a caçula, nossa querida Fernanda, mora nos Estados Unidos desde seus três aninhos e foi dóido vê-la ir embora. Hoje, percebo que essa distância trouxe outras riquezas como o esforço para ir visitá-los e participar dos eventos importantes da vida dela lá, como se aqui estivesse. Pudemos vivenciar a formatura da *middle school* e depois a formatura do *college*, assim como tanto vemos em filmes e para comemorar com ela, pudemos viver *in loco*. Foi muito legal!! Ela se formou em Engenharia Têxtil e trabalhou na área por um ano e pouco, mas hoje migrou para o campo de TI, e está indo muito bem, felizmente. Essa menina (para os avós são sempre “meninas”) adora ler e eu também e, ainda que em estilos e línguas diferentes, a gente sente um ponto em comum e logo trata de dizer, brincando:

— Puxou por mim!

Que avó nunca falou isso?

Ah! Agora vou falar da outra, a mais velha, Luisa, falante e barulhenta. Os pais moravam no Rio de Janeiro, mas ela veio nascer

em São Paulo e lá estava eu, como uma avó tradicional esperando sua chegada. A partir dali, entrou em nossa vida e foi invadindo... invadindo... Até que ocupou um espaço sem fim.

Como assim? Que espaço foi esse?

Era um tal de ir ao Rio, que já conhecia a Dutra de cor. Para ver a neta, pé na estrada! E parece incrível, mas 32 anos se passaram e ainda “vejo a cena e ouço a pequena”, em pleno morro no Jardim Botânico, a olhar para o avó, que se banhava numa cachoeira (Ufa! Que calor!), apontar para ele e dizer:

— Vovô man banho.

Tradução: “Vovô tomando banho”. Como é isso no coração e mente de uma avó? Só outra vó para explicar...

Essa neta cresceu, veio para São Paulo, voltou para o Rio, veio para São Paulo de novo e morou quatro anos conosco. Que gostoso lembrarmos desses anos em que tínhamos de novo uma criança bagunçando o dia a dia. Tagarela, observadora, estudiosa, menina gostosa de se conviver. Então começou um tal de balé – uma experiência de quase 90% das meninas. Coisas da nossa cultura e... Vamos lá.

A família reunida se apronta para assistir à apresentação de fim de ano. O espetáculo: *A Pequena Sereia*... Passa-se um ano e, de novo, *A Pequena Sereia*. Virou um *hit*, se usarmos um termo de hoje que na época não existia.

— E aí, Luisa? Vai ter *A Pequena Sereia* este ano?

Ela cresce um pouco mais, vai morar em sua própria casa e a curtição muda de cenário, mas não muda a participação. Lembram-se de que ela invadiu a vida da gente? Pois é: começou a dar “pitacos” que a gente não se esquece:

— Vó, eles só vêm ver o apartamento, não sua arrumação...

— Vó, é só um exame, pra que tanto nervosismo?

— Vó, se o vovô não quer comer isso hoje, pra que insistir?

— Vó, se você não queria ir, por que falou que ia?

Com a criança, a gente percebe as próprias incoerências. Netos ensinam a gente e esta é uma beleza a mais na experiência de ser avós.

Essa neta se forma e seu trabalho a leva a um longo *tour* profissional pelo mundo. Ela fez o curso superior de audiovisual no Senac e, depois de formada, trabalhou em várias peças de teatro no setor técnico, até ser contratada para participar da equipe da montagem do *Rei Leão* em São Paulo. Dessa experiência, na qual se saiu bem, veio o convite para

participar do *tour* do Rei Leão em países da Ásia, por onde circulou ao longo de três anos.

Para viver com netas longe, temos diploma com louvor! Bendita tecnologia que nos mantém em contato. Até o nome da cachorrinha que resgatamos na rua foi dado por ela, que estava em um país da Ásia.

— Vó, chama de Scopa... Você e o vô gostam de jogar “scopa”.

E assim foi feito. Palpite de neto tem força!!

Enfim, amigos leitores, falta falar do relacionamento dessas preciosas netas que distantes em latitudes e longitudes, tendo partilhado muitos momentos preciosos quando pequenas, se comunicam e trocam “figurinhas” a distância, alimentando um sentimento de amizade que enche de alegria nossos corações.

A gente fica com um pouquinho de “dor de cotovelo” por desejar também ouvir as fofocas de cada uma, mas... é natural, concordam? Elas têm quase a mesma idade e vivem o mundo de hoje.

Ser avós é muito bom, é muito rico, é muito acalentador mesmo quando vivem longe estão sempre pertinho de nossos pensamentos e de nossos corações.

É tão interessante notar que uma neta é falante, agitada, mil programas e a outra mais introspectiva, comedida para falar, sensível, emotiva, bem diferentes, enfim, mas têm em comum um profundo interesse pelo bem uma da outra e da família como um todo.

Assim posso terminar minhas palavras de avó dizendo com toda a alma: Filhos e netos são uma bênção que agradeço sempre por existirem!!

Antonio **Diomede** (*O Avô*) é contador de formação, mas ligou-se ao ensino, tendo trabalhado como coordenador no Colégio Doze e Outubro e, ingressando nas lides da doutrina espírita na Seara Bendita, veio a ser expositor, diretor de ensino, membro do Conselho e editor da revista *Seareiro*.

Maria Alice Bahia Diomede (*A Avó*) é mãe, avó, tia, amiga – os melhores papéis em sua vida. De acréscimo, psicóloga clínica aposentada, expositora e professora da doutrina espírita ao longo da vida.



Chegadas e partidas

Quando viu a mala vermelha, aquela com que havia tanto brincado naqueles dias... chegando à porta de saída e a porta se abrindo, com o táxi me esperando, então ouviu:

— Vamos nos despedir da vovó, agora.

Tudo se confirmou. João parou, imóvel na porta se encolheu todo por dentro... Paralisado, me olhou com os olhos mareados... Brotaram lágrimas num choro sentido e silencioso, foi como um grito surdo... Uma dor sem fim.

Viu e entendeu pela primeira vez que as pessoas vão embora, partiam... Como assim? Sentiu-se fragilizado... Impotente, assim como todos nós, chorou: pai, mãe e avó.

João tinha 4 anos, não podia fazer nada, era uma mistura de sentimentos de partida, de saudade. Chorou inconsolavelmente por 40 minutos.

— Não há palavras para certas coisas, João, você tem razão.

Me fez pensar durante o caminho para o aeroporto, como a “distância” e a “saudade” podem ser mais cruéis para as crianças, pois ainda não tem a real dimensão da partida e da chegada, nem da distância ou da saudade.

— Não seria eu que gostaria de te ensinar ou de te fazer perceber isso. Não eu, meu neto. Isto me quebra toda por dentro. Quero que você saiba que, assim como cheguei, fiquei. Lemos histórias, passeamos, brincamos e rimos muito juntos. Fui embora, sim por um tempo, mas, eu voltarei. Chegarei novamente. Nos falaremos agora pela *internet*

muitas vezes. Quantas vezes quisermos.

E ele sempre me repete:

— Vem, ó, ó...

Com o sinalzinho do avião em suas mãozinhas.

— Sim, eu voltarei, em breve!

Todos os dias, quando o seu pai vai buscá-lo na escola, João quer fazer o mesmo caminho em que me encontrou no meio da calçada um dia desses, com a mala vermelha.

E repete... repete o mesmo caminho, todas as semanas, na esperança de me reencontrar no meio do caminho, de volta para sua casa, assim como quando eu cheguei.

Querido João,

Nos encontraremos, sim. Não hoje, nem agora. Mas vamos em breve estar juntos novamente, na mesma calçada. Pode me esperar. Eu voltarei! Da mesma maneira que te fiz perceber a "partida" e a "saudade", também quero te ensinar que "voltamos", sim, "chegamos" de volta ao "ponto de partida". Vai ver! Espere. Mais tarde, e quem sabe algum dia, quando você crescer mais, eu possa lhe mostrar também que quando não enxergarmos mais o caminho de volta para o ponto de partida é porque tudo mudou. E muda... As coisas mudam com o tempo, algumas vezes, e nós mudamos também com a vida. Não tenha medo. Construímos pontes, damos outra volta, viramos a página e vamos chegar ao lugar que queremos, a um novo lugar e construiremos novas lindas histórias. Muitas! Tudo ficará bem, pois tudo passa. Acredite, eu sei do que estou falando. Tenha paciência e esperança.

Acredite sempre em você, em Deus, na sua família e no amor. Família é o que temos de mais importante na vida. Nossas raízes são o nosso alicerce. Com eles por perto seremos felizes e ficaremos sempre bem. Cuidem-se bem.

Vovó te ama muitoooooo e você está sempre comigo no meu coração, onde não há distância, só a saudade.

Da Vovó Bia

Escrevi esta carta ao meu neto João Pedro com toda a emoção que sentia ao voltar de Londres para o Brasil e enviei para ele pelo correio. Saberá de toda a emoção que sentimos entre as chegadas e as partidas.

Meus filhos moram fora do país. Sempre chego em suas casas e vou logo “corujando” meus netinhos, *full time*³, radiante de felicidade e parto sempre dividida: feliz, tranquila, mas de coração pequeno e apertadinho, com nó na garganta e já cheia de saudade. O sentimento é mútuo.

Levo comigo tantas histórias nossas e muitos registros de fotos dos momentos maravilhosos que passamos juntos, que serão capazes de preencher e alimentar nossos corações em ambos os lados, até nosso próximo reencontro aqui ou lá... seja onde for, então será.

A saudade mora em mim faz tempo! Chegadas e partidas viraram rotinas.

Enquanto esperamos, vamos nos falando *on-line*, sabendo como estamos indo e seguimos em frente; cada um no seu lugar! A espera se torna mais leve.

Sim, dá para ir matando a saudade assim.

Interajo com meus três netos sempre de uma maneira prazerosa e intensa, salpicada de historinhas, brincadeiras, músicas e dancinhas, de acordo com a idade e as suas preferências, fazendo com que seja única. A nossa marca, corações unidos onde tudo se ilumina. São os meus momentos preferidos do dia. Aos poucos eles vão aprendendo que partimos, mas que também chegamos de volta.

Sei que criamos nossos filhos para o mundo, o que eu não sabia era que ele era tão grande. Nem imaginei o quão longe podia ser. Imenso! Eu os ensinei a sonhar, a correr atrás dos seus sonhos, a criar asas e voar... e assim foi. Voaram alto, para longe!

Cada desafio que encontram é uma nova aprendizagem em que precisam “repensar” e muitas vezes se “reinventar”, em busca de seus caminhos e, acreditem, sempre encontram uma saída. Tudo passa!

Eu me realizo assistindo e participando das suas conquistas, de cada sonho que compartilham comigo: novos trabalhos, a compra ou troca da casa ou do carro novo, sonhos e propósitos de vida, tudo. Cada vitória deles é minha também, tudo tão nosso.

Meu Noah, o americaninho, meu caçulinha e Eva, minha princesinha franco-brasileira, única menina, são meus netinhos menores, têm 2 anos, e eu tenho acompanhado o seu desenvolvimento semana a semana *on-line*. Estão graciosos e sapequinhas descobrindo o mundo toda a sua

3 Tempo integral. (NE)

frente, cada um à sua maneira, com todo o encantamento e entusiasmo das descobertas que traduzem no brilho e sorrisos de seus olhares. Fazem tantas artes engraçadinhas que me dá vontade de voar até lá na hora, só para poder apreciar melhor. Estou louca para abraçá-los novamente, em breve estaremos juntos. Moram em Miami e Paris.

Ah! O João mora em Londres, está desabrochando e descobrindo um novo mundo cheio de sons. Um mundo em que ele tem ansiedade e pressa para experimentar tudo, por dentro e por fora. Parece correr atrás do tempo perdido, lá atrás, não quer esperar, não quer perder mais tempo.

Seus olhinhos espertos e vivos têm um brilho especial. Carregado de emoções pulsantes. Rápido, ele aprende tudo e observa muito. Independente e decidido, resolve tudo o que consegue ou pensa que pode ao seu modo. Determinado, persistente e inteligente como seus pais. Atrapalhado, como muitos da nossa família, que o torna marca registrada dos Perez.

Lindo poder presenciar isso tudo de perto, ao vivo, junto com seus pais, isso eu sei que é para poucos. Ultimamente, tenho ido mais vezes a Londres para ajudar na recuperação auditiva de João. Temos muito o que brindar nessa etapa da sua jornada. É longa, mas já foi dada a largada e está indo de vento em popa. É muito bom ele poder estar em um país de primeiro mundo, onde a saúde é levada a sério e poderá ter acesso com facilidade a todos os tratamentos mais modernos, os melhores existentes, para o seu implante coclear.

Penso que meus netos têm muita sorte em ter pais tão especiais, atenciosos, amorosos, dedicados, preocupados, trabalhadores, pacientes, persistentes, bem informados, corajosos e resilientes. Dizem que escolhemos a família que vamos querer ter antes de vir ao mundo, eles não poderiam ter escolhido melhor.

Família é o bem mais precioso que temos na vida! O que realmente nos importa. Muitas vezes, entendemos melhor nosso próprios pais, quando nos tornamos pais. Parabênizos meus filhos pela sua coragem e seu empenho, cada um deles: Bruno, Michelle e Carina, minha enteada, por estarem formando suas lindas famílias, cheios de afeto e amor. Que continuem assim sempre com seus parceiros: dialogando, se amando, se protegendo e se respeitando sempre. São os meus verdadeiros heróis. É

um privilégio poder participar juntos deles de tantas coisas boas.

Gostaria que soubessem que os momentos em que estamos juntos são para mim únicos e maravilhosos. Inesquecíveis! Marcam muito, ficam para sempre registrados na minha memória e no coração e posso (re)visitá-los sempre que tiver saudade. Faço isso com frequência.

Poucas mães têm o privilégio de conviver por tanto tempo com a família dos filhos, depois que se casam. Certamente não assim, dia e noite, e por tanto tempo juntos. Cada vez que viajo para estar com eles, fico sempre mais de um mês.

Deus nos deu a distância e a saudade sim, não podemos estar juntos sempre que quisermos durante muitos meses do ano. Mas nos reservou algo bem melhor: corações e mentes sempre unidos, conectados pelo pensamento e pela alma. Nos presenteou com algo maior. De tempos em tempos temos muito mais do que a maioria das pessoas têm.

Deu-nos momentos especiais, em que estamos juntos e que são vividos com tanta intensidade, cheios de ternura, afetividade, cumplicidade, avosidade, cuidados e amor como nunca pensamos em ter.

Descobri que há momentos em nossas vidas que nem o tempo ou a distância são capazes de apagar. São as nossas histórias sólidas construídas, cheias de ternura.

Sinto-me abençoada por isso e tantas outras coisas que recebemos. Gratidão! Que Deus os abençoe e os proteja, sempre. Até breve!

CARLA Betta



A magia de ser avó

O AVÔ E O NETO

*Ao ver o neto a brincar,
Diz o avô, entristecido,
Ah, quem me dera voltar
A estar assim entretido!
Quem me dera o tempo quando
Castelos assim fazia,
E que os deixava ficando
Às vezes p'ra o outro dia;"*
(...)

Fernando Pessoa

Naquele dia, fazia uma semana que minha filha estava pesquisando preços de passagens para retornar ao Brasil. De repente, sou chamada:

— Mãe, liga o vídeo, porque eu quero conversar com você.

De pijama, descabelada e estranhando a necessidade do vídeo, fui pega desprevenida. Minha menina ao lado de um rapaz, que eu estava conhecendo naquele momento, muito bonito e gentil e ela mostrando-me um lindo anel no dedo. Ambos sorriam de olhos brilhantes. Mesmo com a dificuldade do idioma, porque mal falo inglês, o rapaz americano faz questão de dizer sobre o seu amor e que prometia cuidar dela e protegê-la. Sentimentos ambíguos e muita esperança no ar.

Providenciaram minha ida ao casamento que tinha poucos convidados e muita união. Não chorei, eu me debulhei em lágrimas. Vivo, desde

então, uma saudade crônica e doída, entremeada de comemorações e conquistas.

Poucos anos passaram, estava em casa, algumas pessoas comigo. Minha filha me liga, com vídeo. Decido atendê-la no quarto. Era o casal. Meu genro me pergunta, em inglês:

— Como se fala *grandma* em português?

Não me dei conta. Respondi:

— Vovó.

Eles caíram na risada. Enfim, percebi. Chorei copiosamente. Meu filho vem a mim e dá um abraço, supondo alguma má notícia. Empunhando o celular, saí pela casa aos berros e repetindo:

— Eu vou ser avó!!!!

Emoção sem limites explodindo para todo lado. Consegui férias e recursos para estar presente na ocasião do nascimento da Emily. Sim, uma menina. Nascia uma neta, mas também nascia uma avó e uma mãe: amorosa e com muito bom senso. Bem melhor do que eu, graças a Deus. Gosto de pensar que contribuí para essa excelência. Tão mirradinha e tão cabeluda ela chegou, nossa bebê, minha neta. Meus braços viraram ninho para a passarinha mais delicada e bonita do planeta. Cresceu lindamente, com belas e encaracoladas madeixas.

Acompanhei-a e a acompanho via *internet*, por fotos e vídeos. Doce amargor o da saudade, que se tornou ácido quando ela, bem bebezinha, foi internada. Nó no meu peito pelo sofrimento de mãe e filha. Já passou.

Apaixonada por dinossauros, minha neta sabe o nome de várias espécies. Brincamos que ela é um dino, rosnando para mim e eu fingindo medo. Ela cai em gostosa gargalhada. Sempre que conversamos, nos despedimos com algazarra:

— Tchau! Tchau! Tchau...!!! — e jogando mil beijinhos uma para a outra.

Tenho um canal no YouTube onde conto histórias, às vezes Emy me assiste.

“Era uma vez uma princesa de cabelos longos e encaracolados que morava em uma floresta colorida, verdes de tantos tons que nem conseguimos imaginar, flores furta-cor, matizadas em rosa bebê, vermelho sangue, amarelo maracujá e violeta. Guerreira e protetora dos animais, caçador nenhum entrava na floresta sem levar uma flechada e sair correndo. Tão veloz ela era, que eles não percebiam quem os atingia. Descansando embaixo de uma árvore, senti um vento mais

forte. Era o bater de asas do Anjo: “Menina, é chegada a sua hora. Você irá para o planeta Terra e lá ganhará um nome. Será recebida por papai e mamãe. Além deles, quem a amará e a cuidará será a vovó.” Ela fez cara de muxoxo. “Menina, não se preocupe. Você será muito feliz.” “Agora, feche os olhos.” “Pela magia do Anjo, a menina foi diminuindo até se transformar em um bebê. O Anjo a carregou nos braços e a levou ao seu destino. Os pais a chamaram: Emily.”

Logo após Emy ter completado 2 anos, veio com a mãe para o Brasil. Fizemos uma segunda festa de aniversário para amigos e parentes brasileiros. Melhor comemoração de todas! Em breve, esse momento se repetirá. Alegria. A casa se transformará. Emily ainda não manifestou o que deseja como presente de aniversário. No entanto, pediu aos pais um coração, uma maçã e um cavalo para o Natal.

Ela é esperta e linda. Você pode estar pensando: “Coisas de vó”. Mas, ela é tudo isso e bem mais. Amável com os animais, tem uma gata e uma cachorra paciente, com a qual interage bastante. Quando nos falamos, ela sempre me pede para ver a “Miú” (Milu) e a “Una” (Luna), as minhas cachorras.

Mais de sete mil quilômetros nos separam. Ser avó, nessas circunstâncias, em nada se compara com o texto *A arte de ser avó*, de Rachel de Queiroz. A distância não me permite mimá-la, nem a abraçar ou encher suas bochechinhas de beijos. Como os corações partidos dos adolescentes, desenhados em seus cadernos universitários, convivo com uma ferida aberta. Escrevo neste ano de 2020, em que fomos solapados pela pandemia do coronavírus e sequer pude ir visitá-los.

Vivo na ansiedade da próxima viagem. Ossos do ofício de ser avó. Como uma varinha de condão, as palavras “Você vai ser avó” colocam o seu mundo de cabeça para baixo e a transformam em rio caudaloso e transbordante de amor.

Dessa vez, não virão para o Brasil apenas Emy e minha filha. Mas, para vocês entenderem, precisamos entrar no “túnel do tempo” e caminhar um ano e meio no passado, quando fui ao Estados Unidos pela última vez. Acabara de chegar. Todos na sala e me deram uma linda sacola de presente. O laço apertado impediu-me de abrir logo. De dentro, retiro uma camiseta de criança. Estranhei. Ao ler o que estava escrito nela, fiquei totalmente sem fala, cara de espanto e olhos esbugalhados. Lia-se: *I’m going to be a big sister*, isto é, “Serei uma irmã mais velha”. E minha filha arremata:

— É a camiseta da Emy.

Eu ria e chorava, chorava e ria, emitindo um som muito esquisito e, por fim, chorei de verdade. Minha neta se assustou e engoli o choro.

Outro sentimento indizível e incomensurável. Imaginei que, se houvesse uma segunda vez, não me emocionaria tanto. Ledo engano, meu coração disparou. Julian, sim, dessa vez um menino, estava previsto para nascer nos últimos dias de abril e assim foi. Isso se deu no fatídico ano da pandemia. Não pude ainda sentir seu cheiro, apertar suas mãozinhas e aninhá-lo em meus braços.

“Enviado pela magia do Anjo, ele é lindo! Morava entre as nuvens, pastoreando bezerras. Sensibilizado com a orfandade do seu rebanho, desenvolveu alergia à proteína do leite. Quando o Anjo pisou nas nuvens fofas e azuladas para trazê-lo à Terra, os olhos de Julian faiscaram. Estava ansioso por conhecer sua companheira de viagem, a irmã. Chegou.”

Muito esperto e vivaz, já quase engatinha. Ainda não sabemos se seus cabelos serão encaracolados ou lisos. Olhar inteligente e curioso, como o da sua irmã. Cada criança sente ciúmes do irmão menor do seu jeito. Emily parece não sentir ciúmes, mas de vez em quando ela tem rápidos e intensos momentos de mau gênio. Serão ciúmes? Ao se relacionar com Julian, ela é toda dengosa. Beija. Abraça. Pede para carregá-lo (encostada na cama ou no sofá, sob a supervisão de um dos pais).

Certa vez, minha filha estava atarefada na cozinha e Julian, em sua cadeirinha, começou a chorar. A mãe correu para atendê-lo. A irmã balançava a cadeirinha do bebê e conversava com o Julian para que não chorasse mais. Assisto aos vídeos que me são enviados e há momentos de pura emoção. Recentemente, naquela loucura de mãe que fica sozinha com os dois filhos, sem rede de apoio, minha filha deixou a menina brincando na sala e Julian dormindo, enquanto tomava um banho muito rápido. O bebê chora. Nem podendo se secar, minha filha corre para ver como estavam e a doce irmã estava cantando para o Julian parar de chorar.

Quando minha neta nasceu, encomendei e a presenteei com uma boneca faceira com seu nome bordado no vestido. Não vejo a hora de dar ao Julian o boneco com seu nome bordado na roupa. Um marco, mais do que um presente. Boneca e boneco são semelhantes para não fomentar ciúmes. Para se lembrarem da avó brasileira. Quando pegarem, cada

um, o boneco no baú da sua maturidade, que se recordem de mim. Dessa vovó meio amalucada, distante, mas presente, cujo coração cresceu mais do que o mundo quando lhe avisaram que seria presenteada com netos.

Carla Betta, 61 anos. Habitou-se à leitura desde cedo. Mãe orgulhosa de um casal de filhos e avó “babona” de um casal de netos. Psicóloga, apaixonada pela contação de histórias e amante dos livros, tem dois canais no YouTube (“Carla Betta Contando Histórias” e “Carla Betta Lendo para Você”) e um no Instagram (@carlabetta.historias) sobre essas paixões. Eterna estudante, cursa arteterapia.



DEILZA Lessa



Um amor para ser vivido, contado e eternizado!

Vó, vovó, vozinha... Palavras doces que confortam o coração e iluminam a alma.

Com o passar do tempo e crescimento das minhas filhas, sinto saudade de ouvir daquelas amadas pequeninas dizendo “mã, mamãe, mãezinha, mãieeê”... Como mãe apaixonada e dedicada que sempre fui, sou partidária do sentimento de que toda boa mãe deveria ter o poder de voltar ao tempo em pequenos flashes, em um “de volta para o passado”, para curtir mais uma vez a sua cria em momentos de intensa saudade. Risos.

Talvez eu nunca consiga traduzir com palavras aquele imenso amor em meu coração e assim rememoro, por ser tão sublime, de intensa grandeza, gratidão e beleza. Gostaria muito de revivê-lo, não só na memória e no coração, como costume reviver, mas na prática, e, claro... tenho consciência dessa completa e absoluta impossibilidade, que não passa de desejo, de minha viagem ficcional.

Após muitos anos, como recompensa, ouço um estimado pequenino chamando por mim. Só que dessa vez sou chamada de vovó. Muito gratificante, emocionante, que me leva à retrospectiva de minha vida e me enche de amor no coração!

Quando adolescente, considerava que se eu conseguisse na vida adulta me habilitar para dirigir um veículo e ser mãe, eu seria uma

heroína. Eu me casei e tornei-me mãe muito cedo. Tudo aconteceu de modo tão veloz que não atinei para a grandeza do meu feito. Ser mãe é ser heroína mesmo! Mas – creia – ser avó também é. E claro, já era habilitada para dirigir, mas havia me esquecido desses pensamentos (risos).

Minha vida era tão corrida, quanto a de tantas mulheres que se encontravam na mesma fase que eu. Porém, com o agravante da ruptura do meu casamento, eu tinha que conciliar trabalho, filhas pequenas, casa, as faltas da babá, entre outros imprevistos, no papel de mãe e de pai – uma tarefa muito difícil para uma garota administrar sozinha.

Nos anos 80 não havia tantas opções de escolas e creches e meus pais (hoje falecidos) na época moravam em outro estado. E não podia contar com o pai delas, infelizmente.

Essas ocorrências não me permitiram curtir a infância e adolescência das minhas filhas como eu gostaria, embora eu procurasse aproveitar bem os meus momentos de folga, quando me dispunha a desfrutá-los completamente na companhia delas. Amava finais de semana, alugava bons filmes, comprava guloseimas e ficava em casa com elas... Momentos inesquecíveis e os melhores da minha vida.

Anos depois, minha filha mais velha se casou e mais adiante, quando eu soube que ia ser avó, foi imensa a minha felicidade. Acompanhei todos os passos da gravidez de minha filha, nascimento do meu neto Henrique, e até hoje procuro estar presente o máximo possível. Infelizmente, meu neto não mora tão próximo de mim, embora na mesma cidade.

Fui agraciada na minha vida com muitos presentes. Mas os mais valiosos foram três: minhas duas filhas e meu neto. Três grandes bênçãos!

Quando peguei meu neto no colo pela primeira vez (ainda no hospital), foi uma emoção indescritível de prazer, amor e felicidade. Entendi que essa era a primeira parte maravilhosa de ser avó. Ganhei um bebê prontinho, um presente dos deuses. Sem gestação, nem amamentação, sem parto, sem dor, é só amor! Uma bênção mesmo (risos) Sou avó coruja, claro! Passei a ensiná-lo a falar “vovó”. Ele, ainda bebê, aprendeu e vivia dizendo “vovó, vovó”. Cá entre nós, acho que até a mãe dele teve um pouquinho de ciúmes. (Epa, agora ela nem pode ler este livro. Brincadeira!)

Meu neto foi literalmente um bebê apaixonado por mim, essa vovó coruja, e eu por ele, claro! E assim somos até hoje. A partir de um

aninho, uma vez por mês, ele passou a ficar o fim de semana em minha casa, e aí... era – e é – uma festa! Ele nasceu de oito meses nos dando um enorme susto. Mas, de recuperação surpreendente, nem ficou na incubadora. Ele é mesmo iluminado, graças a Deus!

Quando tinha um ano e oito meses, já conhecia e falava o nome de todas as cores e frutas. Aos dois anos e meio já conhecia e falava todo o alfabeto e os números. Naquela ocasião, ele pediu para a mãe comprar um brinquedo com letras e números. Minha filha comprou e ele sozinho montou o alfabeto completo e os números, no formato espiral de Fibonacci. Quem identificou essa maravilha foi uma colega que estuda comigo. Ela ainda acrescentou:

— Esse menino está dizendo a vocês que sabe a que veio para este mundo.

Fiquei curiosa e fui pesquisar. Descobri que Fibonacci foi um matemático italiano nomeado como o primeiro grande matemático europeu da Idade Média, século 13. Fiquei admirada. Mas ele aprendeu tudo muito cedo. Eu lhe ensinei a jogar dominó, baralho, entre outros jogos. Ele adora competição e jogos. Jogamos baralho (buraco) e ele só quer fazer canastra limpa, e às vezes faz!

Aos 4 anos, ele me disse que queria escrever um livro. Expliquei que ele era muito pequeno e que primeiro precisava aprender a ler e a escrever. Na pandemia, fui alfabetizá-lo com aulas *on-line*, ele com quatro anos e meio. No primeiro dia de aula, descobri que ele já sabia montar palavras, lia e escrevia. Fiquei intrigada e ri muito. Danadinho, aprendeu sozinho a ler e a escrever antes de completar 5 anos.

Dias depois, quando estava fazendo pão caseiro, a mãe dele foi surpreendida. Sozinho, ele escreveu um recado em uma folha de sulfite e o entregou para ela:

— MAMÃE POR FAVOR TERMINA LOGO DE FAZER ESSE PÃO DE TARTARUGA!

Exatamente assim. Minha filha e meu genro ficaram surpresos, todos ficamos! Guardamos o recado (risos).

Minhas lembranças com esse pequeno são maravilhosas. Lembrome de buscá-lo na escolinha, ele, aos três aninhos, vinha todo feliz quando me via. No carro ele observava o dia e me chamava a atenção para apreciar o sol, dizendo:

— Vovó, olha que sol lindo, todo amarelo.

À noite em minha casa ele me chamava para contemplar a lua e dizia:

— Vovó, olha a lua como está linda, ela está andando... Parece que está brincando comigo de se esconder.

Até hoje ele aprecia o céu, os astros e me diz:

— Vovó, eu adoro música que fala de amor.

Nossa, que fofura! Eu fico encantada com a doçura dele.

Sempre que ele passa o fim de semana comigo, não se esquece dos tios, minha filha e meu genro. Ele liga para eles e os convida para virem em minha casa. E aí brincamos muito, de fantasma, esconde-esconde e diversas brincadeiras. Todos nós, adultos, incorporamos a nossa criança interior e brincamos em uma grande festa.

Desde bem pequenino, logo ao entrar em minha casa ele observava tudo e me dizia:

— Está tudo tão arrumadinho... Você arrumou pra mim, vovó?

Até hoje é assim. Pergunto o que ele quer comer e lhe dou opções. Ele me responde:

— Você comprou tudo isso pra mim, vovó?

E eu respondo que sim! Ele é mesmo um ser incrível, adorável, grande observador e retribui com amor e atenção o que recebe. Quando lhe digo:

— A sua voz é linda.

Ele me responde:

— A sua é muito mais, vovó.

Agora ele está na fase de querer brincar de ser entrevistado e eu sou a repórter. Mas esse danadinho chega a minha casa com grandes sacolas de brinquedos e um *check list* na cabecinha. À noite, antes de dormir, lembra-se de todos os brinquedos que brincamos e dos que faltam para brincarmos no dia seguinte.

Eu disse a ele:

— Henrique, a vovó vai participar de um livro sobre a vovó e você. Você quer me ajudar a escrever?

Ele me olhou e nada respondeu. Então eu lhe perguntei:

— Você quer que eu escreva o que nesse livro sobre você?

Ele pensou e respondeu-me:

— Pode dizer que sou bagunceiro! — e sorriu.

E eu também! Na somatória dessa minha gratificante experiência, tenho certeza de que me tornei mais feliz e rejuvenesço com ele. Relembro e mato também um pouco da saudade de quando minhas filhas eram pequenas. Meu lado criança aflora e muito me faz bem. Enxergo

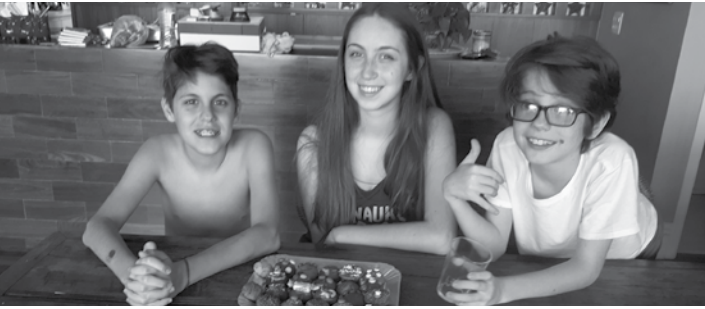
detalhes que não tive visão quando minhas filhas eram pequenas, e eu muito jovem. A maturidade de avó é uma dádiva. Esse é o meu adorável neto Henrique!

Querido Henrique, espero que você cresça e seja sempre essa linda pessoa que é. E eu, sempre uma avó feliz!

Deilza Lessa ama escrever! Quando recebeu o convite para participar deste livro, tendo como propósito falar da sua experiência como avó, de imediato apaixonou-se pela ideia e pensou: “é escrever com amor sobre amor, gratificante e belo”. E assim, aqui relata parte da sua alegria. Consultora de Recursos Humanos e escritora, duas filhas e um neto.



DIVA Maria Tamaro de Oliveira



Aos meus netos, todo amor da avó brincante que sou

A fascinante perspectiva de participar de um projeto coletivo de escrita, sobre a relação com nossos netos, me entusiasmou. Particularmente, fui fisgada pela chance de registrar passagens relevantes, deixar a memória fluir e ponderar sobre o que está por vir.

Confesso que a tarefa à primeira vista me pareceu fácil, afinal seria só escrever sobre o dia a dia, relatar situações familiares bem conhecidas e corriqueiras. Tanta coisa vivida, tanto para contar, tantos planos. Assunto é o que não faltaria.

Não foi simples assim, pois mergulho agora em um verdadeiro turbilhão de emoções, que se revelou desafiante, muito gostoso e, ao mesmo tempo, intrigante e profundo.

Meus netos estão crescidos e percebo que mal vi o tempo passar: Ana Lydia tem 18 anos, Lucas, 15 e Rafael, 13. Saudáveis, queridos, bonitos por dentro e por fora, são e sempre serão os meus amores.

Ao refletir na vida com eles, desisto de iniciar narrando o que fazíamos quando eram pequenos e como nos divertíamos. Prefiro ter como foco primeiro o que essa intimidade acrescenta em mim – no que sou hoje, na pessoa que eu me tornei.

Isso remete ao passado: quando me encontrava em plena atividade profissional, sem tempo para nada, pensava constantemente em como seria bom trabalhar só meio período como pesquisadora de tendências

sociais, área que adoro e que abracei com vontade. Na outra metade, fazia artesanato, também uma paixão.

Foi sonho, acabei vivendo uma realidade por vez: tempo integral de dedicação à pesquisa por anos e, no momento, dias livres para criar e praticar trabalhos manuais. Analisando a trajetória, parece mesmo esperado que na maturidade me ocupasse com produção artesanal, acho que isso aconteceria de qualquer forma.

O ponto que quero destacar aqui é que a área de atuação que me seduz e desenvolvo tem tudo a ver com os netos: idealizar brinquedos educativos e jogos.

É como se eu reproduzisse, nas minhas peças, a busca por tarefas atrativas para crianças e o prazer que sempre tive em partilhar com os netos. Essa procura de novidades caracterizou nossa convivência e a lembrança me acalenta até hoje.

Tudo isso aconteceu no princípio de forma inconsciente, depois eu me dei conta de que essas vivências poderiam ser uma fonte proveitosa de inspiração para a elaboração dos meus brinquedos atuais.

Justiça seja feita, é difícil saber o que veio antes, se a vontade de garimpar brincadeiras para os netos ou o prazer crescente que isso me deu, impulsionando cada vez mais que eu concebesse novos recursos.

Em mais uma retrospectiva, vejo que, desde pequena, gosto de idealizar diversões, jogar, inventar, usar a imaginação. Lembro com clareza uma vez, ainda nos primeiros anos de escola, em que me esbaldei na festa do grêmio do colégio, onde havia jogos de tabuleiro à vontade, à nossa disposição, para mim algo inusitado e muito bom.

O lúdico continuou pela vida afora me motivando. Bem mais tarde, já adulta, fiquei fascinada com o mundo de possibilidades aberto pelos brinquedos, sua simbologia e potencialidade infinita nos esforços terapêuticos com crianças. Os rumos profissionais me afastaram da clínica psicológica, mas o envolvimento com esse universo ficou para sempre.

Demorei um pouco para colocar em prática na família esse interesse, mas a intenção nunca me abandonou. Mesmo com pouca disponibilidade, por trabalhar demais, quando minhas filhas Raquel e Cristina eram pequenas, eu tentava abrir espaço para estar com elas, jogando, lendo para elas antes de dormir, brincando de casinha e de faz de conta. Juntas pintamos lindas pedras com tinta colorida, fizemos macramê e bijouterias. Meu sobrinho Cadú frequentemente se juntava a nós, desfrutando de jogos que eu trazia de viagens e preciosidades que

garimpava em uma loja de brinquedos educativos.

Mas a grande alegria nesse campo veio com a chegada dos netos. Sem obrigação de suprir o sustento, eu me vi livre para desenvolver todo tipo de estrepolia para eles.

Quando eles surgiram alegrando minha vida, eu já tinha sentido o gostinho bom de estar com crianças, por intermédio da Daniele, Bruno e Bruna, minha enteada e netos do meu marido Davi. Naquela fase, fizemos muita pintura em azulejos, jogamos pif e dominó, especialidades do Davi. Todavia, apesar de intensos, aqueles momentos eram esporádicos e espaçados no tempo.

Já com os meus netos o contato foi mais constante, longos períodos reunidos no sítio, dormir e acordar juntos. Tenho saudades daquele aconchego.

Fazíamos pinturas e colagens em qualquer superfície que estivesse ao alcance: paredes, azulejos, telas de pintura, bandejinhas de isopor, caixas e placas de MDF, figurinhas de gesso e “biscuit”, nada resistia à expansão da criatividade e aos adereços variados, como lantejoulas, botões e até penas coloridas.

Uma vez eu trouxe de viagem tintas e coberturas comestíveis, foi a época de decorarmos pães de mel e depois biscoitos e nos fartar de comer depois.

Frequentemente tínhamos convidados para essas travessuras, como o Matheus, Pedro e Ana Clara, filhos do meu sobrinho Cadú, que entravam de sola na farra.

Um dos pontos altos da época do sítio foi uma série de robôs (robolinos) que fizemos juntos, com base em caixas de cartolina de produtos variados (como creme dental e caixas de remédios), assim como potinhos de iogurte e tampinhas de plástico que o Davi pacientemente furou à máquina em sua bancada de ferramentas, originalmente para que construíssemos bichinhos como cobras, cachorrinhos e gatos, com ajuda de fios e barbante.

Os robolinos resistiram por vários anos, assim como as taças douradas, imitando as de campeonatos esportivos, que fizemos com garrafas pet recortadas, cola branca e muito glitter.

Hoje, a herança dos meus netos se concretiza nos brinquedos que idealizei e que costuro rotineiramente: o prazer da Ana Lydia em brincar com *paper dolls*, as clássicas bonecas de papel, me inspirou na invenção de uma versão de feltro, as bonecas de vestir, cujas roupas se pode trocar. O dominó de formas e cores foi desenvolvido inicialmente

quando o Lucas era pequeno e ainda não conhecia números; o jogo da velha de feltro foi inspirado no prazer que o Rafael tinha de jogar, de início perdendo muito, mas logo superando todos os outros, inclusive os adultos.

O quebra-cabeças de corações, jogo aparentemente simples, mas que se mostra muito difícil na prática, foi baseado em um que eu trouxe de viagem, um desafio e tanto para as pessoas que passaram pelo sítio, de todas as idades e profissões.

Como no tempo do sítio, a Daniele e o Davi foram os primeiros (para não dizer os únicos) a resolver o quebra-cabeças. Só que agora o Rafael também se revelou campeão!

E a coisa não parou por aí. Novas crianças surgiram na família e foram sendo envolvidas nas tarefas: Geovana, Natália, Maria Eduarda e Isaque, os netos menores do Davi, se divertiram aqui em casa com pinturas, desenhos e colagens, além de desafiar o avô no dominó. Para Pedro e Bernardo, filhos da minha sobrinha Priscila, elaborei caixinhas com material para eles montarem enfeites natalinos. Manuela e Vincenzo, os filhos mais novos do Cadú, me motivaram a criar meus primeiros *quiet books*, livros sensoriais, e atualmente são um tipo de *test drive* dos lançamentos. Finalmente, o Lorenzo, bisneto do Davi, suscitou a criação de cartões sensoriais de texturas.

Meus netos cresceram, mas o prazer continua. Estivemos recentemente em uma exposição do Sesc, onde o Lucas e o Rafael se empolgaram de verdade com a descoberta de novos jogos de tabuleiro.

E tenho que admitir que a decoração dos pães de mel com coberturas e tintas comestíveis persiste como uma tradição familiar. Ainda fizemos muita arte sobre pão de mel para o Natal do ano passado!

Diva Maria Tammaro de Oliveira é psicóloga pela USP Universidade de São Paulo), turma de 1973. Aposentada, foi pesquisadora de tendências sociais, com livros publicados na área, e professora de pesquisa na ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa) e no curso de Especialização em Pesquisa da ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). Hoje, dedica-se à criação de brinquedos educativos. Com isso, concilia seus conhecimentos em psicologia e sua paixão por trabalhos manuais e bordado livre.



DULCE Mantella Perdigão



Do álbum de família ao TikTok

Fixada na porta do quarto, a régua mostra o aumento da família e o crescimento dos netos. Alturas datadas reavivam emoções de acompanhar o desenvolvimento de cada bebê, do tamanho do braço, a cabeça na palma da mão e os pezinhos na dobra do cotovelo até o momento atual.

De neto em neto, as experiências se repetiram, evoluíram ou mudaram de acordo com o tempo, local ou circunstância. Do anúncio do nascimento, da primeira mamada, da celebração de coisas simples como o primeiro banho, cada história vai sendo registrada passo a passo e, um sem número de imagens, impossíveis de replicar no modo analógico, saíram do papel para uma nova e fantástica fonte de recuperação de lembranças nos TikToks.

Preparando a chegada do primeiro neto, numa pequena cobertura exposta ao sol escaldante de Salvador, só compensada pela deslumbrante vista do mar de Ondina, a preocupação maior era que o bebê estresse, como bom baiano, em meio ao carnaval e a gestante não conseguisse cruzar a avenida lotada de foliões. Por sorte, JL se antecipou e, com o pai participando do parto, a avó ansiosa, sozinha na sala de espera, aguarda o anúncio do nascimento. Amigos chegam a tempo de participar do momento e transmitir por Skype, novidade naquele 2009, o sucesso do bebezão de quase 5kg, do berçário ao Arizona e São Paulo. Muitos

cliques compartilhados na *web* registraram o momento, mas hoje ainda parece faltar o calor do álbum tradicional. Era do Orkut. Tic toc.

Juju foi o presente de primeiro aniversário de JL, chegando no mesmo dia e mês do irmão. Daquela vez, com presença familiar em bloco, o evento parecia mesmo uma festa ao vivo quando, de repente, a janela da sala do centro cirúrgico se fecha, o pai acompanhante é retirado da sala e outras mãos se juntam ao trabalho e afinal retiram a criança que havia mudado de posição minutos antes. Momentos de angústia e oração. Ju, também a maior bebê do berçário, é apresentada como se tivesse participado de uma briga de gatos, com alguns arranhões, mas uma fofura saudável. Tic toc.

Oito anos depois, já em São Paulo, Mari, a mãe com a mesma imensa barriga das duas gestações anteriores, pariu a irmã de JL e Ju. Mesma festa, outra família, também numerosa, reunida no restaurante-lanchonete-bar da maternidade, lotado por ansiosos acompanhantes, que param de quando em quando frente a um painel semelhante ao de aeroporto, com informações sobre chegadas de bebês. Ritmo frenético de nascimentos naquela data e uma luz rosa avisa que Alice pousou, careca linda, gorducha e rosada. Tic toc.

Nessa mesma maternidade, três anos antes, nascia Cacá, do filho Vi, o primogênito que durante muito tempo garantira ser contra casamento e filhos. Nada que uma paixão não mudasse, incluísse duas celebrações matrimoniais com a mesma noiva e uma passagem pela maternidade entre uma festa e outra. Cacá tem avó e *batiam*, avô e *ditiam*. *Batiam* e *ditiam* seguem sua rotina mais de perto e com eles aprende sobre a cultura japonesa. Em tempos de distanciamento social, a telinha é um recurso que permite a todos o compartilhamento de uma parte do cotidiano.

— Vovó, olha meu dentinho como está mole.

— Olha, caiu mais um.

— E a fada do dente, passou?

— Sim, e deixou um monte de moedas. De 5, de 100 e de 30 (sic).

Feliz, ostenta uma grande janela no lindo rostinho mestiço, decorado com olhos de mangá e farto cabelo negro. Tic toc.

Adepta de modernidades naturalistas, a caçula Kiki havia recusado qualquer tipo de suporte medicamentoso para o primeiro parto, sofrendo as consequências, e todas as dores para a chegada do Pax. A

avó não imaginou passar por tão incrível aprendizado e experiências lá no Arizona, onde aterrissara dois dias antes. Nada de centro cirúrgico, primeiro num quarto, devidamente aparelhado, aconteceu o parto e todos os exames do bebê. Horas depois a parturiente caminha para um quarto normal, onde já no dia seguinte recebe alta hospitalar. Em casa, espera da queda natural do coto umbilical para após sete dias receber o primeiro banho na cuba da pia da cozinha, padronizada para encaixe da banheira do bebê. Um engasgo e a emergência 911 é acionada. Em segundos, um carro de polícia, outro de bombeiros e ambulância, os três com sirene ligada param na frente da casa. Sete profissionais paramentados e equipados examinam a criança que volta ao estado normal. Solidariedade dos vizinhos e muita gratidão. Tic toc.

2020, fronteiras fechadas por alienígena invisível, inexplicável e aterrador, nos trancafiou em casa, alterou a rotina, limitou locomoções locais e proibiu viagens internacionais, por isso Milana nasceu sem plateia, com as normas da pandemia e a avó impedida de viajar. Providencialmente, na segunda experiência da mamãe, a bebê, naturalmente, “escorregou como quiabo” e, com exemplar participação paterna, a ausência da avó foi compensada pela constatação triunfal da mãe “sem querer, consegui. Eu posso”. Tic toc.

No momento, o pai da Cacá compartilha da experiência vivida por muitos homens antes afeitos apenas ao universo do trabalho executivo. Ela celebrou aniversário em meio à pandemia e recebeu do pai um presente impensável em épocas passadas. Parte da mensagem postada na data:

...A quarentena me aproximou muito mais de você. Bolamos um check list diário, te ajudo nas lives da escola, nas atividades do Kumon, usamos o Kinect para exercitar um pouco, você me conta as coisas engraçadas que os Jovens Titãs fazem, te vejo torcendo pelas heroínas do Glitter Force e rindo demais com o Gumball. ...Você cresceu demais neste ano, parece que mais rapidamente do que nos outros...

Quem cresceu mesmo foram os pais. Tic toc.

— Vovó, Papai Noel existe?

— Por que João?

— Meus amigos dizem que não existe.

— E você, o que acha?

— Eu acho que existe, e você?

Não sei sobre o que é mais difícil conversar, Papai Noel, coelho da Páscoa, fada do dente ou “de onde vem os bebês”. JL estava nos 8 anos quando levantou a questão. Um Papai Noel muito convincente é contratado para entregar os presentes todos os anos. Também visitamos Gramado e seu Natal Encantado, onde tudo parece muito real na casa do Papai Noel e suas renas vivas no quintal. Lembrando os meus muitos natais, com ou sem presente, o espírito natalino sempre cultivado parecia fechar cada ano, tendo sido bom ou não, com saldo mais positivo. Ensaio a resposta para o neto:

— Sim, eu acredito no Natal e também que milhares de Papais Noéis no mundo todo, todos os anos, alegram as crianças e esse sentimento contagia o coração das pessoas e aumenta o desejo de confraternizar, repartir e celebrar uma festa da família, tendo o menino Deus como centro da celebração. Tic toc.

A entrada nos Estados Unidos pode ser imprevisível, do tempo de *check in* no desembarque, humor dos agentes de aeroporto ao trânsito de bagagem. Avó, JL e Ju enfrentaram viagem de quase onze horas e três na fila de imigração para ver Mickey. Quase conformados, imaginando ter perdido o voo de conexão, uma policial que parecia boa alma em quem confiaram se responsabilizou por despachar as malas. Decidida, ordenou:

— *Run* (corre)!

Obedeceram. Que corredores imensos! Quantas dezenas de portões de embarque! Afinal o trem de ligação para outro terminal. Por cinco longos minutos se sentaram para recuperar o folego e nova corrida, escadas e muitos mais portões até encontrar o do embarque. Só um oficial e voo fechado. JL e vovó, desconsolada com os três bilhetes balançando na mão, pararam, enquanto Juju continuou no embalo e adentrou a ponte de acesso ao avião. Imaginando que o trabalho seria maior para recuperar a criança, o homem pegou os bilhetes e resmungou:

— *Go, go!* (vá).

Baiana arretada, sempre destemida e determinada. Tic toc.

Cacá, Pax e Alice são pura tagarelice no Zoom. Pax também tem avó e avô aqui, *gramma* e *grandpa* lá, ouve o português da mãe, inglês do pai e oferece um biscoito pela telinha:

— *Do you want*⁴, vovó?

Alice reflete a energia da personagem Masha, que vive às voltas com um urso, que a protege, mas nada fala, só balança a cabeça a cada arte da menina. Conversando com Cacá, Alice descreve sua aventura no supermercado, quando viu o funcionário recolhendo os carrinhos, balança os louros cachos e, com a mão em concha na boca, grita:

— Socorro, polícia, estão levando meu carrinho!

Pense na Masha, a avó, no Urso. Tic toc.

Dulce Mantella Perdigão é pesquisadora, futurista, consultora e palestrante internacional, 35 anos de atuação nas atividades de pesquisa de mercado, mídia, *marketing* no Brasil, México, cobrindo a América Latina, de Trinidad Tobago ao Uruguai; mil projetos de pesquisa, 300 cursos e palestras ministrados, cerca de 15 mil gerentes treinados, um livro técnico e uma família linda de três filhos, dois netos e quatro netas.

HERTA Rebello



JuLuGa

Os netos nos trazem uma avalanche de sentimentos diferentes daqueles que afloram com o nascimento dos nossos filhos. É uma satisfação muito grande vê-los crescer sem ter as obrigações que tivemos na criação dos pais deles.

Eu tenho uma foto em que minha mãe está abraçando uma de minhas filhas de olhos fechados. Ao olhar a imagem, qualquer um consegue sentir o amor que existe entre avó e neta. Um sentimento de felicidade plena... Agora, como avó, eu entendo perfeitamente o que ela sentiu naquele momento e em todos os outros que conviveu com os netos.

Tenho três netos, duas meninas e um menino. Quando nasceu, Julia, a mais velha, era tão pequena que cabia exatamente no meu antebraço. Naquela ocasião, minha filha e o marido estavam temporariamente hospedados em minha casa. Então, posso dizer que comecei a curtir a Ju desde que ela chegou da maternidade. Eu acordava de madrugada para ajudar minha filha e ficava com a Ju até que ela dormisse.

Ju, minha primeira parceira

Eu me lembro das madrugadas, já com o sol nascendo, e eu inventando musiquinhas para ela se acalmar. Ju ficou conosco praticamente todos os dias depois que a mãe voltou a trabalhar. Fazia muito tempo que eu e meu marido não convivíamos com um bebê. Então, fomos nos adaptando

e (re)inventando técnicas de ninar: meu marido andava em círculos com o carrinho por toda a sala até ela dormir, estava várias papinhas diferentes, descobríamos novos brinquedinhos para a hora do banho.

Quando ficou maiorzinha (lá pelos 3 anos), ela viajou conosco e, pela primeira vez, sem os pais. Nos dois primeiros dias, foi tudo maravilhoso. No terceiro dia, a saudade da mãe falou mais alto. Fez uma choradeira tamanha que voltamos para São Paulo na manhã seguinte, jurando nunca mais repetir a aventura. Qual o quê! Hoje em dia, não tem férias ou feriado que não viajemos com os netos. É sempre muito bom.

Hoje a Ju já tem 9 anos e esse laço de carinho e intimidade continua muito forte. E espero que continue assim. Agora com ela mais crescidinha já estou virando até conselheira amorosa.

Outro dia, ela, imaginando seu futuro, disse que gostaria de cursar a faculdade que fica próxima à minha casa só para poder vir almoçar todos os dias conosco. Tem coisa melhor de se ouvir?

Lui, a saltitante da vovó

Algum tempo depois, nasceu minha segunda neta, a Luisa, e junto com ela veio uma ciumeira daquelas: a Ju tinha que dividir a atenção que antes era só para ela. Hoje, para minha alegria, as duas se dão muito bem.

Lui foi rápida para nascer, só ficamos sabendo do seu nascimento quando já estava chorando. Uma menininha linda, com olhinhos puxados herdados do pai. Assim, passei a ter duas netas: uma loira de olhos verdes e outra morena de olhos puxados.

Lui é muito pé no chão (faz jus ao seu signo de Touro). Não acredita se dou voz a alguma coisa inanimada. Outro dia eu falei que seu ursinho de pelúcia estava chorando e imediatamente ela respondeu:

—Vó, ursinho não chora!

Bastante curiosa, às vezes faz perguntas que não chega a entender a explicação e então diz:

— Vó, não entendi nada.

Lui, diferentemente da Ju, foi para a escolinha bem nenê (com cerca de cinco meses), mas com ela também eu tinha a grata tarefa de pegá-la na escola e fazer companhia até a mãe vir buscá-la. Ela andou muito cedo e desde então não para de correr, pular, subir nos sofás... Claro que tanta atividade causa uma série de machucados, uns mais sérios e outros que são superados rapidamente. Ela até gosta de exibir os roxos

das pernas como se fossem troféus.

Gabi, o fã das minhas histórias

Um ano após o nascimento da Lui, chegou o Gabriel. O primeiro menino de uma grande sequência de filhas e netas na família. Novo começo, novos aprendizados. Ele é uma pessoinha ótima. Sabe fazer as caras mais bonitinhas para conseguir o que quer. O Gabi gosta das histórias que eu invento, como a do *Luisbisome*, e até já me pediu para escrevê-las para poder guardá-las.

Bitó, como carinhosamente gosto de chamá-lo, frequenta uma escolinha que valoriza muito o teatro, a dança e a imaginação. Assim, ele vive criando personagens e os interpreta usando fantasias que ele tem ou que ele monta com panos, fitas, barbantes e o que mais achar pelas gavetas. Aliás, ele adora gavetas. Toda vez em que vem aqui em casa, que são muitas, ele revira alguma e sempre acha qualquer coisa para levar para casa dele – pode ser um botão, um lápis, um pedaço de plástico e ele logo afirma:

—Vó, eu preciso disso.

A pintura também está no seu currículo, só que ele ultrapassa as margens do papel ou da tela e acaba pintando o próprio corpo. Ele também gosta de fazer "galalau", ou seja, pega tudo o que vê pela frente e mistura: pode ser terra, farinha, detergente, talco, folhas, contas... O importante é juntar todas essas coisas imaginando que vai virar um perfume ou uma poção mágica que o levará para outra dimensão. Quando se junta à sua irmã mais velha e à sua prima Lui, é a maior farra! Se eles estão se divertindo, eu nem me preocupo com a bagunça.

Meu trio do coração

Os três fazem planos de virem morar conosco. O Gabriel já avisou que, quando se casar, vem viver aqui com a esposa. Pode isso? Parece que gostam tanto de estar com a gente que sempre na despedida já começam a perguntar quando irão voltar. Sem falar que acham que podemos resolver tudo! Quando tem algum brinquedo que não está funcionando, eles trazem para o avô consertar. Quando não entendem uma coisa, me ligam para perguntar. Quando querem saber histórias da família, também recorrem a nós.

Nas férias e fins de semana, geralmente estamos juntos e, nesses

momentos, consigo que experimentem novas emoções como tirolesa, furar onda, pular corda de trás para frente, fazer receitas e outras loucurinhas.

Eu e meu marido somos muito presentes também no dia a dia, na rotina das crianças. Buscamos na escola alguns dias e, uma vez por semana, levamos o trio à capoeira. Em todas as aulas, assisto entusiasmada ao progresso de cada um. Uns mais hábeis, outros menos. Para mim, todos grandes atletas.

Até hoje, não perdi um aniversário, uma festinha de escola, uma apresentação de capoeira, de balé, de fim de ano... Vou a todas e me emociono em cada uma delas.

Vale cada minuto

Um passatempo que adoramos fazer é explorar as caixas de fotos e revirar a memória para contar histórias dos nossos antepassados. Gosto de estar nesse papel, de ser a ponte entre o passado da família e o presente. São histórias sobre a casa na praia de Itanhaém, onde eu passei os verões da minha infância... Curiosidades sobre o bisavô médico que viveu mais de 100 anos e cujo bolinho preferido é degustado ainda hoje pelas novas gerações da família, o “bolinho do biso”. Os cuidados sobre a bisavó de família italiana que tinha sabonetes em todas as gavetas para deixar a casa perfumada também entram na narrativa... Falamos também das peripécias da outra bisavó que tinha uma casa com um quintal enorme onde ela deixava os netos descobrirem as belezas da vida sem pressa.

Quando estamos sozinhos, eu e eles, sempre inventamos uma atividade manual. Eles gostam de fazer colares... e lá se vão as contas pelo chão! Fazemos bolos, biscoitos, pavês e... a bagunça na cozinha vai para o espaço! Pintamos camisetas e... paredes e cortinas ficam decoradas com vários tons de tinta. Às vezes, alguém diz que eu sou muito permissiva. Sou mesmo. As contas é só recolher, as manchas de tinta saem, a cozinha se arruma. A satisfação deles é o que conta. É muito bom de ver e de viver.

Sigo os seriados que eles gostam e assisto várias vezes com eles. Discutimos os episódios e cantamos as músicas. Torço por eles nos joguinhos do celular ou do tablet, e admiro a agilidade de seus dedinhos. Aliás, quando estão comigo abdicó dos eletrônicos em favor deles. Pode? Sei lá, só sei que eles gostam e eu fico feliz.

Os três me presenteiam com muitos desenhos, que eu guardo numa pasta especial e que, por sinal, está bem cheia.

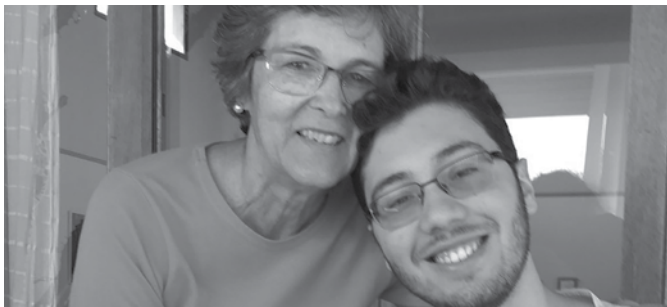
Se ouço um “vó”, logo procuro por eles, como se eu fosse a única avó no mundo todo. E como eu adoro esse som!

Em resumo, sou sim uma avó coruja. Para mim, os meus netos são os mais lindos, inteligentes, espertos e muito mais. E que ninguém ouse mexer com eles, porque daí a coruja vira uma onça!

Herta Rebello nasceu em São Paulo, capital, em 1947. É formada em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e lecionou no ensino público por vários anos, mas se aposentou como funcionária do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). É casada há 46 anos, mãe de duas filhas e adepta de viagens, ioga, pintura, bordado e tricô – paixões que tem o prazer de ensinar para seus queridos netos.



IONE Almeida



Uma madrugada fria de julho

Naquele final de semana, resolvemos que não iríamos para a chácara. Afinal, o bebê poderia chegar. É isso mesmo, a Cris, minha filha, já estava na expectativa de o bebê nascer, a qualquer hora. Então, era melhor ficar em São Paulo. Caso ele resolvesse nascer, seria mais fácil para acompanharmos tudo.

Eu torcia muito que fosse naqueles dias, era fim de julho e não queria que meu neto nascesse em agosto. Bobagem total, mas é que não gosto do mês de agosto, prefiro julho. E não é que minha torcida deu certo? Passamos um sábado tranquilo, a Cris recebeu uma amiga antiga, do tempo do ensino fundamental, para tomar café da tarde, rimos muito lembrando das peraltices delas. Parecia que o bebê ainda esperaria mais para nascer.

Fomos dormir cedo e tudo muito normal. De repente, perto da meia noite a Cris chama, começaram as dores, foi uma correria, liga para o médico. E, agora o que fazer? Será que é melhor já ir para o hospital? Bem, foi isso que o médico recomendou.

Agora tínhamos que avisar a tia Ieda, que é pediatra e participaria do parto. Só que ela estava na chácara a 100 quilômetros de São Paulo. Foi uma correria total. Fazia muito frio, o Newton, marido dela, conta que ao ligarem o carro, a temperatura era de dois graus. Quando chegamos ao hospital, ele estava vazio, era tão tarde da noite, que não havia movimento algum. O médico chegou em seguida. E agora era

esperar. Hospital já é frio, mas naquela noite, o salão de espera estava mais gelado ainda. Ninguém, só nós.

Não tínhamos como nos aquecer nos sofás gelados, o sono batia. Pudera, quase 3h da manhã, e o frio era tanto que não conseguíamos nem cochilar. Quase 4h da manhã, chega tia Ieda, que veio correndo pela estrada para conseguir alcançar o nascimento do bebê. Ninguém sabia o sexo, foi uma decisão dos pais. Surpresa total. Só uma pessoa sabia: a bisavó Ina, que pediu para o médico lhe dizer e nunca contou para ninguém, manteve o segredo com ela até o final.

Parece que o bebê estava esperando a chegada da tia Ieda, foi ela chegar e o Guilherme nascer: 4h20 do dia 29 de julho, uma madrugada muito fria. Graças a Deus, tudo correu bem, ele nasceu perfeito para felicidade de todos e, sobretudo, dos avós corujas.

Um caminho e uma manhã de sol

Manhã linda de sol, os passarinhos estão felizes com o amanhecer de um novo dia, uma brisa leve bate nas folhas das árvores e o gramado se estende todo verdinho à frente da varanda.

— Vó One, vem brincar comigo?

Procuro o pequeno que me chama e não acho. Onde será que se enfiou esse menino? Guilherme está com 5 anos e vem para a chácara desde que nasceu. Aqui é seu paraíso. Corre atrás do cachorro, brinca no tanque de areia e quando o tempo ajuda, brinca na sua piscininha de vinil.

— Mas eu não posso brincar com você, tenho que fazer o café. Na verdade, nem sei onde você está. Venha aqui agora. Você vai pisar no ninho de formiga, espero que não esteja descalço.

— Duvido você me achar, vó!

— Gui, vem para dentro, agora não posso brincar, depois do café, sim. Você acordou cedo, hein? Onde está sua mãe? Você fugiu da cama? Caramba, onde está esse menino?

Olhando melhor, encontro o Gui agachadinho, entretido com o caminho das formigas.

— Veja vovó, que trabalhadora danada dessas formigas. E olha como algumas folhas são maiores do que elas. E umas vêm e outras vão, é muito engraçado, não é?

— Mas você me chamou para brincar ou para ver as formigas?

— Era para ver as formigas e depois me empurrar no balanço.

— Ah, seu danadinho! Eu tenho o que fazer. Combinado, só um pouquinho de balanço, depois vamos entrar tomar seu leitinho e aí eu posso brincar. Que tal brincar de pintura? Eu trouxe umas tintas novas para você.

— Tá bom! Eu queria mesmo era assistir desenho.

— Ah, essa mania de TV! Hoje é para aproveitar esse dia lindo de sol e, se esquentar bem o tempo, você poderá brincar na piscininha.

— Eba! Isso sim é melhor do que desenho na TV. Posso brincar com a boia?

— Muita calma nessa hora! Primeiro vamos tomar leite, depois brincar de pintura e, se o tempo estiver bom, aí sim vamos brincar na água.

Nisso chega o avô.

— Ei, Gui, já está aqui fora? O que vocês estão fazendo agachados na grama, o que acharam?

— Vovô, é o caminho que as formigas estão fazendo.

— Ah! E cadê o ninho delas?

— Tá lá longe, mas perto da árvore.

— Cuidado para não pisar no ninho!

Nisso, o vô o convida para passear de cavalo, depois do café. Agora toda a programação ficou para trás: passear de cavalo era tudo de que ele mais gostava, nem do balanço lembrou mais. Agora, era tomar rápido seu café da manhã para passear com o avô, e nessa competição não tinha quem ganhasse, nem piscina, nem desenho na TV.

Dia lindo e inesquecível de verão

Era final do ano de 2012, verão gostoso com bastante calor e dias lindos. A expectativa da chegada da Giulia já vinha antes do Natal. A bem da verdade, passamos as festas na espera de seu nascimento. Mas ela queria mesmo nascer no Ano Novo e passou as festas bem quietinha e quentinha dentro da barriga da mãe.

A mãe sofreu um bocado, porque o calor fez as pernas incharem muito. Mas nem isso atrapalhava a animação para ver o rostinho da Giulia. Janeiro é o mês em que geralmente viajamos em férias, mas naquele ano estávamos todos de prontidão: não podíamos perder o nascimento da Giulia.

Até o dia quatro de janeiro nada aconteceu, mas quando chega o dia cinco, ela resolve que está na hora. A Luciana começa a sentir as dores e vai para a maternidade. Estava bem tranquila. Tudo foi muito rápido. Quase não deu tempo de chagarmos lá. Nós estávamos mais nervosos do que ela, pela ansiedade do nascimento da bebê e também porque ela não era mais criança, estava com 39 anos, e não deixava de ser um parto de risco. Essa espera foi mais tranquila, a tia Ieda também participou, como pediatra cuidaria da bebê assim que nascesse, e nós estávamos muito alegres, tomando um delicioso café enquanto esperávamos. Dessa vez, nada de madrugada fria e gelada, era verão e um lindo dia de sol.

Às 10h, o Daniel vem avisar: Nasceu! Foi uma festa só. E, agora tínhamos mais uma neta, linda como aquele dia radiante de sol.

Um “au-au” especial

Antes de a Giulia nascer, comprei um cachorrinho de pelúcia. Esse cachorrinho ficou decorando seu quarto, mesmo antes dela chegar. Eu escrevi um bilhete que dizia: “Vim para tomar conta do nenê!” E coloquei com a intenção que fosse um brinquedo de que ela gostasse muito.

Toda criança se apega a um bichinho, às vezes a um cobertor, a uma fralda, isso é comum. Para minha surpresa, o cãozinho de pelúcia é seu companheiro de toda hora. Ela está com 7 anos e não deixa o “au-au” para nada, é assim que ela o chama.

Dorme com ele, quando viaja tem que levar, se vai ao shopping, o leva e deixa no carro. Só não leva para a escola. Mas esse “au-au” já está muito velhinho. O sr. Delmo, avô paterno, até conseguiu achar um igual e deu para ela substituir o “au-au”, já muito desgastado. Mas ela não quis saber. Amor assim parece que é para toda vida. Por essa eu não esperava!

O que tem ele?

Giulia está brincando com os seus bichinhos de pelúcia, entretida e cantarolando. Ela adora cantar e sempre está feliz. É uma criança muito alegre, embora às vezes demonstre uma personalidade forte. Veio passar a tarde comigo. Ela está com 5 anos. Depois de meia hora, o apartamento já está uma bagunça: brinquedos espalhados, já pulou

na minha cama até se cansar, outra atividade que adora e que eu fico preocupada, com medo de que ela caia e se machuque. Para aproveitar ainda mais a tarde a convido para ir ao parquinho. Ela se anima toda, balança e escorregador é tudo que ela mais gosta. Ao chegarmos lá, encontramos com o rapaz da limpeza, que sempre brinca muito com ela. Mas hoje ele não deu muita atenção. Ela estranha e de repente sai com essa:

— Vovó, hoje ele está de “mau amor”?

Ri muito e expliquei: que ele deve estar ocupado com o trabalho, que deve ser só isso. A partir daí, essa expressão passou a ser usada na família, porque na verdade mau humor não deixa de ser “mau amor”.

KARIN Simon



Algumas histórias

Sou mãe de dois filhos e avó de cinco netos, que chegaram em intervalos de mais ou menos cinco anos. Primeiro, foi a Isabella, 18 agora, e quase cinco anos depois, sua irmã Olivia, 13, filhas de pai brasileiro (nascido nos Estados Unidos) e mãe americana, e vivem no estado de Nevada. Cinco anos depois nasceu Adrian, 8 anos, filho de pai brasileiro (também nascido nos Estados Unidos) e de mãe brasileira, que se casaram nos Estados Unidos, onde moravam na época. Voltaram a viver no Brasil por três anos, para a alegria dos avós, mas retornaram para a Califórnia, onde vieram ao mundo os gêmeos Hanna e Eric, e onde residem até hoje. Portanto, minhas aventuras com os netos se resumem a temporadas que passei com eles em terras norte-americanas, e no breve período em que Adrian e seus pais moraram em São Paulo.

Isabella

Certa vez, em Las Vegas, estava cuidando da minha neta Isabella enquanto sua mãe trabalhava. Ela tinha por volta de 4 anos, e era uma criança bem obediente, mas havia dias em que eu precisava fazer uso do *time out*, castigo aplicado nos Estados Unidos: com quatro anos a criança deve ficar quatro minutos sentada no mesmo lugar para pensar sobre a desobediência que havia feito. Certo dia, coloquei-a sentada no corredor por quatro minutos, fui arrumar a cozinha e a esqueci. Depois

de mais ou menos sete minutos, me lembrei dela e a liberei do *time out*. Tempos depois, quando novamente não queria me obedecer, ameacei colocá-la novamente de castigo. E aí me veio com essa:

— Mas não me põe no *time out* brasileiro que é muito longo!!

Adrian

Adrian tinha só 3 anos e já disparava no seu patinete vermelho pelo pátio do condomínio onde havia rampas e espelhos de água. Uma vez por semana eu o buscava na escolinha e passava a tarde com ele. Às vezes, descia com ele para a brinquedoteca, fácil, porque não o perdia de vista. Quando íamos ao parquinho, me assustava, porque ele sumia no meio dos trepa-trepas, túneis e passarelas e eu não era a mãe, apenas a avó, e não podia deixá-lo sumir (as avós sabem do que estou falando). Havia dias em que descíamos de patinete. Preventivamente, eu sempre ia de tênis para poder acompanhá-lo quando saía correndo com suas perninhas curtas e ligeiras. Naquele dia, ele voava para lá e para cá no patinete até dizer:

— Oma, corre que eu vou te pegar!

E eu saía correndo pelo pátio, ele atrás de mim, e as babás disfarçando o riso. De repente, dizia:

— Oma, agora você me pega!

E lá saía eu correndo atrás dele. Haja fôlego, porque querendo ou não eu já tinha quase 70 anos. Numa dessas correrias, vi que ele estava indo direto para o espelho d'água. Disparei porque sabia que Adrian não sabia frear o patinete. Consegui alcançá-lo no momento em que ia cair na água, mas ele, quando viu a água na sua frente, soltou o patinete que foi direto para dentro do espelho e eu ainda consegui agarrá-lo e ele só molhou os pés. Ufa, foi por pouco e que susto!

Isabella

Certo dia, ao levar Isabella para passear no parque ela corria atrás dos meninos maiores que, entre outras brincadeiras, trepavam nas árvores. Foi um custo movê-la da ideia de acompanhá-los, mesmo se achando grande o suficiente, pois além de serem bem maiores do que ela, eram quatro ou cinco meninos e poderiam derrubá-la enquanto corriam. Lá pelas tantas, me distraí conversando com outras mães,

mas sempre de olho nela que corria de um trepa-trepa para outro. Dado momento, ela desapareceu da minha visão. Saí procurando por ela, é claro um tanto preocupada, porque não conseguia vê-la no meio da criançada que brincava por lá no fim de tarde. Depois de me afastar, ainda procurando, encontrei-a feliz se encharcando no meio dos jatos de água dos regadores automáticos que haviam sido ligados para molhar os gramados ao redor do parque. Moral da história? Pernas pequenas correm rapidamente e vão longe!

Olivia

Netos conseguem tanto nos maravilhar, quanto nos deixar de joelhos também. Após alguns meses, ficamos sabendo que nossa nora estava numa gravidez de risco. Tinha o cérvix curto e haviam feito uma circlagem para evitar um parto prematuro. Uma semana depois, nosso filho ligou pedindo que eu fosse para Las Vegas porque sua mulher precisava ficar em repouso absoluto e ninguém poderia cuidar da filha Isabella. 48 horas depois eu estava no avião rumo aos Estados Unidos. Quando cheguei, o primeiro susto, Christine, minha nora já estava no hospital. Tinha sido internada com contrações e o bebê não estava pronto e desenvolvido o suficiente para nascer.

Assumi meu posto e passei a cuidar de minha neta com quatro anos e meio. Um dia depois, após deixar ela no jardim de infância e estar arrumando a casa, meu filho ligou avisando que sua mulher fora levada para a sala de cirurgia para uma cesariana porque a bolsa tinha se rompido. Fiquei tão assustada e em choque que caí de joelhos em prantos e comecei a rezar. Naquele momento, nascia a pequena Olivia, no quinto, quase sexto mês de gestação, pesando 750g, com 27cm, menor do que uma régua de 30cm e muito prematura. Foram 99 dias no hospital, com dias melhores e outros menos bons, muitas orações e promessas lá e cá no Brasil, velas acesas para São Judas Tadeu e Olivia lutando aguerridamente para sobreviver.

Hoje, 13 anos e meio depois, ela é uma jovem linda, inteligente, amorosa, um tanto tímida, gosta muito de gatos e de desenhar. Só que eu, como avó, jamais esquecerei daquela manhã em que fiquei de joelhos rezando com todas as forças do meu ser pela sua pequena e frágil vida.

Adrian

Uma vez por semana, buscava Adrian na escolinha e passava a tarde com ele até sua mãe voltar do trabalho. Sempre funcionou bem e ele vinha comigo sem relutar. Num determinado dia, fui pegá-lo na classe e ele não quis vir comigo dizendo que sua mãe viria buscá-lo. E eu;

— Adrian, vamos pegar seu casaco, mochila e sair.

— Não vou com você, a mamãe vem me buscar.

— Não, Adrian, hoje você vem comigo, a mamãe disse para eu vir buscar você e vamos para casa, porque ela está te esperando.

— Não, Oma, minha mãe vem me buscar! Não você!

Fomos para o pátio e eu tentando convencê-lo a vir comigo porque não sabia ao certo se naquele dia a mãe estava no trabalho ou no supermercado. Nós nos sentamos em um banco e eu usei de todos os meus argumentos. Não teve jeito. Como último recurso resolvi ligar para minha nora e explicar a situação. Ela se desculpou, dizendo que havia esquecido de avisar ao Adrian pela manhã, quando o deixou na escolinha, que era o meu dia de buscá-lo. Passei o celular para ele e ela lhe disse para ir comigo e que o estava esperando em casa. Só aí ele se convenceu e se dispôs a entrar no meu carro e me acompanhar. Pergunta: que avó consegue fazer um neto muito determinado mudar de ideia???

Hanna e Eric

Para iniciar, preciso explicar que Hanna e Eric são gêmeos de quase 4 anos. Mesmo sendo menina e menino, ficam juntos o tempo inteiro, ora brincando, ora brigando, mas não se largam. Desde pequenos, andam de mãos dadas e conversam um com o outro em uma linguagem que só eles entendem. Ninguém mais entendia.

Hoje, mais crescidinhos, andam de patinete e bicicleta no parque, pintam e fazem trabalhos manuais incentivados pela mãe, aprendem a cozinhar fazendo biscoitos, e fazem castelos de areia na praia, sempre juntos.

Recentemente, minha nora dobrava roupas na parte de cima da casa, enquanto os gêmeos viam TV na parte de baixo. Após algum tempo, ela achou que estavam quietos demais e começou a procurá-los. Chamou e nenhuma resposta. Procurou pelas salas, banheiros, cozinha

e jardim, nada. Silêncio absoluto. Teve então a ideia de dar uma olhada na garagem. Abriu a porta e ouviu cochichos bem baixinhos. Pé ante pé, foi em direção a eles e qual não foi sua surpresa quando viu os dois sentados num cantinho, bem escondidos comendo Nutella direto do pote com as mãos? Daí concluiu que, nesses momentos, não brigam, nem disputam o brinquedo da vez, mas se entendem perfeitamente bem na hora de fazer reinações.

Karin Simon, 75 anos, nasceu em São Paulo, é mãe de Alex e Marcus, e avó de cinco netos: Isabella, Olivia, Adrian e os gêmeos Hanna e Eric. Formada em Biblioteconomia. Morou em Miami, São Paulo, Londrina, Rio de Janeiro e novamente São Paulo. Foi tesoureira voluntária no Programa Comunitário da Reconciliação durante seis anos. Recém-enviuada, leva consigo belas lembranças de companheirismo, viagens e cumplicidade dos 50 anos de casamento.



LAERTE Temple



Telly e eu

Quando os amigos me perguntavam se eu já era avô, respondia que sim, tinha netos, mas todos com quatro patas e nenhum humano. Confesso que sentia uma pontinha de inveja de quem conhecia essa experiência.

Certo domingo, filho e nora me ajudavam a configurar um novo *modem* e eu já ia desligar o *laptop* quando eles me mostraram mais uma página que teria saído da impressora. Levei alguns segundos para entender que aquilo era uma imagem de ultrassom que eles trouxeram de casa e misturaram aos demais impressos para me pregar uma peça ao darem a fantástica notícia que eu seria avô! Ainda processando a informação e analisando aquele jogo de sombras, um tanto incrédulo, mas emocionado e feliz, abracei ambos e agradei a Deus. Em alguns meses eu seria vovô pela primeira vez. Passei a curtir cada momento da longa espera tentando conter a ansiedade e me preparando para o grande evento. As duas futuras vovós cuidaram dos preparativos com a futura mamãe e rebaixaram os futuros vovôs à condição de meros expectadores. Propus dividir as tarefas de auxiliar os pais na criação do rebento e ofereci-me para cuidar de itens fundamentais como balas, doces, chocolate e sorvete.

Em uma noite de quinta-feira, meu filho telefonou para informar que a hora havia chegado. Fui imediatamente para o hospital, juntei-me a alguns poucos familiares, conversamos e tomamos café durante a

longa espera. Eu assisti e filmei os partos de meus três filhos e à época o processo não me pareceu tão demorado, mas no corredor, aguardando a cortina se abrir, a sensação era de cronômetro parado. Stella (Telly) chegou em março de 2018 e a emoção de vê-la no colo do pai através da janela do centro cirúrgico não me sai da memória. Alguns dias e muitas fotos depois, eu soube dos apuros pelos quais a nova família passou por conta da pré-eclâmpsia. Pouparam-me dessa preocupação e o bondoso Deus premiou a todos com uma criatura fantástica.

Conheci dezenas de recém-nascidos e acompanhei de perto o crescimento de vários deles, além dos meus filhos, claro, mas filhos são uma incrível experiência à parte. A expectativa do nascimento e o acompanhamento da evolução do filho do filho são bem diferentes. Netos mudam completamente a perspectiva. É meio como a maternidade: por mais que a mulher tenha lido e ouvido a respeito do assunto, só mesmo quem vive a gestação e o parto é que compreende a real dimensão da coisa.

A experiência de me tornar avô foi muito diferente da paternidade. Os paradigmas mudam. Sempre ouvi dizer que os avós estragam os netos porque permitem que façam todas as estripulias que negaram aos filhos. Ledo engano. Netos é que “estragam” os avós, pessoas maduras, vividas, às vezes sisudas, de repente se transformam em crianças grandes, bobinhas, com cabelos brancos, tudo por causa do recém-chegado. Eu pensava em aplicar com a netinha a experiência e o aprendizado acumulados em décadas, mas logo percebi que o que imaginava saber é pouco perto do tanto que descubro e aprendo com a convivência com a Telly. Ela não para de me surpreender e encantar a cada dia, a cada contato.

Como professor universitário e administrador, organizei grupos de estudo, equipes de trabalho, distribuí tarefas, liderei pessoas, ensinei, treinei, corriji provas etc. Agora, obediamente acato suas determinações e ensinamentos sobre jogos, brincadeiras, vídeos e personagens. Provoco-a, fazendo-me de desentendido, peço sua ajuda e ouço:

— Assim não, vovô. Tá errado, eu te mostro.

Se me confundo com os *Minions*, Bob, Stuart, Kevin e outros personagens, a Telly me corrige, mas antes olha com aquela carinha que parece dizer:

— Como esse vovô demora para aprender as coisas!

Sua paciência comigo é muito maior do que a minha e ela não se aborrece em repetir os nomes e as falas dos personagens prediletos. Ensinou-me a correr das abelhas com as mãos para trás, como a Masha, a fazer gelo como a Elsa, de *Frozen*, a desenhar, a colorir, a montar e desmontar os brinquedos e muito mais.

Ainda sinto o gostinho do primeiro café que ela me preparou sozinha, na máquina Nespresso, e perguntou se eu queria “lete”. Corrigiu-me quando ofereci suco de laranja:

— É suco de amarelo, vovô.

Ela associa o suco à cor e não ao nome da fruta. Também, quem manda o suco de laranja não ser cor de laranja? Telly está certa: é suco de amarelo. Erro os nomes das cores de suas roupas e brinquedos e ela sempre me corrige. Finjo medo quando faz cara de brava e me encanto com suas poses de princesa. Ela se diverte me assustando, ri muito e depois me agrada com o jeitinho meigo. É divertida sua relação com o Charlie, o pequeno maltês e companheiro constante que perdeu o sossego depois que a Telly começou a andar. Em pouco tempo, ela cativa quem estiver por perto e se torna o centro das atenções.

Quis o destino que nossa relação fosse subordinada aos protocolos de isolamento social, justo na semana da sua festa de dois aninhos, que não pôde acontecer. Ainda bem que a tecnologia permite encontros virtuais constantes e também acompanhar por fotos e vídeos diários suas peripécias no mundo que está descobrindo e explorando. A cada contato, uma nova palavra, uma nova frase, uma nova travessura, dança, música ou filme predileto. Meu dicionário ganhou novos vocábulos como abó (bola), abudi (*snacks*), tipota (pipoca), leiguti (iogurte), putili (comando ao usar a varinha mágica) e outras criações.

Coloquei-a diante do meu teclado Yamaha e para facilitar disse que aquilo era um piano. Liguei e mostrei os diversos sons que produz e ela adorou. A cada chamada por vídeo pedia para ver o instrumento. Virei o vovô do piano. Nas visitas seguintes, mal entrava em casa e dizia que queria tocar piano. No dia das crianças meu presente foi um teclado eletrônico infantil. É cedo para dizer se é um dom, paixão ou apenas mais um brinquedo, mas com pai guitarrista e mãe bailarina, a boa música certamente fará parte de sua vida.

Confesso que ainda não tenho opinião formada sobre o nível ideal de acesso à tecnologia pelas crianças. Negá-lo significa condená-las ao atraso, mas permitir seu uso sem controle pode aliená-las. Para quem

nasceu na era pré computador, impressiona vê-la, aos dois anos e pouco, tirar fotos com o celular da mãe, operar a máquina de café, participar de vídeo chats e selecionar seus programas preferidos do YouTube Kids no *tablet*. Mas fico feliz ao saber que é capaz de interromper uma reunião virtual da mãe e chamá-la para dançar, pedir ao pai para ler histórias, de novo e de novo, e convidar a tia para brincar em sua casinha.

Telly ainda é uma recém-chegada à vida em um mundo maluco e em constante e acelerada mudança. Não sei por quanto tempo teremos a companhia um do outro e por isso procuro aproveitar cada segundo que passo com ela, presencial ou virtualmente.

Na minha juventude, eu ouvia questões do tipo “que mundo deixaremos para nossos filhos?” Depois a pergunta mudou para: “Que filhos deixaremos para o mundo?” Ao ver tanta coisa mudando e em grande velocidade, é justo questionar: “Em que tipo de planeta e de sociedade nossos netos viverão?” Ao observar a evolução da humanidade, percebo a enorme capacidade de adaptação dos indivíduos e isso me traz algum consolo. Sei também que, por mais que tudo mude, valores como honra, honestidade, bondade e lealdade permanecerão constantes.

Quando nasci, os bebês ganhavam na maternidade um álbum com espaços para colar fotos e mechas de cabelo, linhas para anotar o nome, peso, altura, pais, avós, padrinhos, primeiras visitas e outros dados. Quando aprendi a ler as mensagens de boas-vindas que me escreveram, a frase de meu saudoso pai marcou muito: “Quero que seja um homem honrado”. Emociono-me sempre que recordo essas palavras e repito-as aqui.

Dedico à Telly minha participação nesta obra coletiva, para que sempre se lembre do quanto foi esperada e do muito que é amada. O que posso desejar a você? Quero que seja uma pessoa honrada e feliz. Guarde estas palavras e este texto como recordação de seu avô. Amo você, Telly!

Laerte Temple é o avô paterno de Stella Silveira Temple, a Telly, filha da Paula e do Victor. Meus sócios nessa empreitada, avós e avô, são Marly Temple, Conchita e Paulo Silveira, todos de primeira viagem e que, assim como eu, amam de paixão esse pequenino ser.



MARIA DO CARMO Marini



Quando o primeiro chega...

Era uma vez uma família que adorava a Disney. Quatro adultos, mãe, pai, avô e avó, foram passear em Orlando com um menininho de 2 anos. Iludidos pelo seu prazer, achavam estar fazendo o melhor para a criança se divertir ao máximo, mas se esqueceram de perguntar a ele o que realmente queria. Era acordado antes da hora para chegar cedo aos parques, o que o deixava bravo. Ficava cansado e queria colo, dormia na volta para casa... Me dei conta recentemente do quanto erramos com aquela criança.

Então vou contar a história da chegada desse menino na vida da sua avó e dos momentos assustadores e maravilhosos que eles tiveram juntos.

A história inicia um tempo antes, em um encontro de gente grande. O sogro, um empresário super ocupado, a sogra, uma executiva *workaholic*, os mais jovens iniciando as respectivas vidas profissionais. Uma relação carinhosa, mas com conversas elevadas, planos de viagens e compartilhamento dos acontecimentos da semana.

Foi naquele ponto que o filho largou a frase mais perigosa que existe:

— Mãe, pai, nós temos uma notícia para dar a vocês.

Frio na barriga, mãe busca o olhar do filho, mas ele desvia, busca o da nora, mas ela está de cabeça baixa.

A bomba:

— Você vai ser avó!

— Quem? Eu?

Foi um instante mínimo de perplexidade! Logo meu encantamento foi total, minha felicidade saiu pelos olhos e rolou no chão, meu sorriso, que já é aberto, virou uma lua cheia. Os futuros pais ficaram surpresos, pois esperavam uma reação mais contida, senão meio desapontada, afinal ficar velha era algo inaceitável para mim e ser avó contribuiria para isso, mas não me senti nem um pouco com mais idade.

Tudo o que eu queria era ser uma boa avó. Como chegar lá? Não sei como, preciso me preparar. Onde eu acho um curso de “avosofia”? Tem pós-graduação disponível? Ou, quem sabe, uma especialização mais curta que me prepare? Afinal, em seis ou sete meses tenho que estar pronta.

Infelizmente não tem curso, não existe uma escola. Você remexe nas suas lembranças de criança e descobre que elas não servem muito, pois você foi criada pela sua avó como filha, sua relação com ela foi muito diferente. Tenta se lembrar de sua mãe com seu filho, mas não ajuda, pois sua mãe morava em uma cidade distante.

Então, você se conforma e decide aprender *on-the-job*, na prática. Veio a viagem para Miami com a nora, para comprar o enxoval da criança. Fomos as duas com quatro malas e duas mochilas vazias para uma aventura de uma semana, rodando pelos *malls*, os *outlets*, as lojas de produtos para crianças. Compramos tudo, até balanço, lençóis, toalhas, mamadeiras, equipamentos para auxiliar no dia a dia. Voltamos com as quatro malas e as duas mochilas cheias, pesando o máximo permitido.

Cada dia é mais um dia, até que “o dia” chega. Você está mais ansiosa do que a mãe, pois essa tem o natural medo do parto. O avô, calmo como sempre nessas horas de estresse, tenta fazer você entender que não é você que vai ter o bebê, mas não adianta. Os quatro vão para o hospital, e lá encontram também os outros avós. Claro que a mãe da mãe traz mais tranquilidade à noviça, as duas têm aquela conexão de sangue, família, hábitos. O sorriso de alívio quando vê a mãe é perceptível para todos e eu descubro desapontada que até meu filho parece aliviado.

Na lanchonete do hospital, bem em frente ao berçário, esperamos, morrendo de ansiedade, enquanto a mãe e o pai da criança estão na sala de parto. Já sabemos que é um menino, ele já tem nome, João Pedro. Todas as enfermeiras que aparecem provocam saltos no coração, olhares trocados entre os quatro e decepções. Até que alguém nos chama para olhar na vitrine do berçário. Lá está ele, um lindo bebê. Foi amor antes

da primeira vista, agora concretizado naquele pequeno ser com uma touquinha azul.

Queria mostrar “meu” bebê para todos os meus amigos, mas não podia convidá-los a visitar a casa dos pais, pois a maioria nem os conhecia. E, de qualquer maneira, precisava respeitar os momentos pós-parto da minha nora.

Então, mesmo assim, decidi dar uma festa para apresentar João Pedro. Contratei comida e bebida, copeiras, balões azuis... Na realidade, mais parecia uma festa de debutantes.

Imaginem vocês, uma festa com pelo menos oitenta pessoas, música, conversas, para um bebê de 1 mês e sua mãe cansada. Só uma avó louca como eu. O pobre bebê ficou dormindo no carrinho, a mãe sorria exausta, tentava conversar, mas acho que nem tinha forças. Então o pai ou o avô, com mais bom senso do que eu, sugeriu que ela fosse para o quarto com o bebê. Agradecida, ela sumiu. Mas, a festa continuou.

Aos poucos, fui ganhando o direito de ficar de guarda sem os pais, na minha casa. Eu me lembro do calor no meu peito quando me deitava com ele na cama e me mantinha quietinha, só olhando. Meu coração transbordava de ternura, minha conversa com ele era bobinha.

Depois que ele ia embora, ficava um vazio. Eu sonhava com ele à noite. No fim das contas, o que estava acontecendo é que eu estava embriagada de amor. Nunca pensei que poderia amar alguém com a mesma intensidade com que amava meu filho, mas, sem a pressão da responsabilidade pela criação, eu me lambuzei com esse sentimento.

João Pedro era um bebê encantador, saudável, inteligente. Às vezes tinha uma gripe, um pouco de tosse, me deixando em pânico. Os pais levavam na boa. Eventualmente, se a coisa esquentava, falavam com o pediatra e davam um remedinho. Pais do século XXI, lidando com a criação do filho e tentando convencer a avó a não levar a criança para o hospital em razão de uma pequena diarreia.

Tivemos um episódio desagradável ligado a esse meu pânico. Os pais viajaram para um descanso e deixaram João Pedro conosco, os avós. Preocupados com uma tosse relutante, decidimos levar a um pediatra famoso. Nem me lembro o diagnóstico que ele deu, pois apaguei da memória quando meu filho, muito bravo, me passou um grande sermão, falando que eu não tinha o direito de fazer o que fiz, que apenas queriam criar seu filho do jeito deles. Fiquei envergonhada e triste, mas me convenci que só queria o melhor.

Quando João Pedro estava comigo, ia ao parquinho, passeava com ele, ia ao shopping, e fiquei exultante quando uma avó achou que eu era a mãe dele. Claro que cheguei em casa e contei para todos. Mal sabia eu que isso era o que de mais errado eu podia fazer.

Um dia, ouvi minha amiga perguntando à minha nora se ela aprovava meu comportamento de avó. Minha nora, com toda calma explicou:

— Eu quero muito que meu filho seja ligado aos avós, pois sempre fui e acho que me fez bem. Entretanto, muitas vezes, quando ela fala “meu bebê” eu fico enciumada, pois não é o bebê dela, e avó é muito diferente de mãe.

Depois disso, tentei mudar um pouco meu comportamento, mas com resultados meio fracos. “Meu bebê” passou a ser “nosso bebê”, o que já ajudava, mas quando eu estava sozinha com ele, ainda dizia “meu”.

Com tropeços e alegrias, a vida continuou. Vieram os dentes, os primeiros passos, as primeiras palavras. Desde sempre ele adorava equipamentos eletrônicos e o celular passou a fazer parte da vida dele muito cedo.

Hoje, João Pedro é um rapazinho inteligente, com alguns gostos parecidos com os meus, outros completamente diferentes. Gostamos de ler e podemos conversar sobre isso quando estamos juntos. A pandemia fez dificultar mais nossos momentos juntos. A relação esfriou muito, pois os interesses dele voltaram-se para amigos e jogos e eu não estou tanto tempo por perto para tentar seduzi-lo. Isso me entristece, mas não sei como resolver. Quem sabe, o tempo?

Ah, ele foi outras vezes à Disney, das quais tem boas lembranças, mas não se recorda de absolutamente nada da primeira.

Então, chegou Dudu, o irmão mais moço. Mas aí é outra linda história que eu terei que contar em outra ocasião.

Maria do Carmo Marini é uma engenheira gaúcha, casada com um siciliano. É consultora de carreira, vive entre São Paulo e Roma. Considera a família – marido, filho, netos, irmãos – seu porto seguro. É otimista e alegre e acredita que o mundo tem potenciais inexplorados e fascinantes a serem descobertos. Escreveu *Alça de Silicone – Conselhos para Mulheres em Busca do Sucesso Profissional e Carreiras e Futuro – Como construir ou mudar sua trajetória profissional* e participou do livro *Histórias da Quarentena*.



MARIA HELENA Passos Miraglia



Um laço, um traço, um passo

Quando vi você chegar da sala de parto, meu amor, senti que uma chuva de luzinhas, de flores, de bênçãos estava chegando ao mundo. No meio daquela emoção enorme de alegria, que não consigo dizer em palavras, chorava muito e mandava, com minhas mãos, muitos beijinhos para você através do vidro do berçário junto à sala de parto. Queria lhe trazer o sol, a lua, as estrelinhas, o mar, as montanhas, o céu azul, os passarinhos cantando livres, tudo de mais bonito que pudesse existir. Queria poder lhe afastar de qualquer, mas qualquer coisa que lhe fizesse sofrer na vida, tendo, para isso, poderes mágicos. Mas só podia mandar os beijinhos através do vidro. Uma bebezinha pequenininha, causando em minha alma, um gigante turbilhão de emoções lindas.

Hoje, 28 de maio, faz um mês que você está aqui, fazendo toda essa alegria e esse amor crescerem a cada dia, com as mesmas emoções lindas, singelas, eu vendo você crescer, abrir os olhinhos e começar a sorrir. E o que lhe ofereço, minha netinha, é esse amor enorme, que sei será permanente enquanto eu viver. Você é linda, um espírito que veio lá de muito alto, cheio de luz. Parabéns, meu amor, a você, a sua mamãe que cuida tão bem de você, a seu papai lindo que te adoram tanto. 30 beijinhos, agora na sua bochechinha, não mais no vidro da maternidade, um para cada dia de vida.

Sua vovó Lena

E depois de nove meses vendo aquela barriga crescer, conversando

com ela, já com um laço que jamais se desfaria, chegou o dia do passo inicial: eu era avó de Luana, e meu coração palpitava de felicidade.

Primeiros dias, tudo novo. Receio de ajudar demais e invadir o novo lar de meu filho e minha nora, receio de não ajudar, marcava hora para ir lá, exagerava no tempo de ficar, tão apaixonada que estava por aquele bebezinho que eu veria crescer, que era minha, mas que não era minha. Aos poucos, fomos nos adaptando e criando uma rotina. Sua mamãe e papai tinham nos braços a primeira filha e a vovó, a primeira neta.

E Luana foi crescendo linda, com aqueles olhinhos muito azuis, atenta a tudo o que se passava em volta. Um dia, sorriu. “Que ela sorria sempre”, pensei, “e que a vida seja sua amiga”. Fazia mil micagens só para vê-la sorrir. Era uma menininha muito boazinha e assim é até hoje. Quando estava com ela, era o céu na Terra. Se arrastou, primeiro movimento, ficou de pé, andou. Os dentinhos foram cuidadosamente caprichados, por isso demoraram a nascer. Mas eles vieram e, de repente, um colar enfeitava aquela boca linda.

Meu coração batia fora do peito. Eu trabalhava o dia inteiro, mas ficava louca de vontade que os pais me convidassem para ir aonde eles fossem, pelo menos um dia no fim de semana, o que acontecia quase sempre.

Chegou o dia da escola. Chorei de emoção quando, com 2 anos, a mamãe me enviou a foto dela com a mochila nas costas. E com 3 anos, comecei a pegá-la na escola uma vez por semana, trazê-la para minha casa e inventar tudo o que podia para deixá-la feliz. Alegria de uma estrela brilhando quando a via, chegando no portão da saída. Abria os meus braços e ela abria os dela e se jogava para mim. Cadeirinha, bem segura, lá vamos nós. Sempre passávamos no “tio do coco” para beber água de coco ou trazer e tomar em casa. O mundo, naquele dia, se tornava encantado.

— Devagar ou depressa? — Perguntava a vovó.

— Depressa! — Gargalhava ela.

Eu acelerava o carro e logo havia várias lombadas e a vovó ensinou a dizermos juntas “ploct, ploct, ploct, pum”... Vínhamos conversando muito, ela me contando como foi a escola, até pararmos no Habib’s, onde tinha um enorme túnel desembocando em uma piscina de bolinhas. Que alegria!!! Pensava: “Como se necessita pouco para fazer uma criança feliz!” E como são profundas as explicações e a visão de mundo delas. Aprendíamos as duas. Acho que mais eu do que ela.

Naquela época, eu já tinha me aposentado e feito um curso de contadora de histórias em hospitais. Tudo se integrava. Ela adorava as histórias da vovó e escolhia os livros, depois da sua comida predileta e da sobremesa preferida, o brigadeiro de colher ou a mousse de chocolate. Brincávamos muito, banhos de mangueira, de banheira com brinquedos, o mundo da fantasia se misturando com o da realidade. E veio Mel. A vovó comprou uma cachorrinha shitzu de 45 dias, branquinha com manchas bege que seria a filhinha de Luana.

Àquela altura, aquela barriga abençoada, o “forninho” que fazia crescer coisas tão belas, começou a crescer de novo. Vovó dava beijinhos na barriga e conversava com o netinho que ia nascer. E à noite era só gratidão nas preces diárias. Uma noitinha, lá estava eu de novo no vidro daquela maternidade. Estava perto de Luana, quando apareceu aquele menininho, tão lindo, tão perfeito. Gabriel berrava tomando banho, e Luana dizia do outro lado do vidro:

— Não chora, bebê, eu estou aqui!

E assim ela passou a cuidar de Gabriel sempre. E eu tive os mesmos sentimentos que descrevi no começo deste capítulo. Agora, vovó de uma menina esperta, doce, inteligente e de um menininho começando a trilhar as mesmas fases de Luana. Dentro de minha alma, só alegria, só gratidão. Luana continuava a vir uma vez por semana, a gente já fazia lições juntas, eu levava ao parquinho, e o banho de banheira era a farra final com música, dança e brinquedos. E ela dizia:

— Vovó, eu te amo a distância da Terra até o Sol, a Marte, à Lua ida e volta, um bilhão de vezes.

E minha emoção vinha com lágrimas. Será que um dia alguém tinha me amado assim, ou é um milagre ser vó?

E Gabriel, nosso Gabi, crescia, grande, lindo, com seus olhos azuis. E o coração da vovó crescia junto, olhando cada um, tão diferentes um do outro, e amados da mesma forma.

Quando tinha 2 anos, Gabi ficou doente e muito pálido, foi internado no hospital. Tomou transfusão de sangue. Eu chorava de corpo inteiro, até que seu papai me ligou com o vídeo. Ele já mais fortinho e comendo uma comidinha que a mamãe dava, disse:

— Vovó, tô ficando forte, vovó! Tiamoo!!!!!!

Foi a noite mais feliz de minha vida. Que vontade eu tinha que ele saísse dali para eu contar histórias, carregar, afagar... E dois dias depois ele realmente saiu, já estava forte, se recuperando em casa, os

dois me levando com a mamãe no elevador, e, com a porta fechada, pelo vidro gritavam:

— Tchau, vovó!

Quando ele ficou bom, eram dois que eu pegava na escola.

— Depressa ou devagar?

Ensinava as cores do farol, homem do coco, parquinho, banheira com dança e música etc. E Mel ganhou um pai. A princípio era um pai tão encantado que puxava o rabo, o pelo e se deitava em cima dela. A cachorrinha, coitada, apavorada, fugia dele e nós ensinávamos como devemos tratar os bichinhos. Agora abraça e diz:

— Carinho, Mel, carinho...

Gente do céu, pode ter alegria maior? Como mãe, fui “babada” também, mas tinha que educar, sustentar e cuidar de toda a infraestrutura. É diferente. Com certeza é diferente. É um amor impossível de explicar. Fazer lição com Luana, conversar e brincar com Gabi certamente é como se sentir do tamanho da distância da Terra ao Sol, a Marte, à Lua, ida e volta um bilhão de vezes.

E chegou a pandemia. Cadê meus netos? A escola? O tio do coco, o parquinho? E as histórias de vó e as brincadeiras?

Outro dia nós nos encontramos. E Luana me disse:

— Vovó, sabe do que eu sinto mais falta na pandemia? De você me buscar na escola e eu ir para a sua casa.

Sabem que eu também me sinto assim?

Lu e Gabi, que pela vida afora vocês sejam pessoas boas, sonhem sempre lindos sonhos, sejam honestos, fortes nas dificuldades e levem sempre muito, muito amor no coração, para vocês próprios, para as plantas, os bichinhos e para as outras pessoas. Papai do Céu abre caminhos, e o amor ensinará a vocês a escolher quais querem seguir.

E hoje, olhando todo o meu extenso currículo, o que posso dizer de mais importante é: eu sou avó dos netos mais lindos, mais espertos, mais inteligentes do planeta. E Mel tem a mamãe e o papai melhores do mundo.

Maria Helena Passos Miraglia é mestre em Psicologia pela University of Connecticut, promovida ao cargo máximo de avó-criança, conferido por Luana durante um banho de banheira, quando falou: “Vovó, para mim, na minha cabeça, você também é criança”. Impossível honraria maior do que a que recebi dançando as músicas que sempre coloco para eles tomarem banho e dançarem na banheira.



MARIA HELENA Duarte Nunes Pereira



A avó dentro de mim

A avó dentro de mim nasceu em 23 de junho de 2014, quando meu neto Raul veio nos brindar com sua chegada. Filho de minha filha Milena. Tive mais dois renascimentos: quando nasceu Marcella, em 2 de outubro de 2016 e Felipe, em 14 de agosto de 2018, filhos de meu filho Renato.

Não existem palavras que possam descrever as emoções sentidas nesses maravilhosos e inesquecíveis momentos.

Desde 2014, estou fazendo doutorado. Tenho como orientadores meus netos, Raul, Marcella e Felipe. Minha tese é *Amovosidade*: amor em ser avó.

Como iniciar uma história de avó com seus netos?

O Dia Mundial dos Avós é comemorado em 26 de julho. A data existe no Brasil e em Portugal. Sua origem é um pouco diferente: de acordo com as tradições católicas, 26 de julho é o dia de Sant'Ana e de São Joaquim, os pais de Maria e avós do menino Jesus. Símbolos do amor e da paternidade, esses dois santos tornaram-se os padroeiros de todos os avós.

Esse meu aniversário de 68 anos, ocorrido em 5 de setembro de 2020, a quarentena obrigou-me a comemorar somente junto de meu marido, meu casal de filhos, genro, nora e dos três lindos netinhos. Foi o aniversário mais maravilhoso que tive na vida!

Os netos foram muito especiais e alegres naquele dia. Estavam na

minha casa e logo cedo cantaram os parabéns e tomaram café comigo, com as delícias que ganhei numa cesta de café da manhã que recebi da família. À tarde fomos visitar as bisavós. E, quando voltamos, estava preparada uma live surpresa com toda família e vários amigos.

Eles também comemoraram comigo uma grande conquista. No início de 2020, após morar 42 anos no mesmo endereço (aliás, onde me casei, no salão de festas), resolvi que era hora de me mudar. Ter novas paisagens, novos vizinhos, novas ruas para caminhar, enfim, novidades para desfrutar os próximos anos de minha vida.

Quando encontrei um apartamento novinho no prédio de minha filha, mãe do meu primeiro neto, uma luzinha brilhou mais intensa: vou poder ficar mais próxima do Raul. Eu me mudei em julho.

Parece que com essa proximidade, encontrei uma fonte de rejuvenescimento:

— Vovó, senta aqui no chão, vamos brincar!

Sentar é fácil, o complicado é me levantar, mas arranjamos forças, sei lá de onde, e conseguimos sentar e levantar com certa agilidade, afinal não podemos decepcionar os pequenos.

O nome dele foi escolhido em homenagem a Raul Seixas, é Luar ao contrário. E ele é apaixonado pela lua. Já escolheu sua profissão:

— Com certeza serei astronauta e a primeira criança a chegar na lua, vovó!

Marcella vem de mar, onde seu pai adora surfar e mergulhar. É de uma inteligência que vó coruja alguma conseguirá me superar. Mora em Taubaté, na cidade da Emília, parece que são irmãs. Ela fala tanto, ou mais, do que a boneca de pano de Monteiro Lobato. Comilona, adora frutas, acho que também é parente da Magali do Mauricio de Souza.

Felipe, o nosso caçulinha, é muito divertido e rápido. Aprende tudo com a irmã mais velha, Marcella, e aperfeiçoa os aprendizados. Gosta muito de tâmaras, damascos e uvas-passas, pão de padaria e não pode ver um frasco de álcool em gel, para limpar as mãozinhas. Ama pegar o rodo, enrolar um pano de chão e limpar a casa. Um sorriso maravilhoso. Adora fazer coraçãozinho com suas pequeninas mãos. Envia coração a todos, sempre meigo e sorridente. Está na fase dos porquês. Um fofo!

Costumo brincar com meus amigos: a gente deveria ser primeiro avó e depois mãe. É tão bom não ter aquela obrigação de educar e ter que fazer tudo certo, de quando criamos os nossos filhos. Os avós são um porto seguro: os maiores confidentes e os companheiros nas horas de

rebeldia. O “não” é uma palavra que não existe no dicionário dos avós. Nada é impossível para eles. Avós não são babás de seus netos. Podem curtir cada momento de avô e avó sem a responsabilidade de pais. E, quando se cansam de brincar, devolvem os netos para os pais. Vovô e vovó são puro carinho e amor com muito compromisso. Os avós sempre ensinam e enfatizam que a felicidade dos netos deve estar em primeiro lugar, independente do que aconteça em suas vidas e que não devem se importar com a opinião das pessoas a respeito deles.

Os netos aparecem quando estamos desanimando da vida. Envelhecendo. Parando de trabalhar. Sem motivação. Aí eles chegam e nos enchem de razão para viver, com entusiasmo e alegria. Queremos vê-los crescer, ir para a escola, para a faculdade, casar e, enfim, nos dar bisnetos. E novo ciclo de felicidade vai nos forçando a querer viver mais e mais.

Minha mãe tem 89 anos, quatro filhos, dez netos e nove bisnetos.

Minha sogra tem 90 anos, três filhos, dez netos e 13 bisnetos.

Benditos os netos!

Que delícia acompanhar o crescimento e o aprendizado dos netos.

O primeiro choro. O primeiro sorriso. A primeira papinha. O primeiro dentinho.

Os primeiros passinhos. As primeiras palavras.

E o primeiro “vovó”! A gente nunca esquece. Quanta emoção! E o primeiro “vovó Maria Helena”? Muita alegria e felicidade ao ouvir.

Apesar de tanta tecnologia, a gente esquece de registrar cada novidade, cada frase engraçada, cada palavra falada errada:

— Pacagaio, picoca, compitador, maquena, piscogola, se eu sesse, pro favô, delisgar, banho de ioiô (ofurô), precura, gabaato (guardanapo).

Certo dia estava com Marcella, em Campinas, ela chorava muito, pois queria o pai, que estava fazendo Felipe dormir. Fui para a janela e mostrei uma pombinha para ela, no telhado da casa vizinha. Ela parou de chorar, se distraiu e falava pra mim:

— *It is a girl!*⁵, vovó?

Eu não entendia que ela estava falando em inglês. Perguntei para meu filho:

— O que ela está dizendo?

— Mãe, se a pombinha é *girl* ou *boy*.

Ri muito.

Marcella, em 2018, ganhou uma boneca e deu a ela o nome de Maria Helena... Dança, troca fralda, dá comida e deixa de castigo.

Outra de Marcella:

— Eu me chamo Marcella Olivares Pereira e meu irmão é Felipe Olivares Pereiro, porque ele é menino.

Na mesma linha, Raul disse:

— Quando eu agradeço, eu falo “obrigado” e você fala “de nada”, e o vovô fala “de nado”? Quando a pessoa espirra, a gente fala “saúde”, e quando ela tosse?

Felipe, no dia do meu aniversário, me viu ligando para o porteiro pedindo autorização para descer na brinquedoteca. No dia seguinte, pela manhã, pegou seu chinelinho, sentou no chão para colocá-lo, pegou a máscara e falou pra mim apontando para o interfone:

— Liga pro moço, vovó!

Muita fofura.

Raul para vovó, quando tinha 3 anos:

— Eu quero que o Papai Noel me traga de presente um pote de sorvete de chocolate.

E como ficou feliz ao receber das mãos do bondoso velhinho seu tão sonhado presente!

Vovô dando boa noite para o Raul:

— Tenha bons sonhos!

— Tá... (pausa) ...Vovô, eu ainda não sei sonhar, eu só penso.

Vovô falando para o Raul enquanto ele fazia e pintava um desenho da aula *on-line*:

— Vai devagar, não precisa ter pressa.

— Vovô, eu estou indo na minha temperatura!

Mamãe falando para Raul:

— Filho, na vida tem que ter paciência.

— O que é paciência?

— É não ter pressa. É saber esperar.

— Eu nunca vou ter paciência!

Mamãe sendo massageada por Raul:

— Nossa filho, você sabe fazer direitinho. Foi a *pro* Tati ou a *pro* de Educação Física que te ensinou?

— Ninguém, mamãe, eu já sabia, meu “cérebro” me ensinou!

Conversa da Marcella com o papai, antes de dormir, em dias de pandemia:

— Filha, sonha com uma coisa bem legal... Sonha que você está voando!

— Não, papai, vou sonhar que eu posso sair de casa!

Diz a sabedoria popular: pessoas criadas com os avós são pessoas doces. Não tenho dúvida. É um amor que não tem fim. Por outro lado, todos os netos acham que têm os melhores avós do mundo.

Avó orgulhosa de seus netos é um pleonasma, não há como discordar. Trata-se de uma experiência única ver os filhos de nossos filhos crescerem sob um novo olhar de maturidade, paciência, compreensão, carinho e amor. Netos são como medicação para os nossos mais sérios problemas na fase de nosso envelhecer.

Raul, Marcella e Felipe, muita gratidão por serem meus amados netos! Peço a Deus que eu possa registrar seus passos, por muito tempo, com muita saúde e lucidez. Quero acompanhá-los até que tenham seus netos!

Maria Helena Duarte Nunes Pereira mora em São Paulo, é graduada em Matemática pela Universidade Mackenzie e em Automação de Escritórios na Fatec-SP, com pós-graduação em Qualidade Total pela Fundação Vanzolini e Mestrado pelo Centro Paula Souza. Trabalhou durante 23 anos no sistema bancário, onde se aposentou. Atuou como tutora virtual complementando os estudos efetuados para a dissertação de mestrado. Hoje, atua na área educacional.

MAUISA Annunziata



Questão de tempo

Ele tinha quatro ou cinco anos, muito conversador. Bom vocabulário, boa pronúncia, meu neto Cao. Naquele momento, íamos pela calçada de mãos dadas e ele contava animado:

— Há muito tempo “atrás”, viviam animais enormes, do tamanho de uma casa bem grande, os dinossauros. Eles comiam os galhos altos de árvores muito altas. Tinha também o velociraptor, que andava muito mais rápido, o gigantossauro, que era o maior, um que voava era o pterodátilo.

A mãozinha livre gesticulava, mostrava os tamanhos, o que faziam e como.

— Nossa, Cao! Você sabe tanta coisa difícil! Comentei.

— Aprendi na escola, vovó!

— Aí, há muito tempo “atrás”, fez muito frio, muito. O gelo cobriu todo o planeta. Foi tanto gelo, que o gelo cobriu todo o planeta. Foi tanto gelo, que enterrou os dinossauros. E eles eram enormes. Quando derreteu, estavam todos mortos.

— Nossa, querido!

E continuamos andando. Ele um pouco calado nesse momento. E veio...

— Vovó, me explica que eu não sei, o que é “há muito tempo ‘atrás’”? O presente greco de Deus

Agora Cao tem 7 anos. Passou férias em “Belzonte” com a avó

paterna. Imagino que foi a missas, procissões e teve aprendizados religiosos, porque já em São Paulo, me perguntou:

— Vovó, Deus é pai de Jesus?

— Sim, querido, Deus é o pai de Jesus.

— Então, por que ele não deu a seu filho um carrinho, uma bola?

Por que não deu uma bicicleta pra Jesus? Foi dar justo um sacrifício pro filho? Justo uma coroa de espinhos?

Essa conversa voltou e voltou várias vezes, minha filha contou.

Um namorado para vovó

— Vovó, você precisa ter um namorado.

— É mesmo, querido. Você me ajuda a encontrar um, bem bonito?

— Ajudo, vovó. Mas tem que ser domingo à tarde.

— Domingo está bom pra mim.

— Ah, mas você tem que usar um vestido cor-de-rosa!

Diferenças

Depois nasceu o irmãozinho do Cao, o Luca. Cao, 5 anos, perguntava:

— Quando ele vai ficar de pé e brincar comigo?

O tempo é muito vagaroso na infância. Cao esperou e esperou.

São temperamentos opostos. Cao bem reflexivo. Luca bem racional, objetivo. Seus carrinhos faziam filas perfeitas por cima das molduras desenhadas dos tapetes. Arrumava por cor, por tipo, por tamanho. Assisti com ele desenhos animados sobre carrinhos e corridas. Muitos.

Tentei fazer com o Luca as mesmas brincadeiras que tinham feito sucesso desde os meus filhos até o Cao. Uma delas era brincar de “E se o mundo fosse...” Era assim: um de nós propunha “E se o mundo fosse... todo de borracha?” E abriam-se as possibilidades para um mundo novo. Ninguém se machucaria, a bola não iria quicar no chão etc. Ou “E se o mundo fosse todo de sorvete?” Íamos viver lambendo as paredes, as árvores, a língua das pessoas seria bem comprida, assim por diante.

Eu me lembro de que aos 4 anos meu terceiro filho propôs: “E se o mundo fosse todo de mulheres bonitas com flor nos cabelos?” Achei precoce, mas não interrompi o fluxo da imaginação.

Com o Luca, fiz o mesmo jogo.

— Luca, querido, você já imaginou se o mundo fosse todo de sorvete?

— Vovó — respondeu ele — isso não existe.

Acabou meu texto.

Heroína

Lorena surpreende. Pensando em engravidar, minha filha descobriu-se grávida. Alegria geral. Muito jeitosa com crianças, era importante ter um filho.

E veio. Um bebê pequeno, louro, grandes olhos azuis. Uma menina... nórdica? Como? Somos todos morenos! Ascendência italiana, portuguesa, espanhola! Elucubrações: o avô tinha olhos azuis, a bisavó paterna tivera olhos azuis, o pai, louro quando bebê, os olhos da avó são esverdeados. Forçaram.

Nada disso. Lorena é ela mesma. Como todas as meninas de 5 anos, tem as personagens femininas preferidas, de longos cabelos. Hoje em animações, as mocinhas salvam os príncipes ao invés de serem salvas por eles. São destemidas e vivem situações de perigo.

É nessa dobra de história que conto essa passagem. Lorena é corajosa, muito. Desde o balanço bem alto, até o primeiro salto de paraquedas. Pai aviador, mãe paraquedista. Aguenta, coração de vó!

Junto à mata que limita meu espaço, corre um riozinho. Estávamos de mãos dadas por perto e ela:

— Vovóvisa (me batizou), você faz uma aventura comigo?

Seguimos a trilha. “A primeira curva será de bom tamanho”, pensei. Não era. Ela foi à frente, abrindo passagem com um sobe e desce, eu não tinha calçado tênis, estava de vestido, não esperava uma caminhada assim, inspira fundo, pula tronco, passa embaixo de outro, aqui afasta as folhas, lá reza para não haver insetos e aranhas, pior, cobras! Até darmos em uma prainha, ufa! Com os pés na corrente, tomamos água, comemos bolachas. E voltamos. Reza para não haver insetos e aranhas, pior, cobras por lá, afasta folhas por aqui, pula tronco, respira, de vestido, desce e sobe. Ufa! Chegamos em casa, salvas. A heroína contava aos pais tudo que fizera. Minha respiração acalmava.

Depois se sentou à mesa, pediu papel:

— Preciso desenhar o mapa da aventura. — Disse.

Mais uma folha. E outra e mais outra e mais outra. Tudo registrado, folha a folha no chão e explicou cada sobe e cada desce, cada tronco, rio, bolacha, sem insetos peçonhentos. Mapa em escala, 50 cm/ano de vida.

À tarde, quis conferir o mapa. Dessa vez, eu de jeans, tênis e cajado. Não podia deixar de acompanhar a heroína. Exausta, ufa!

Intãum...

A pandemia isola. A maioria das amigas sentiu-se sozinha, autonomia zero. Uma dedicou-se à arte. Outra valorizou a casa. Ouviram zooms, podcasts, aulas virtuais. Todas sentiram a falta de filhos e netos.

No meu caso idem. Pertença a grupo de risco, fui pega de surpresa em Lisboa, despreparada até na mala de roupas. A saída foi morar com filho, nora e neto.

— Fica só até passar a crise, mãe.

Imaginei um ou dois meses. “Muito tempo para visitas de mala, cuia e guarda-chuva, muito tempo para quem é independente. Muito tempo para exercer o papel de sogra. Como minha nora querida estaria sentindo a visitinha? E meu filho há tanto tempo longe do meu convívio?”

Fiquei seis meses. Sobrevivemos. Não podia ser de outro jeito. Joaquim (2 anos em outubro de 2020) preencheu qualquer espaço de apreensão. Sua mãe é inglesa. Levei o português para cozinha, quarto e sala. Língua de sogra!

João adora histórias. Temas: algo que ele tenha vivido no dia mesmo ou no anterior. Um passeio de bonde, a passagem de um caminhão pela rua, um bombeiro. Quer ouvir sons e alarmes. Descobri, sou perita em imitar ambulâncias, bombeiros e policiais. Construímos trens e túneis com cadeiras ou caixas de papelão. Soávamos juntos:

— Tchu, tchúuuuu!

Daquela convivência, guardo meu Joaquim, sentado sobre a mesinha em frente, os pezinhos cruzados, a pedir história:

— “Intãum...” — Diz ele, e eu:

— Então, o João entrou no ônibus... — Contava eu, e, ao finalizar, ele queria mais, repetindo:

— “Intãum...”

E eu inventava mais histórias. Olhos bem abertos, a imaginação desenrolava seu caracol, como folhinha nova.

“Intãum”... voltei. Parte das coisas ficou lá (do meu coração). Certamente a história vai continuar, engatar lembranças e saudades. Vagõezinhos na vida de Joaquim.

Poesia concreta de André, neto da Ivone

Comemorava-se o ano novo. Os adultos, uns 20 talvez, estavam de pé em círculo. Duas crianças. Uma menina de 7 anos, um menino de 5. Maya e André, netos da minha amiga.

O jogo do grupo era ler cada um, uma página de livro escolhida a esmo, inclusive as crianças. Muito simples.

Uma aura de expectativa e sutileza girou na roda de rostos. A expressão de quem foi tocado pelo texto aleatório, lendo-o como quem recebe mensagem especialmente enviada. Outro tentava leitura objetiva, como uma notícia. Alguém fez da leitura um ato poético. Alguma vez, tremeu a voz de alguém. Um leu pelo vizinho cego, um leve soluço na entonação. Atenção redobrada, à fluência da menina tão nova. A mim, emocionou mais do que tudo, o menino.

Não sabia ler. No colo da mãe, acompanhava a leitura que ela fazia da página que ele abria. O olhar atento aos desenhos das letras indecifradas. As mãozinhas paradas no ar nada podiam fazer. Fixava o papel e ouvia sem piscar. A brincadeira recém acabara, todos tinham ouvido todos, ainda de pé. O menino abaixa, pega um papel colorido do chão, põe-se a dobrá-lo com eficiência. Só ele podia ler esse papel. Isso ele podia fazer. Levanta altivo a cabeça e fala bem alto. Quer ser ouvido:

— Posso fazer um poema-avião?

Mauisa Annunziata tem 74 anos, é formada em Educação e professora aposentada de Criatividade e Metodologia Científica na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado). Mora numa encosta de morro em São Francisco Xavier. Escreve desde menina. É condição vital. Ama a língua portuguesa. Tem quatro filhos e quatro netos.



MONICA Salvari Baumer



Em algum lugar físico ou virtual, em outubro de 2020

Mensagem para meus netos Felipe e Arthur – talvez para ser lida em outubro de 2030.

Felipe e Arthur,

Estou falando aqui do passado, para que vocês, lá no futuro, tenham uma boa ideia do que se passa no mundo que nos cerca e que os acolheu.

Vivemos em um lugar maravilhoso chamado Brasil, no continente América do Sul, planeta Terra, Sistema Solar, Via Láctea, Universo.

- Neste pedacinho minúsculo do Universo ocupamos um grande território com abundantes recursos naturais, clima muito agradável na maior parte do tempo, fauna e flora muito rica e diversificadas. Nem tudo, pasmem, que aqui existe já está identificado!
- Aqui a frase “em se plantando tudo dá” é verdadeira. O que não nasce por conta própria foi trazido de todos os cantos da Terra. Temos frutas, legumes e verduras em tal quantidade e variedade que difícil é conhecer e experimentar tudo
- Nesta terra, plantando e cuidando, temos alimentos para nós e para grande parte do mundo

- Temos muita água doce e um vasto pedaço do Oceano Atlântico banhando nosso lindo litoral
- Temos praias, montanhas, lagos, represas, florestas, planícies, planaltos, mangues, rios, grandes cidades e pequenas vilas
- Temos gente que veio do mundo inteirinho e aqui se misturou transformando nossa população em um grupo de gente muito parecida, mas muito diferente do restante do planeta
- Falamos uma língua complicada – fico muito brava quando vocês precisam aprender a escrever e ler, com as letras tendo sons tão diferentes – como explicar tudo isso?
- Vivemos em uma democracia e em um regime de mercado – nem tudo tão claro e perfeito, mas de tudo que já vi no mundo, não é dos piores
- Temos uma família maravilhosa
- Vocês tiveram a sorte de chegar em casas que têm pessoas que possuem bons valores e princípios e que se preocupam e se ocupam de vocês
- Pessoas que amam vocês mais do que alguém poderia um dia imaginar ser possível. E que fazem de tudo que podem para entregar a vocês os conhecimentos e as orientações que serão úteis para a vida adulta. Para que vocês consigam se desenvolver e construir uma vida repleta de boas coisas, e com recursos emocionais para enfrentar as dificuldades que, claro, fazem parte da jornada e para apreciar as coisas boas

Parece que estou descrevendo o Paraíso... e isso me faz pensar que talvez não esteja sendo muito boa repórter.

Porque claro, com tudo isto de maravilhoso, as pessoas... Ai, as pessoas... Nem sempre se dão conta de agradecer e de apreciar o que temos de bom. Ficam discutindo, e até brigando feio, porque querem provar que... o que será mesmo que estão querendo provar? Que conhecem a “verdade” melhor do que qualquer outro? Que têm a receita para a “felicidade”?

Bom, eu prefiro me dar ao luxo de desfrutar tudo o que estou vivendo. E trabalhar com afinco para que tudo isso seja merecido e mantido.

As coisas ruins do mundo? São as mesmas desde sempre. Nada

muda muito no comportamento humano. Sempre tem gente com bons valores, gente com valores equivocados e gente que não evoluiu – ainda não absorveu os hábitos e costumes que nos tornou civilizados.

Também existe uma quantidade muito grande de pessoas que vivem em uma situação muito ruim. Parece muito esquisito saber que nesse lugar maravilhoso que descrevi tenha gente vivendo em situação de miséria, de coisas ou de valores. Essa é uma das questões que não conseguimos resolver.

E neste momento, estamos vivendo uma situação muito esquisita. E coloca esquisito nisso. Faço votos de que vocês só saibam disso como sendo um fato da História.

Estamos no meio de uma pandemia – um vírus se espalha pelo mundo todo, ataca as pessoas de várias formas – da mais grave, que leva à morte, a formas tão sutis que muita gente nem sabe que foi acometida.

Para evitar que os recursos de atendimento à saúde fossem insuficientes, foram adotadas medidas de restrição – desde o isolamento total (não sair de casa, paralisar todas as atividades), até as menos drásticas, como o uso obrigatório de máscaras, manter distanciamento de um a dois metros de outras pessoas quando em público, não mais abraçar, dar as mãos, não compartilhar objetos, trabalhar de longe, em casa, quem pode. Quem não pode, usa álcool em gel, luvas, avental, máscaras, se protegendo e tentando não ficar doente. Ainda não temos uma vacina, embora muita gente esteja trabalhando nisso.

Às vezes, me sinto em um filme de ficção científica.

Ainda bem que a Carol tem um pique incrível. Comemora todos as datas com bolo, bola e brigadeiro! Pode ser aniversário, “mesversário” (cada coisa...), aniversário de casamento, ou simplesmente porque chegou o sábado!

E vocês participam na maior animação.

Aprenderam a ser *high tech*! O Felipe tendo aulas pelo Google já abre a sala de aula e se vira com os muitos recursos que nunca tinha visto antes. E o Arthur na maior conversa pelo FaceTime com a vovó Ina!

Quando eu era pequena, o medo geral era da guerra nuclear. O efeito seria esse mesmo: uma nuvem radioativa cobriria o planeta e todos seriam contaminados. Pelo menos hoje a água e os alimentos estão disponíveis. Mas vou contar a vocês que, embora a situação seja bastante complicada e grave, aqui em casa tivemos uma sorte muito grande, que compensa muito!

Graças ao fato de ter aulas virtuais, você, Felipe, aos 9 anos, pode passar algumas semanas na minha casa. Os dias em que você está conosco são muito agitados. Temos que dividir a atenção entre o trabalho, que não parou, e as suas tarefas. As horas de intervalo e de folga, em compensação, são deliciosas. Com toda sua energia e criatividade, estamos sempre envolvidos em algum projeto: fazer um mercado, construir uma galeria de arte, construir um barco, fazer um labirinto para seus gatos, montar o parque dos dinossauros, montar bichos com o Lego, fazer um periscópio, fazer bichos crescerem na água e... Puxa, são tantas atividades que é difícil lembrar de tudo. Você sabe brincar e adora que brinquemos com você – o Bibio, a Vovó, a tia Carol, o Tio Ro – todos envolvidos. E depois de tomar um banho de banheira, fazendo a maior folia, dorme conosco naquela cama enorme, e assim podemos ficar juntinhos mais um tempo.

E em abril, você chegou, Arthur – a gente te chama de bebê pandinha. Desde esse dia você ficou com a mamãe e o papai aqui na casa da vovó e do vovô. Já está com sete meses agora e, aos poucos, indo para sua casinha. Você adora brincar, pular e até está dançando! Acordar cedinho para te pegar, trocar a fralda, dar o “te te” e ficar até a hora que se iniciam os meus compromissos é uma delícia. Nos intervalos, até na piscina conseguimos entrar - dias muito quentes são um presente nesta cidade! Cada dia, uma novidade. E estamos curtindo cada uma delas.

Em tão pouco tempo, você passou de um pedacinho de gente para um pedaço da gente.

Aliás, saibam os dois que ter vocês conosco nos primeiros meses de suas vidas foi um presente inigualável.

Vocês dois, primos irmãos, puderam também, durante este período, se conhecer e ficar próximos, e vejo um forte sentimento enlaçando-os. Morando em cidades diferentes duvido que pudessem ter vivido isso!

Vocês mexem comigo de um jeito que não podem imaginar. Uma dádiva sentir paixão. São poucas vezes na vida em que isso acontece. As artes estão cheias de criações maravilhosas, fruto das paixões. Vocês são as obras de arte que estão penduradas na minha alma. E espero encontrá-los daqui a alguns anos com todas as cores com que foram feitos e aperfeiçoados fazendo bonito no cenário da vida com todos os dons que receberam.

Amo vocês profundamente. Pensar em vocês faz meus olhos ficarem marejados de tanta emoção.

Vovó Mon*

Monica Salvari Baumer nasceu em 1956 em São Paulo. Vovô Bibio, seu marido, um pai de verdade e um avô totalmente encantado. Eduardo e Carolina são seus filhos queridos, de quem receberam presentes incomparáveis, Felipe e Arthur. Nunca desistiram de esperar que fossem mais. Formada em Administração de Empresas, trabalha desde os 14 anos na empresa da família, uma indústria de produtos para a saúde fundada em 1954. Tem muito orgulho desse negócio que tem como propósito ajudar a salvar vidas. Aliás, uma história e tanto que pode ser lida no livro que o avô Baumer deixou. O resto da história ela espera que os netos vivenciem ao longo de muitos anos!



MYRIAN Becker



Grandes amores

Tudo aconteceu em um dia quente de janeiro de 2009. Precisamente no dia 20 de janeiro, por volta das 17h, recebo o chamado do meu genro Reginaldo, avisando que chegara o momento de irem para a maternidade. Patrícia, minha primogênita, teria o bebê, que, já sabíamos, era uma menina.

Meu marido e eu nos dirigimos ao hospital para acompanhar o nascimento da Valentina, nossa primeira neta.

Depois de cumprida a burocracia da internação, os futuros pais puderam ir para o quarto e, em seguida, subiram os avós e tios, em uma euforia ímpar, champanhe nas mãos e sorrisos nervosos.

Bem, era chegada o momento e Patrícia foi levada para o centro cirúrgico, para uma cesariana. Eu e meu genro queríamos assistir ao parto, mas só ele tinha autorização. Porém, após muita insistência de minha parte, consegui permissão para entrar na sala de parto também.

Quando entrei, já estava tudo preparado para a cirurgia e em alguns minutos começou toda a mágica. O cirurgião com suas mãos hábeis fez com o bisturi uma incisão horizontal na barriga da Patrícia, parecendo que ia começar a desenhar.

Alguns segundos depois tive a graça de assistir ao evento mais emocionante que pode existir: o nascimento de um bebê. É verdadeiramente um milagre. De repente, naquela sala havia mais um coração batendo. Não me parecia ser real. Houve em mim uma mistura de sentimentos. Felicidade, preocupação, amor, mas, acima de tudo,

uma indescritível sensação de euforia.

Naquele momento nasciam juntas uma criança, uma mãe e uma avó. Tudo seria novo para nós três. Mas a avó estava renascendo como uma nova pessoa.

Em seguida ao parto, houve o primeiro banho da Valentina, realizado pela enfermeira no berçário à vista de toda a família, que tudo filmava e fotografava em meio a um falatório ensurdecedor.

Após três dias de maternidade, a menininha foi levada para casa e começava para mim uma nova fase da vida.

Valentina foi crescendo e se tornando um lindo bebê, depois uma linda e doce menina. Nós nos amávamos muito, dormíamos abraçadas quando ela estava em minha casa. Ela ficava enrolando meu cabelo para pegar no sono. Depois começou a ficar chatinha e resistente para comer e a vovó tinha que cantar sempre as mesmas canções, latir, miar, fazer de tudo para a comida – já fria – poder entrar na boquinha. Mas o milagre finalmente acontecia. Ela comia tudo e, em seguida, nós duas já cansadas, tínhamos que tirar um cochilo. Como era bom! Vivemos muitas coisas boas juntas. Passeios, brincadeiras, visitas, viagens e até hospitais de madrugada. Fazia parte também.

Os anos se passaram rapidamente, ela foi para escolinha e a vovó foi ficando muito saudosa e só. A convivência ficou bem menor e sentíamos muito a falta dela.

A Valentina foi crescendo, tornou-se uma criança linda e feliz, inteligente e saudável sob os cuidados dos pais, e isso é o que importa. Mas até hoje ela ainda faz muita falta. Costumo chamá-la de “luz da minha vida”, porque a partir da sua vinda ao mundo ganhei uma luz própria, que me transformou em uma pessoa diferente de tudo o que eu já fora um dia. Hoje a Valentina tem 12 anos.

Mas eu e meu marido não ficaríamos sós por muito tempo. Minha segunda filha, Flávia, ficou grávida e nós teríamos outro bebê na família. Eu estava esperando um novo netinho. Fiquei extremamente feliz, me ocupei das compras do enxoval, ia às consultas e minha alma vibrava dia e noite. Era um menino.

Meu genro, Newton, é nissei. Então, a curiosidade para conhecer a criança era geral. Ele teria olhos azuis como os da mãe ou seria um autêntico oriental?

A gestação da Flávia foi difícil. Houve muito sangramento. Por isso, o parto foi antecipado para 32 semanas e marcado para o dia 23 de janeiro de 2011. Era o nascimento do Kenzo.

Chegada a data, fomos todos acompanhá-la ao hospital. Eu e meu genro pudemos assistir ao parto. Já no centro cirúrgico, a futura mamãe estava a postos para a cirurgia. O genro à cabeceira dela e eu ao lado na altura da barriga. Não queria perder um detalhe sequer. Logo vi o bisturi já em ação segurado com firmeza pelas mãos do médico. Após a incisão, o bebê foi retirado. Um lindo bebê surgiu sob meu olhar ansioso. Parecia ter um bom peso e chorava bastante. Saudável, se mexia muito e todos nós ficamos aliviados. Houve descolamento da placenta, mas mãe e filho estavam bem. Outro evento maravilhoso.

É um privilégio participar de um momento tão cheio de amor, quanto o nascimento de uma criança. E comigo acontecia pela segunda vez. Fui convidada pelas enfermeiras a assistira limpeza do bebê em uma salinha próxima. Tudo ia bem até que, de repente, o bebê parou de chorar. Apressadamente uma das enfermeiras começou a massagear seu peitinho com as pontas dos dedos com vigor. Fiquei horrorizada. Naquele momento só pensava em minha filha e genro. Fui dispensada do local e a criança foi levada pelas enfermeiras. Mas logo ouvi o choro novamente. Dei graças a Deus, mas concluí que se tratava de uma parada cardíaca ou respiratória. Mais tarde soube que ocorrera uma parada respiratória.

Não contei nada aos pais nem a ninguém. Estava muito assustada e não conseguiria descrever a cena. Uma semana depois contei para o genro que, perguntando ao médico, foi informado da insuficiência respiratória.

Em se tratando de um parto prematuro e por outras questões, foi necessária a permanência do bebê Kenzo por quase um mês na UTI neonatal. Algum tempo então se passou e tudo se normalizou.

Mamãe, papai e bebê saudáveis, família feliz e tocamos o barco.

Esse neto Kenzo é muito especial para mim, pois assisti ao seu nascimento e ao seu renascimento. Ele é um guerreiro que batalhou arduamente pela vida e venceu. E cresceu e se tornou um lindo mestiço. Uma pintura.

É uma criança adorável, saudável, cheia de vida, muito inteligente e de uma vitalidade incrível. Virou fonte de alegria para todos.

Seis anos depois, o Kenzo foi morar com os pais no Japão. Mas antes disso tivemos uma convivência intensa juntos, com muitas alegrias.

Quando o Kenzo e os pais partiram para o Japão, há mais de três anos, houve muita choradeira e sentimento de perda, mas tudo se ajustou.

Hoje eles estão muito felizes lá e o Kenzo já é fluente em japonês! Ótimo aluno na escola, faz esporte e tem muitos amigos. Nunca ficou doente. Acabaram-se os problemas respiratórios, nunca mais precisou da

“bombinha” e as alergias desapareceram. O que mais uma avó pode querer?

Estou muito feliz por eles, mas quando bate a saudade não tem como evitar as lágrimas. Hoje o Kenzo tem 10 anos.

Nesse meio tempo, tive meu último neto. Até agora, é claro. O neto caçulinha é o Vitório, irmão da Valentina, que nasceu no dia 30 de agosto de 2012, em Santo André, e não pude assistir ao parto. Não consegui chegar a tempo. Ele nasceu muito bem, foi tudo tranquilo. Cresceu ficou muito bonito e bom menino.

Mas foi crescendo mais um pouco e se tornando um moleque bem levado. Não tenho como descrevê-lo. Só fisicamente, é óbvio. O menino é divertido, curioso, inteligente, sapeca e muito carinhoso.

Neste ano de 2020, com as aulas realizadas *on-line* ficou mais fácil a convivência. Ele vem passar vários dias com a vovó e o vovô.

O Vitório é “meio” terrível. Se quebra alguma coisa, esconde atrás de um móvel ou em gavetas. Come chocolate às escondidas e guarda o papel onde ninguém acha e assim por diante. Mas, ao mesmo tempo, arruma as cobertas na cama, varre o terraço e ajuda com os pacotes das compras. Também faz companhia ao vovô no sofá para verem um filme juntos. Então fica tudo na compensação. Uma delícia.

Quando se cansa da aula, Vitório sai de mansinho do computador no meio da lição e some. Vai olhar as árvores e as casas no condomínio. Disse-me outro dia que foi procurar uma casa vazia para ele alugar e ficar perto da vovó. Ele sempre tem ótimos argumentos de defesa.

Também adora passear a pé comigo tarde da noite para ver a lua e contar as estrelas. Gosta de astronomia. Aprende tudo sobre o assunto no YouTube. É realmente uma companhia ótima.

Logicamente, quando ele vai embora, fica um vazio terrível sem aquele falatório todo. E a vovó chora muito... Hoje o Vitório tem 8 anos.

Para terminar, declaro que esta é a história de uma avó apaixonada. É a minha história. E não consigo imaginar a vida sem meus netos.

Avós e netos são palavras mágicas que me inspiraram para contar três histórias sobre três grandes amores de uma avó.

Myrian Becker, 65 anos. Advogada formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atuante na área Civil e de Família e Sucessões. Realizou trabalho voluntário de assistência jurídica em periferias das ZN e ZS de São Paulo. Modelo fotográfico para catálogos de moda. Integrante e co-fundadora do veículo jornalístico Cidadão e Repórter, onde escreve matérias jurídicas. É avó de três netos.



NEIDE Alves da Silva



História de uma pequena grande família

Dedico este texto às minhas filhas Ana Lúcia, Márcia Regina e ao meu filho Marcos Agostinho.

Minha vida não foi fácil, no entanto, sobrevivi e estou aqui para contar histórias, falar de mim e rever lembranças e ver o hoje com minha vida de avó.

Entre outras lembranças muito boas algumas são de quando eu era criança, bem criança. Que delícia! Nós morávamos em um sítio de meus avós paternos e eu brincava com meus irmãos, na época éramos cinco, e eram muitas brincadeiras divertidas junto com as aventuras de apanhar frutas no pé e tomar leite puro quentinho com melado. A cada tempo as lembranças ficam mais preciosas e vão se enovelando com o presente, formando ciranda boa de viver. Nas pequenas alegrias de todos os dias.

O que me deixa alegre é acordar bem e, após o banho e o café da manhã, sair para o quintal e cuidar das minhas plantas, sabendo das notícias da família e da “netaiada”.

Creio que é bom a gente fazer coisas que gosta e poder transmitir isso aos netos. As viagens são outras coisas boas. Conheço vários lugares pelo interior de São Paulo e fora dele. Aliás, tem um que amo e é perto de São José do Rio Preto. Chama-se Paulo de Faria. Um lugar no qual tenho muitos amigos e tenho muita saudade. Lá também vivo momentos bons.

Vivo momentos bons também na ioga e acho que fazer exercício é muito bom para mim. Bem como vestir roupa branca, que também gosto. Acho que faz bem.

Minha experiência como avó começou sem planejamento anunciado, foi assim, de repente, e quando vi já havia várias crianças ao meu redor, que crescem a cada dia.

Domênica Souza Motta

Chegou à minha casa em 1985, uma pessoinha um tanto frágil e de cara fechada, que me pareceu um tanto brava, não querendo falar muito. A princípio, vinha aos finais de semana com o pai, que na época já namorava Ana Lúcia, minha filha, que depois se tornou mãe de coração de Domênica.

O tempo foi passando e, por conta de coisas que a gente não tem como entender, ela chegou e foi ficando, e a gente aos poucos foi se apegando e de repente ela quis vir morar na minha casa e fui convidada a cuidar dela. E assim virei avó. Passei a ser chamada de Nê, de Neide, depois de avó, e de vovó, como é até hoje!

Naquela época, eu trabalhava era diarista e às vezes a levava comigo, pois todos trabalhavam e ela não podia ficar sozinha em casa. Foi um tempo bom, não muito suave, mas gostoso, e ela era minha companheirinha. A gente tinha bons momentos brincando de casinha, fazia cabaninha. Às vezes eu nem queria brincar, mas ficava ali curtindo o momento com ela. Na época de escola, às vezes era eu quem a levava, e nas reuniões, quando minha filha não podia ir, era eu que ia.

Atualmente, 2020, Domênica, a minha neta tem 36 primaveras. Hoje sou até bisa, pois ela já tem uma filha, a Larissa, que nasceu em setembro de 2008 e tem 12 anos.

Não vou dizer que nós, eu e ela, não tivemos uns perrengues, muitos anos atrás, quando ela era adolescente. Nem tudo foi às mil maravilhas, mas temos uma sintonia incrível, muito boa mesmo e faço questão de falar que isso é prova de que o amor vence. Mesmo com ideias diferentes, conseguimos conviver e respeitar nossas diferenças. Essa é a palavra que para mim é muito forte e significativa: “superação”.

Guardo até hoje as tantas cartinhas que ela me deu, ela é muito querida por nós e é filha única do casal. Eu a amo muito, minha primeira e amada neta.

Marcos Agostinho da Silva Filho

O Marcos Filho é meu segundo neto amado, meu negão, um rapaz enorme e lindo que nasceu em 2003. Como eu te amo!

Meu filho Marcos sonhava muito em ser pai. Até que um dia, depois de muitas idas e vindas, tivemos o prazer de receber em nossas vidas a sua criança, que hoje chamamos de Marquinhos.

Quando eu soube que iria ser avó outra vez, que felicidade! Primeiro a preocupação com algumas coisas, mas graças a Deus, a família sempre unida que somos, ficamos só pedindo que desse tudo certo, e deu! E como deu certo.

Meu filho, bobão de tão feliz, espalhou muita felicidade por aqui. Quando Marquinhos nasceu, ficou aqui com os pais, pois a casa deles estava em reforma. Que alegria!

Quando minha nora ia tomar banho e pedia para eu dar uma olhada nele, eu ficava babando. Ficava na beira da cama olhando aquele pedacinho de mim. Fofura. Gente, imagine, não tem preço pegar aquela coisinha no colo. Não conseguia tirar os olhos da criança e ficava olhando cada detalhe.

Ele, criança ontem, hoje tem quase 18 anos. É tão bonitão, tão carinhoso, é um cara bacana. Não entra ou sai sem pedir a benção para mim. Espero que continue assim, o meu amor.

Fico emocionada ao falar das crianças, netas e neto. Sou avó coruja sim, não nego. E olhe que eu aqui não estou inventando nenhuma história, estou falando apenas do que é ser avó de verdade! Meus netos me respeitam me amam e eu também.

Maria Luiza Soares da Silva

Minha terceira neta nasceu em 2014, hoje tem 6 anos, é irmã do Marquinhos. Tem um lindo cabelo, parecendo uma princesa negra. Usa laços de todas as cores, fitas e penteados maravilhosos que a mãe dela faz. E adora se olhar no espelho. Gosta do que é bom e bonito.

Luiza é cheia de: “eu sou eu, jacaré, um bicho. E quem quiser que tome seu rumo!” Muito esperta, cheia de atitude, não tem muita conversa quando não se agrada das coisas, quando acha que não, é não e pronto!

Suas grandes marcas são a inteligência e a inventividade, carinhosa com os pais e com o irmão, com quem se dá muito bem. Cheia de

modernidade, faz seus vídeos, gosta de dançar, faz aula de balé pela internet, lê, escreve, desenha. É uma menina antenada. Vejo que ela adora também a natureza e a casa da tia Márcia, minha segunda filha, porque lá tem fonte de água, jardim com grama e muito espaço, tudo o que Luiza ama.

Às vezes, ela interage comigo e outras vezes, não. Isso é mesmo coisa de criança, porque, afinal, não sou eu que vou mudar isso ou aquilo. A gente se ama e pronto.

Gente, eu sei que às vezes exageramos ao falar das pessoas, dos netos, dos filhos, mas, como eu disse, não estou inventando nada. Falo apenas a verdade que a vida me permite ver.

Que todos e todas as minhas netas, o neto e bisneta entendam que eu amo cada um deles: Domênica, Luiza, Marcos, Larissa.

O que eu quero falar é o seguinte: sou uma avó que não dá muitos palpites na vida dos netos. E quero bem a eles.

Com a Domênica, a convivência foi mais estreita, todo dia, toda hora. Eu era bem mais nova também. Tinha muita energia. Eu cuidava, levava no balé, na natação, na psicóloga, eram muitas histórias, ela cresceu na nossa casa, comia no mesmo prato comigo, dormia comigo, enroscada nas minhas pernas.

O Marquinhos também, durante algum tempo ficava muito comigo, agora está um rapagão. A Luiza já é de um outro tempo e tivemos menos convivência. Ela tinha 3 anos quando fiquei doente em 2018 e 2019, e agora tem a tal da covid em 2020. A vida é outra. O que importa é que amo demais os meus lindos netos e a bisneta.

Larissa Fernandes de Souza Silva

Agora vou de falar da minha estrelinha Larissa, minha bisneta, que é uma fofa também. Ultimamente anda até beijando a minha mão quando chega e ao se despedir, linda!

A Larissa é uma coisa muito boa na minha vida. Ela é toda serelepe, me respeita muito. Também é uma menina moderna. Tem um corpo que parece que é de elástico. Faz mil e uma com as pernas, vira de ponta-cabeça, dança, rebola e tem muita energia.

Toda vez que ela vem aqui em casa, vai logo pedindo para fazer brigadeiro, adora comer tomate cereja e macarrão. Bota a cara na geladeira e vai logo perguntando:

— Bisa, o que tem para comer?

E cabe é comida naquela barriga tipo tanquinho, de uma menina magra.

Dá a vida por um celular e computador, e sempre está tentando pintar seu cabelo de azul.

Tenho meu canto bem confortável, uma família legal, boa alimentação, os filhos e filhas formados, cada um com sua profissão e sabem valorizar o que conseguiram construir.

Todas as noites, peço proteção a cada um, que sejam boas pessoas, honestas, ativas, que se amem e que saibam onde colocar os pés e a cabeça. E, em especial, o coração e os sentimentos, o que move ancestralmente minha pequena grande família.

Neide Alves da Silva, uma mulher negra, veio ao mundo no dia 28 de fevereiro de 1941, em Boraceia, no interior de São Paulo, onde morou com sua família até os 7 anos de idade. Depois mudou-se para Carapicuíba, onde reside até hoje. Tem muita fé em Deus, tem garra e coragem e acredita que sempre tudo vai dar certo. Adora ouvir músicas para chamar lembranças e produzir vida.



NEIDE dos Santos Olic



Três gerações de avós e netos

Do passado me vêm lembranças leves do tempo vivido com meu avô. A vivência como neta mais velha e afilhada, recheada de histórias sobre sua vida de marinheiro, que o levou para os portos do Mediterrâneo durante a 1ª Grande Guerra Mundial. Depois as que teve como sindicalista e a cumplicidade no meu início de faculdade em 1968, quando ele, por precaução, escondia nossos livros censurados pela ditadura, apesar de não termos nenhum envolvimento político e sermos meros expectadores dos acontecimentos no campus universitário nos idos de 1968.

Minha avó ficou doente e morreu mais cedo, a memória que ficou foi das comidas e doces gostosos que tanto agradavam as netas. Daquele convívio com os avós, ficaram recordações doces de um amor incondicional.

O tempo passou, eu me casei, tive quatro filhos, uma menina e três meninos, que estudaram, viajaram, se tornaram independentes e parecia que netos não viriam. Aliás, vocês hão de concordar comigo que essa geração é diferente, eles se casam mais tarde e têm filhos mais tarde também. Na idade que meus filhos tiveram o primeiro filho, nós já tínhamos quatro! Mas, de repente, eis que minha filha mais velha chegou com a notícia de que seríamos avós.

Em 2009 chega a Lara, nossa primeira neta. A partir de agora tenho que escrever no plural, pois o vovô Nelson nos deixou há um ano, mas dividimos integralmente aquela etapa maravilhosa (e trabalhosa...) da vida.

A Lara, hoje com 11 anos, nos envolveu em tempo integral, pois a

mamãe e o papai trabalhavam o dia todo. E assim, lá estávamos nós, depois de 30 anos, desde que nasceu nosso caçulinha, com um bebê em casa, envolvidos com fraldas, mamadeiras, mil apetrechos, e aquela bebezinha linda (não se esqueçam de que sou uma avó coruja) para cuidar, brincar e passear.

Foi muita *Galinha Pintadinha*, *Rapunzel* e até *Saltimbancos* e *Vila Sésamo*, que meus filhos assistiam quando pequenos. Diariamente havia passeios de carrinho pela praça, caminhada até a casa da esquina para ver as galinhas no galinheiro, e, no final da tarde, muitos banhos de espuma que o vovô preparava na banheirinha, fazendo a maior bagunça. Adivinha quem limpava e organizava tudo depois?..

Teve até festa de comemoração de um aninho com bolo de cenoura e suco na praça com os bebês amiguinhos e a vizinhança.

Passaram-se quatro anos e chegou a Cecília para iluminar ainda mais as nossas vidas. Ciumeira total: como dividir os “meus” avós? Até hoje ainda tem essa disputa, se uma se senta no colo, a outra vai chegando de mansinho. Se uma vem dormir na casa da vovó, a outra também tem que vir.

A Cecília, dividimos com a vovó Nivalda, que fica com ela durante metade da semana.

E assim fomos nos reciclando, com *Pepa Pig* e *Frozen*. Assistimos muitas tardes de encenação da história da Elza e Ana, ao som da música *Let it go...* Só quem é avó sabe o tanto de paciência e amor que são requeridos para acompanhar.

De temperamentos muito diferentes, a Lara é mais calada, contida, mais tranquila, e a Cecília é uma tagarela, correndo e pulando o tempo todo. Juntas brincam, cantam e às vezes ajudam a vovó a fazer um bolo para o lanche da tarde.

Novamente, depois de quatro anos, chegou o Pedro, o bebê das risadas gostosas. Alegre, adora cantar e tocar instrumentos. Como os pais trabalham em *home office*, ficou super apegado aos dois e foi mais difícil para a vovó ir chegando. Agora estão morando em outra cidade e quando vou passar uns dias com ele na hora de ir embora, ele fala:

— Não vai embora, vovó Ne. Por favor, fica.

Quem resiste?

Agora além de muuuitas bonecas espalhadas pela casa, temos tratores e escavadeiras. Ele adora também um fusquinha e carros antigos.

O que mais gosta de fazer é pular na cama da avó, de preferência com as primas, e logo que chega pergunta se tem gelatina (logicamente a

vovó já fez...). No balanço montado pelo tio André, ele quer que empurre bem forte:

— Radical, vovó!

E a corrida no triciclo também tem que ser a todo vapor.

Depois de quatro anos, a *Pepa Pig* já não é tão importante, agora é o *Baby Shark* e a *Patrulha Canina*.

E vejam só! Agora já não há tantos ciúmes do priminho, as duas se unem para cuidar e brincar com o Pedro. A Lara, mais calma, cuida mais. A Cecília brinca com o Pedro e com os brinquedos do primo.

Tivemos os três netos com um intervalo de quatro anos entre eles. Será que em 2022 me aparece mais um? E será que terei o mesmo pique para acompanhá-los? A vovó está ficando velhinha... Durante a quarentena até deixou os cabelos ficarem brancos. Mas continuará aventureira, viajando por lugares mais exóticos quando dá, e trazendo novas histórias para eles.

A Cecília, por exemplo, fica aguardando fotos de animais. Como já mandei para elas fotos andando de elefante na Índia e de camelo no Marrocos, fora o crocodilo na África, não vale qualquer animal, pois quando mandei para ela foto de uns pássaros lindos em uma lagoa na Grécia, foi decepção total. Ela disse:

— Vovó, não tinha um animal maior para você fotografar?

Ela acha sempre que vai haver algo inusitado.

O prazer de ir ao cinema com as crianças, assistir uma peça de teatro infantil, ir ao zoológico ou ir ao *shopping* tomar um sorvete é sempre único.

O simples ato de sentar-se no jardim e observar com eles os passarinhos tomando banho e depois ligar a mangueira para elas tomarem banho era uma farra só.

Nas férias de julho, costumamos ir à colônia de férias na praia, com outros três primos e, para elas, essa se tornou “a melhor viagem de férias do mundo”. Passam o dia na praia, depois na piscina, tomam sorvete, vão passear. Como são de idades próximas, a diversão é garantida.

O vovô Nelson, com suas histórias malucas, que iam se construindo enquanto as contava, misturava piratas, Capitão Gancho, bruxas, Chapeuzinho Vermelho e tantos outros personagens das histórias infantis, encantava as meninas e as fazia dormir.

Durante todo esse tempo, o mundo tecnológico se desenvolveu vertiginosamente. Quando a Lara nasceu, há 11 anos, eu ainda não tinha celular e as fotos, tiradas com a máquina fotográfica, eram reveladas e colocadas em álbuns. O passatempo mais divertido, como na

maioria das famílias, era todo mundo em volta dos álbuns, comentando, dando risadas e às vezes reclamando de fotos não tão bem tiradas.

Atualmente, as dezenas de situações fotografadas ficam arquivadas no celular ou no computador e não há mais o ritual de apreciá-las em conjunto.

Em resumo: Tenho muitas fotos reveladas da primeira neta e dos outros dois, não. Será que não vão cobrar isso um dia?... Talvez não, pois agora tudo fica registrado nas redes sociais.

Os meus filhos são privilegiados, pois convivem até hoje com a avó, minha mãe, que aos 97 anos ainda é muito presente na vida deles, e desperta grande amor em seus netos. Todos, sem exceção, referem-se a ela como “a minha avó”, como se ela fosse a avó de apenas cada um deles...

A bisa, que ajudou a cuidar dos netos, agora recebe com alegria os bisnetos e ainda brinca de boneca com a Cecília, ajudando a vesti-las, e adora brincar de pega-pega com o Pedrinho. Os dois se divertem muito! E adora dar um docinho ou bolacha para eles, mesmo nas horas mais indevidas como antes das refeições.

Hoje me vejo uma avó diferente das que foram as minhas, que tinham um papel mais lúdico de aconchego e contação de histórias. Não há, em minhas memórias, elas assumirem responsabilidades que hoje tenho com meus netos, como buscar na escola, levar ao médico, cortar o cabelo, até levar para furar a orelha de uma netinha recém-nascida, filha de uma mãe nada corajosa...

Enfim, esse é o meu universo como avó, cansada muitas vezes, mas totalmente realizada, sentindo-me abraçada por filhos e netos. Espero que Lara, Cecília e Pedro guardem dos avós as mesmas doces lembranças que guardei de meu avô.

Quanto ao vovô Nelson, ele se foi, uma nova estrelinha apareceu no céu e ficou o imenso amor vivido ao lado dos netos.

Bem, tivemos quatro filhos, por enquanto três netos. Torçam para que em 2022, quatro anos depois do nascimento do Pedro, apareça o quarto neto. Tenham certeza de que aquela estrelinha no céu vai brilhar com todo esplendor!

Neide dos Santos Olic, nascida em 1946 em São Paulo, estudou Geografia na Universidade de São Paulo, porém trabalhou por 25 anos como bancária. Após, dedicou-se à confecção de papeis artesanais e encadernação de livros e cadernos. Teve quatro filhos, Tatiana, André, Fernando e Maurício, e três netos, Lara, Cecília e Pedro.



Norival **PACHECO** da Silva



A vida nos ensina

Os avós que mantêm contato com seus netos, desde a infância, a adolescência e até a idade adulta, podem ter certeza de que deram uma formação madura, equilibrada e pronta para a vida. Os avós são uma plataforma, uma âncora emocional, principalmente na adolescência deles. E isso fica bem mais evidente quando há separação de seus pais. Por mais amigos que sejam de seus pais, nunca se tem o diálogo que se tem com um avô. Os pais nunca têm tempo e ainda têm que dividir com outros filhos. Pior quando se tem filha também. Digo tudo isso vindo de um lado só, o do avô, pois nunca tive avós, e mesmo que tivesse tido, não teria como comparar, porque houve muita mudança no relacionamento entre ambos, coisas do mundo moderno em que vivemos. E uma dessas mudanças é o fato de que hoje podemos dizer, sem vergonha alguma, que aprendemos com nossos netos, por exemplo, a mexer no celular, no computador, no WhatsApp, Facebook etc.

Sou barbeiro e cabelereiro desde os 15 anos e minha vida profissional sempre me tomou muito tempo, pois fui muito solicitado para fazer demonstrações de minhas habilidades. E com isso tive de me ausentar muito de minha família, mulher e filhos. E tudo isso quase sempre nos finais de semanas, exatamente quando eu teria mais tempo de conviver com minha família. Uma das coisas que eu sempre quis fazer e não fazia porque não tinha uma câmera, era fotografar meus filhos. Agora comprei uma e fotografo muito, tanto meus filhos, quanto meus clientes

e os eventos dos quais eu participo. E em cada cidade, estado e país aonde vou, sempre trago presentes para meus filhos e mulher.

A partir de julho de 1973, quando fui campeão sul-americano em Buenos Aires, Argentina, ganhando meu primeiro troféu, começou um período de muitas viagens, mais troféus, entrevistas para televisão, e muitas outras atividades. Nisso, se passaram mais de 20 anos da minha vida, até que na década de 1990 tudo começa a mudar, tanto na vida, quanto nos cortes de cabelo também. No final dessa década, sou presenteado com o nascimento de meu primeiro neto, o Bruno, e, dois meses depois, nasce minha filha Bia, e, em seguida, minha neta Michelle. Eu tenho cinco filhos (Marcello, Carla, Sandra, Caio e Bia), oito netos e uma bisneta e vivo muito bem com todos.

A chegada dos netos foi assim: Bruno foi o meu primeiro neto, filho do meu primogênito, o Marcello. Depois, veio Michelle, minha segunda neta e primeira filha da minha filha Carla. Como todos os casais anseiam por um casal de filhos, eu formei um casal de filhos e depois foi formado um casal de netos. Pedro, o terceiro neto, é filho do Marcello. Ellen, a quarta neta, é a segunda filha da Carla. Vinícius, o quinto neto, é filho da Sandra. Rebecca, a sexta neta, é filha do Marcello, irmã do Bruno e do Pedro. E o Davi, o sétimo neto, é irmão do Vinícius, também filho da Sandra.

No início do ano 2000, sou eleito “Cabeleireiro do século XX” pela Tribuna dos Cabeleireiros, associação de classe e jornalistas, e logo depois sou convidado a participar do programa do Jô Soares, um dos mais famosos programas de TV do Brasil na época. Foi o maior sucesso da minha vida, e logo depois convidado para o programa da Luciana Gimenez, que foi também um sucesso.

Durante toda a minha vida, trabalhei muito e, por esse motivo, tive pouco relacionamento com meus netos, porém nunca perdi contato com eles. Nos aniversários de cada um, e como eram muitos netos, sempre tinha uma festinha, quando eu via todos de uma vez. Porém, na medida em que eles foram crescendo, elegeram meus salões para os encontros e volta e meia tinha um ou uma passando o dia comigo. Como sempre atendi muita gente famosa, eles se deliciavam quando eu os apresentava para algum artista. Entre eles, sempre falavam sobre isso, o que aguçava a vontade de virem passar o dia comigo.

Almoçávamos sempre em restaurante (o que eles adoravam) e à tarde eu os levava para casa, quando eu aproveitava para dar uma

entradinha e ver as outras pessoas da família. Esse relacionamento era muito mais próximo do que visitá-los em suas casas e ficar alguns minutos apenas. Com isso, que levou anos e anos, tive uma adoração tão grande por todos que me tornou também muito querido por eles, a ponto de um deles, o Pedro, entrar com um processo judicial para adotar o sobrenome Pacheco. Recentemente ele participou de um programa de grande audiência no SBT, do Celso Portioli, ficando no ar durante duas horas. Toda hora o apresentador o chamava de Pedro Pacheco, do que ficou todo orgulhoso. E ele acabou ganhando o concurso do programa.

Em 2014 fui contemplado com o nascimento de mais uma neta, a oitava, Melissa, filha do Caio, e com a chegada da Lorena, minha primeira bisneta, filha da Michelle, com pouca diferença de tempo. Lorena está com 7 anos e me adora. Sou um pai, um avô e um bisavô muito feliz.

Aí veio um outro tipo de emoção. Como já mencionei, e todos sabem qual é a emoção do primeiro filho, do primeiro neto e agora a emoção da primeira bisneta. Com certeza sou um homem privilegiado por viver todas essas fases da vida.

Eu sigo na minha trajetória profissional e paralelamente acompanho o desenvolvimento de toda minha família. Sempre foi assim.

Agora o Pedro, meu terceiro neto, já com 17 anos resolveu aprender a minha profissão. Ele se interessa, aprende, porém preferiu partir para a vida artística e foi fazer teatro. Tentei ensinar minha profissão para o meu neto Bruno, meu primeiro neto que também estava com 17 anos. Ele foi um bom aluno, aprendeu, mas preferiu continuar seus estudos, o que eu acho perfeitamente normal.

Enquanto isso, minhas netas Michelle e Ellen estudam para ser professoras, se formar e me enchem de orgulho. Já a minha neta Rebeca preferiu fazer Letras na USP (Universidade de São Paulo). O Vinicius também entrou para o teatro e segue na sua formação e jornada artística. Ah, e tem o Davi, que estudou e se formou DJ. Hoje já faz shows e eventos pela cidade. Como podem ver... uma família de artistas!!!

Ao mesmo tempo em que meus outros filhos escolhem seus caminhos profissionais e pessoais, minha filha Bia continua no seu objetivo de estudar, já estando com 18 anos e prestes a entrar na faculdade.

Infelizmente é muito difícil reunir todos, pois não há espaço para tanta gente! Somos cerca de 90 pessoas... Não há mesa e nem espaço

físico suficiente, o que é uma pena... mas a gente tenta. É muita alegria em minha vida toda essa família.

E como diz o dito popular “a vida continua” e lá vamos nós, vivendo felizes da vida e nos acostumando com esse novo momento. Eu me sinto realizado, pois tive filhos, netos e uma bisneta, plantei uma árvore e sim — acreditem — escrevi e lancei um livro em 2020, chamado *Chão de Cabelos*, pela Castello Editorial, com prefácio de Ignácio de Loyola Brandão.

Sempre fui muito presente na vida dos meus filhos, assim como na vida dos meus netos. Passado o período da infância, veio a adolescência, quando as coisas já têm outro sentido, e a função dos avós tem muita importância nesse momento, pois é exatamente quando os adolescentes escondem dos pais suas aventuras. Então é para os avós que contam tudo.

Mas como na vida nem tudo é felicidade, agora em pleno ano de 2020, esse maldito coronavírus acaba de levar meu primeiro neto, o Bruno, com apenas 33 anos de idade, vítima que foi desse, repito, maldito vírus, deixando uma dor muito forte em toda a família. Eu que pedi a Deus que me poupasse dessa terrível dor de enterrar um filho, tive que ver meu filho Marcello, passar por isso.

Durante toda minha vida, entre tanta gente, ensinei minha profissão ao meu irmão, meu filho, meu sobrinho e dois de meus netos. Poucos aproveitaram as oportunidades, muitos desistiram e os que seguiram se deram bem. Porém, como o mundo mudou, hoje existe uma infinidade de possibilidades para todos. Não dá para você indicar um segmento, pois não sabemos qual é o ideal, e muitos a gente nem conhece, pois são tantas opções! A única coisa certa é cada um seguir sua vocação, e dentro dela colocar todo o talento e o coração para se ter sucesso na vida.

Depois de amar meus pais, meus irmãos, minha esposa, meus filhos, meus netos e meus amigos, aprendi a gostar mais de mim.

Norival **Pacheco** da Silva, mais conhecido como Pacheco, nasceu em 1940. É profissional da beleza (barbeiro e cabelereiro). Iniciou na profissão aos 15 anos e até hoje está na ativa, em seu salão no bairro do Itaim, em São Paulo, capital. Lançou sua autobiografia em janeiro de 2020, e continua inventando moda, sempre querendo aprender coisas novas e amando a vida.

NORMA Tenenholz Grinberg



Desenhando com meus netos (mesmo em tempos de pandemia)

*Brincar com os netos, é estender a vida
e trazer de volta os sabores da infância.*

Nino Carneiro

Adoro estar com meus netos: Adam (10), Emília (10), Mona (8), Abie (6) e Olívia (2). As meninas Emília e Olívia moram aqui no Brasil e eu as vejo quase sempre, mas bem menos do que antes da pandemia. Adam, Mona e Abie moram na Califórnia. Além dos encontros intensivos (e deliciosos) que temos duas ou três vezes por ano, nossa convivência neste momento segue contínua, porém virtual.

Em tempos de pandemia, movidos pela saudade e na impossibilidade de estarmos todos juntinhos presencialmente (o que me deixou muito triste), logo criamos um jeito de nos encontrar e de compartilhar momentos gostosos virtualmente, mas com qualidade:

— Vamos desenhar juntos? — Convidei.

Fiz desenhos de vários tipos, temáticos, abstratos, livres e também usando o método *Zentangle*, técnica excelente para se desenhar padrões, que utiliza linhas retas e curvas, criando composições abstratas e promovendo relaxamento, autoestima, diversão e tranquilidade. Conheci o “método” há alguns anos e incorporei ao meu trabalho (inclusive fiz a formação com os seus criadores, nos Estados Unidos).

Mostrei meus desenhos para meus netos e os chamei para desenharem comigo *on-line*. Os olhinhos brilharam:

— Nós queremos desenhar com você, vovó!

Os netos da Califórnia chamaram as primas, que moram em Londres. Encontramos dia e hora possíveis, levando em conta o fuso horário entre países.

Nossos encontros semanais tornaram-se compromissos para mim e para eles. De forma lúdica, intensa e interativa, por intermédio do desenho, com música e conversas, fomos garantindo nossa convivência a distância, estreitando nossos laços e aprofundando a conexão entre nós. As aulas são uma bagunça boa! Cada neto com sua personalidade e de acordo com a idade. Um mais rápido, outro mais livre, outro mais disciplinado. E a cada dia, uma surpresa. Ainda assim, o resultado do trabalho é incrível e empolga a todos. Impressionante o universo que se pode criar com uma folha de papel e qualquer material de desenho: lápis grafite, caneta esferográfica, lápis de cor. Ao longo dos encontros, as crianças começaram a fazer pedidos e sugestões de temas do que poderíamos desenhar, o que me motivou a pesquisar e desenvolver novos desenhos, fora do meu repertório, mas focado neles. Isso foi muito prazeroso para mim, abriu novos universos!

Também pedia para eles desenharem aquilo que gostavam e sabiam. O Adam, por exemplo, terminava minhas propostas muito rápido e seguia desenhando monstros. A partir daí, ele criava e contava histórias fantásticas e nos ensinava a fazer monstros também.

Mona, muito atenta e com seu material de desenho organizado, gostava de reproduzir muito bem o que eu ensinava.

Abie, preparando seu aniversário, pediu que desenhassemos macacos – tema escolhido para sua festa. Como eu queria mostrar para eles que as emoções podem ser expressas, no desenho, pela posição dos olhos e pela forma da boca, inventei a história do macaco triste, que levava um presente, mas não havia sido convidado para a festa. Abie logo se manifestou, convidando o macaco, que ficou muito feliz (os olhos, que estavam semicerrados e a boca, arqueada para baixo, se transformaram em olhos vívidos e largo sorriso).

Outra aula memorável foi quando todo mundo fez um avião – como não dava para virem para o Brasil, o desenho do avião fez com que brincássemos de viajar. Simbologia, dobradura, tridimensional onde os desenhos dançam, se movimentam, fazem parte do vôo e da criação. Nesse grupo, dei padrões indígenas brasileiros e do outro lado da

dobradura, um padrão livre de voar. Sempre com a referência de Paul Klee (1879-1940), artista plástico suíço que atuou na Bauhaus e que fala da linha como o passeio do ponto, criando assim o desenho.

Desses encontros maravilhosos (nos quais aprendi e me diverti mais do que ensinei), surgiram desdobramentos: minha neta Emília sugeriu que eu criasse uma aula de desenho para crianças de 9 a 12 anos. Criou o *flyer* das aulas “Desenho para crianças” e chamou amigos. Como ela já desenhava comigo há tempos e gostava de ensinar para os amigos os desenhos que aprendia, houve bastante interesse nas aulas. Turma formada — sempre aberta para novos participantes —, começamos as aulas em maio e seguimos até hoje, semanalmente! Que orgulho da minha neta! Ela participa da preparação de cada aula comigo, dá sugestões, abre as reuniões e coloca as músicas. Juntas, criamos a composição que será dada em aula. Tem coisas que é ela quem ensina, como a dobradura do come-come, sobre a qual desenhamos por dentro e por fora. Trata-se de uma dobradura – brinquedo, que se move com os dedos, criando diferentes formatos ao abrir e fechar, mostrando os desenhos ora de uma forma, ora de outra – verdadeiras surpresas!

Cada encontro com o grupo de “Desenho para crianças” é entusiasmante! Acredito cada vez mais nessa didática de ensino visual, em que eles conquistam segurança e autoestima para criar. Escolhem se querem copiar o que eu mostro, refazer o passo a passo ou mesmo optar por incluir algo diferente tanto na forma, quanto nas cores. Tudo dá certo! Sinto o entusiasmo que conquistam quando finalizam cada desenho, e ficam ansiosos para mostrar o resultado aos pais e avós. Eu saio feliz e energizada de cada aula.

Mais um desdobramento da minha proposta de aulas *on-line* foi o meu neto Abie me propor aulas de desenho, sendo ele o professor e eu a aluna! Eu pergunto o que ele vai me ensinar, ele pensa, escolhe um tema e assim nos encontramos pelo Zoom. Já tive aula de monstros, coisas, números que viram bichos, água e muito mais. No nosso encontro, ele vai desenhando e me explicando. Quando mostro o meu desenho, ele sempre afirma enfaticamente:

— Está bom, muito bom!

Eu me ouço nele. Desenhamos até ele cansar, que é quando ele diz:

— A aula de hoje já acabou, tchau, vó.

Inspirada pela iniciativa do Abie, sua irmã Mona me convidou para ter aulas com ela:

— Vovó, vamos desenhar uma menina bem bonita, começando pela calça. Depois, faremos o *background* de natureza, com muitas plantas.

O que de fato aconteceu. Ficou lindo e nós muito felizes.

Quando encontro minha neta Olívia, bebê de quase dois anos, ofereço canetas hidrográficas, papel e o meu colo. Atenta, ela fica satisfeita com o movimento de sua mão criando registros no papel, garatujas de traços e cores que a surpreendem. Bate palmas para si mesma, aponta para outras cores e diverte-se abrindo e fechando as tampas das canetas.

O que eu criei com meus netos foi uma maneira possível e prazerosa de estarmos juntos, ainda que geograficamente distantes. Uma proposta múltipla, plena de possibilidades e criatividade, que abarca cada um deles, respeita suas diferenças, idades, interesses e personalidades. Nossas vivências intergeracionais acontecem aqui e agora, avó e netos, ensinando e aprendendo uns com os outros e, acima de tudo, divertindo-se e estreitando os laços afetivos. Todos teremos histórias para contar!

Nossos netos, meus e do meu grande amor e companheiro Sérgio: Adam, Emília, Mona, Abie e Olívia, os grandes milagres da vida. Nossos encontros criam memórias que o coração irá guardar para sempre. Sentimos enorme alegria ao perceber que a arte e o criar estão presentes neles como sempre estiveram presentes em suas mães, nossas filhas Lea e Tânia. E estão presentes em nossos genros Oded e Dani. Essa arte se manifesta em todos os espaços da vida, dando flexibilidade e fluidez para as escolhas do caminho de cada um.

Não conheci meus avós, meus pais imigraram para a Bolívia fugindo da guerra na Europa. Minha mãe veio na década de 1930. Meu pai, depois da guerra, tendo sobrevivido a campos de concentração. Ele perdeu sua primeira esposa e três filhos pequenos. Na Bolívia, refez a sua vida, casou-se com minha mãe e, dessa união, eu nasci. Aos 9 anos, viemos morar em São Paulo. Foi nessa cidade que conheci meu marido e tivemos nossas filhas. Depois elas conheceram seus companheiros, tiveram filhos e assim, nossa pequena família cresceu bastante e com muito amor e boas vivências todos juntos.

Norma Tenenholz Grinberg é naturalizada e radicada no Brasil desde 1959. Artista visual, mestre e doutora em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo, atualmente docente sênior. Membro da Academia Internacional de Cerâmica (IAC- Suíça). Oferece *workshops* e faz exposições no Brasil e exterior, com foco na cerâmica. Seus trabalhos fazem parte de coleções particulares e de acervos de museus nacionais e internacionais.



PATRÍCIA Vieira Bispo



A descoberta

Em 2015, quando comecei a observar que minha filha Jennifer estava diferente, desconfiei que ela estava grávida. De tanto insistir e perguntar, ela aceitou ir fazer o teste junto comigo. Foi um dia de muita ansiedade, curiosidade e expectativa.

No fim do dia, quando abrimos o resultado e vimos positivo, em meu coração explodiu uma alegria enorme e só conseguia pensar: “Nossa! Serei vovó aos 40 anos! Que maravilha!”

Durante toda a gravidez, transmiti muito amor para minha netinha que estava crescendo na barriga da minha filha. Foram muitas emoções que preenchiam todo o meu ser.

O grande dia

No dia 1 de janeiro de 2016, por volta das 8h, minha filha me acordou dizendo que estava sentindo fortes dores e que achava que iria nascer. Corremos ao hospital e ao chegar lá mediram a pressão e viram que estava muito alta, 18 x 10, e por isso começou uma correria.

Em 30 minutos ela já estava indo para a sala de cirurgia para fazerem uma cesárea, pois, devido à pressão alta e à pouca idade de minha filha (17 anos na época), não podíamos esperar mais nenhum minuto, pois ambas corriam risco de vida. Mas eu não sabia disso, achei que a correria era por estar na hora.

Permaneci na sala de espera ansiosa, aguardando a chegada da minha querida neta, a Manuela. Quando o médico mostrou minha neta pelo vidro da sala onde eu me encontrava, meu coração derreteu todinho por aquele ser pequenino que estava à minha frente. Foi um amor tão intenso que me invadiu, por aquela pessoinha que nem sabia o que estava fazendo ali.

Logo depois do nascimento, minha filha precisou ir para a UTI, pois sua pressão não baixava de forma alguma. Em razão disso, ela acabou tendo eclampsia e precisou ficar uns três dias internada. Fiquei lá com ela e, sempre que ela dormia, eu corria para espiar minha neta que estava só aguardando a mãe ter alta.

No fim das contas, a pressão de minha filha só voltou ao normal quando pôde ficar com a Manu. Era só uma ansiedade de mãe que queria ficar com sua filha.

Primeiros anos

Nos primeiros dias ajudei minha filha com os banhos, roupas, fazer a Manu dormir... Ela era o xodozinho da família.

O tempo foi passando, ela foi crescendo e eu podendo acompanhar cada detalhe dessas fases. Quantas vezes ela preferiu ficar comigo, deixando a mãe maluca de ciúmes, e eu toda-toda por ela querer permanecer com a avó. Mas com todo o jeitinho, a Manu demonstrava o amor que tem por nós duas.

Eu gosto muito de pipoca e sempre faço para nós. Quando a Manu ainda nem tinha um ano, só com os dentinhos da frente, eu estourava pipoca e ia tirando a parte do caroço para ela ficar apenas com a parte macia. Ficava sentadinha ao meu lado, assistíamos os desenhos e comíamos ali juntinhas... Ah, que momento tão simples e tão especial!

A tagarela

Como é bom ouvir as histórias que ela inventa e desanda a falar! Quando tinha um ano e meio, mais ou menos, eu estava na cozinha de casa fazendo meu café tranquilamente, e ela chegou e falou:

— Vovó, queimou a água!

Foi tão engraçado! Ri muito com o comentário e a lógica dela. Quanta inocência e simplicidade! Quanta risada e alegria com tudo o que vivemos!

Tudo ao seu redor ganha vida e formas: as bonecas vivenciam situações do nosso dia a dia, vão para o trabalho, arrumam a casa, almoçam, recebem visitas, dirigem e se divertem, e eu em *home office* fico prestando atenção nas situações que ela cria com cada uma delas.

Brincadeiras

Nós gostamos muito de brincar de esconde-esconde. Desde bebê, quando eu me escondia atrás de uma fralda qualquer e ela acreditava que eu tinha desaparecido, até hoje, nos lugares mais elaborados em que ela consegue se enfiar. É uma diversão brincar e vê-la correndo desesperada para bater “1, 2, 3, Manu” e eu ter que contar de novo para ela se esconder.

Outra brincadeira de que ela gosta muito são os jogos para criança no celular. É incrível a agilidade daqueles dedinhos! Ela faz os personagens andarem dentro dos espaços com facilidade, enquanto eu me atrapalho inteira e ela vem e fala:

— Não, vovó! É assim, ó!

A hora do banho

Desde pequena, ela prefere continuar brincando, ao invés de tomar banho (com toda certeza as outras crianças também).

Em um belo dia, quando tinha mais ou menos um ano, ela não queria ir tomar banho de jeito nenhum e começou a chorar! Eu para distraí-la e para fazer com que ela quisesse tomar banho, comecei a pular e cantar com ela no meu colo:

— Quem vai tomar banho com a vovó? Quem vai tomar banho com a vovó?

Ela dava tanta gargalhada com aquilo que foi para o banho sem reclamar.

Hora de comer

Até uns três anos, ela comia tudo o que se colocava para ela no prato. Nada era recusado: brócolis, vagem, peixe, carne, frango, salsinha, repolho, de tudo ela gostava. Agora está mais seletiva e não gosta mais de todas as coisas, mas continua uma coelhinha que adora uma cenoura

e vagem refogada na manteiga. Gosta muito de azeitona, que temos que impedir de comer tanto, afinal o excesso de sal não é bom. Da mesma maneira com os doces, ela ama um chocolate e tem vezes que precisamos proibir.

Neste ano, com a pandemia, preparamos nosso café da manhã sempre juntas, o meu e o dela. Outro dia ela dormiu às 20h e acordou às 6h, cheia de fome, querendo tudo e mais um pouco, pois não tinha jantado, eu ainda nem conseguia ficar com os olhos abertos e ela dizia:

— Faz companhia pra mim, vovó!

Quem é que resiste a um pedido desses? Eu não!

Desenhos preferidos

Como tudo são fases, ela já foi fã de *Branca de Neve*, *Frozen*, *Cinderela* e hoje ama *Chiquititas*. Assistimos diversas vezes cada um desses, e outros mais! Vê-la se emocionar assistindo algum desenho ou filme faz meu coração derreter.

A ida para escola

No ano passado, quando as aulas estavam normais, eu a levava para a escola antes de ir para o meu trabalho. Íamos conversando sobre todos os desenhos e séries de que ela gostava na época. Dos amigos, da professora, das brincadeiras que teriam, falta de assunto nunca foi um problema. Incrível como sempre tinha o que falar.

Hora de dormir

Por vários anos, ela dormia abraçadinha comigo e pedindo para contar histórias. A *Branca de Neve* foi a preferida por muitos meses, mas, com o passar dos anos, ela preferia que eu inventasse e ela ia ajudando a criar personagens e situações.

Uma vez, fui contando nossa vida, dando nomes diferentes, colocando situações que ela conhecia, até que ela percebeu e falou:

— Ah, vovó! Essa é a nossa vida, não vale!

Hoje, às vezes, ela ainda dorme comigo. Agora ela é uma moça (quase 5 anos) que dorme em sua própria cama, mas quando bate a saudade de um chamego de vó ela vem e me abraça, diz que vai dormir comigo e é bom demais!

Olhos para ver

Minha filha e minha neta moram comigo e é uma alegria ver cada fase, cada aprendizado, o desenvolvimento e a personalidade dela cada vez mais aflorada. Observar a inteligência, a perspicácia quando conversamos, o carinho e o amor que tem naquele coraçãozinho, mesmo as rabugices valem a pena viver.

Quantos momentos maravilhosos temos em nosso dia a dia. A troca de amor, o carinho, as pequenas coisas que vivemos enriquecem a nossa vida, nos deixam lembranças, nos fazem sentir alegria e gratidão por tudo o que temos. E viver esses anos com minha querida neta Manuela é simplesmente espetacular!

Patrícia Vieira Bispo é funcionária pública, vive em Barueri, ama a família e aprecia cada momento com os seus, tanto familiares, quanto amigos. É feliz e procura enxergar os pontos positivos das situações, mesmo nas difíceis. É autora do livro *Transformando sua semana*, da Liberty books, no qual valoriza as segundas-feiras e traz reflexões a serem feitas pelo leitor e assim transformar para melhor todas as semanas do ano.

QUITÉRIA Fernandes



Menina, mãe e vó Uma mulher que não se permitiu cair

Há histórias que são inspiradoras, como a dessa menina com nome de Quitéria, nascida em União dos Palmares (AL), que traz na sua trajetória de vida, aos seus 67 anos de idade, a sua maior conquista: a família com seus respectivos filhos.

Vamos viajar um pouco no tempo e assim você poderá viver comigo essa emoção. Em 1970, por volta do mês de outubro, conheci Enéas, com quem convivi por alguns anos, e que é pai dos meus três filhos: Ernane, Edson e Edvaldo, minhas primeiras grandes conquistas.

Em 1983, já em novo relacionamento com Manuel, veio meu filho Emerson. Fiz esse breve relato para que possam entender as origens paternas de meus netos e netas. Essa foi a base de tudo. Foi no bairro do Campo Limpo, em São Paulo, onde tivemos uma história tão linda quanto em Paraisópolis, trabalhando muito e onde meus filhos começaram seus relacionamentos, e assim vieram meus netos.

Ernane Fernandes Mendonça

Nascido em 1970, era uma criança muito bonita, com cabelos loiros brilhantes, foi um presente especial de Deus que me ensinou a ser mãe pela primeira vez. Entre tantas histórias com seus irmãos, foi grande

companheiro para eles após minha separação. Sempre sonhador, levava seus irmãos aonde quer que fosse. Eles passaram um tempo no Nordeste e Ernane serviu o exército em Alagoas.

Karoline nasceu em 1991 e foi uma criança calma, tranquila, muito amada por todos. Sempre foi muito dependente da mãe, pois devido ao fato de ela não trabalhar fora, pode lhe dar mais atenção.

Beatriz nasceu em 1995. Era uma bebê linda, que veio para alegrar ainda mais o lar com seu jeitinho carinhoso. Sua autoestima sempre foi forte, soube enfrentar as adversidades. Vejo aí também algo que me remete à minha adolescência. Agora está vivendo uma nova fase de maturidade, morando sozinha.

Daniel nasceu em 1999, fruto do amor que começou quando seu pai foi trabalhar no centro empresarial, onde conheceu Marília. Tempos depois se casaram, vivendo muito felizes. Durante cinco anos desse casamento construíram o seu lar. Em seguida, mudaram-se para o bairro de Interlagos. Cada vez que vinham me visitar, perguntava brincando a eles:

— Cadê meu neto que não vem?

Agora o que sempre me deixa muito feliz são as vezes em que ele vem me visitar, sua educação, respeito e carinho com certa timidez é o que faz dele um menino tão amado. Toda vez em que ele vem aqui em casa, pede para que eu faça cuscuz. Nós nos sentamos juntos, me sinto tão feliz! Conseguimos conversar e repor nossas conversas em dia.

Assim vejo que tudo que passamos juntos são as minhas maiores riquezas e agradeço a Deus por não me permitir cair.

Edson Fernandes Mendonça

Nascido em 1974, seu nome foi escolhido em homenagem ao rei Pelé. Edson mais tarde viria a se casar com Simone Cristina de Andrade, com quem teve dois filhos, ele com 17 e ela com 16 anos, na época do primeiro.

Estavam namorando, quando chegou a notícia da gravidez, e, devido às dificuldades financeiras, ela passou a morar conosco. Ele começou a trabalhar já com a responsabilidade de ser pai e vir a buscar seu cantinho. Foi uma luta grande, mas conseguiram.

Pude acompanhar de perto e sentir como seria ser vó ainda com a Dayane na barriga. Dayane chegou com nome de princesa e fez jus desde

o nascimento, para mim era a minha “Neguinha”. Esse bebê não sabia, mas viria a ser uma ponte entre duas famílias que iriam começar a se amar. Cativante, por onde passava um sorriso sem igual conquistava a simpatia de toda vizinhança.

Foi crescendo e desenvolvendo seu lado artístico, dançava, cantava, sempre se destacava por sua inteligência, aliada à sua bondade. Posso dizer que fui agraciada, porque presenciei muitos desses momentos. Ela se formou em Economia em uma das melhores faculdades de São Paulo.

Minha maior felicidade foi uma viagem que ela fez com seu namorado, Eduardo, e me proporcionaram um momento inesquecível, voltaram à casa onde nasci em Alagoas. Só tenho gratidão aos dois.

Agora vamos falar do seu irmão. A chegada do segundo neto, Edson, deixou seu pai todo bobo, afinal iriam formar um casal. Magrelo, era muito engraçado e carinhoso com todos, principalmente com a família. Suas festas de aniversário sempre tinham o time de futebol Santos como tema. Na escola sempre fez muitos amigos e, quando tinha festas aqui em casa, todos me chamavam de vó também.

Edson se formou em Administração. Na sua formatura todos estavam presentes, aplaudindo suas conquistas. Sua ligação com o time do Santos não mudou, mas agora sua paixão vem de suas conquistas por meio do trabalho: o carro, que dirige com felicidade e nos leva para todos os lugares, principalmente para a praia. Como na escola estava sempre à frente, foi meu primeiro neto a me dar o primeiro bisneto, seu grande amor, o Enzo.

Edvaldo Fernandes Mendonça

Nasceu em 1975, com espírito de guerreiro, devido às inúmeras cirurgias que teve de enfrentar. Cresceu superando os preconceitos e foi o que acabou herdando a paixão pela educação, formando-se professor. Casou-se com Marcilene, foram morar em Paraisópolis e lá tiveram o Pedro Augusto, em 1998.

Finalmente, o sonho do meu filho de ser pai se realizou e começava ali também minha ligação com meu neto, pois ele nasceu no mesmo mês do meu aniversário. Quando ganhou prêmio pelo melhor poema em um concurso de literatura vi seu verdadeiro talento aflorar. Forte e inteligente, passou a escrever e a buscar seus dons artísticos. Hoje em dia já tem várias músicas.

O parto de Miguel, nascido em 2006, por ter sido programado, foi bem tranquilo. Sempre inteligente e carinhoso, conquistou sua independência. Ele tinha 2 anos e me lembro que seus pais me contaram como foi fácil desfraldá-lo. Por diversas vezes, gostava de ficar aqui em casa vendo televisão, sendo minha companhia e é assim é até hoje, com 14 anos.

Laura Lia nasceu em 2018. Ao vê-la de pertinho, confirmou-se a realização de um sonho: ter uma neta com nome da minha mãe. Agora, já aposentada, sinto-me privilegiada, pois posso acompanhar de perto seu crescimento. Assim como nas histórias, quando falo dela para alguém, não mais uma personagem, as pessoas se encantam e cada vez mais acredito que sonhos podem se tornar realidade.

Emerson Fernandes da Silva

Nascido em 1983, é o caçula que recebeu todos os cuidados de seus irmãos, que me ajudaram a criá-lo. Menino companheiro de muitas histórias, carrega minhas maiores características: a alegria, a irreverência e o dom de fazer amizades, sempre com o coração grande. Por ser o menor, me acompanhou durante anos na ida ao trabalho, o que fez aumentar nossa união.

Isso me deixa feliz, porque quando penso nele, me vem alegria, mas foi engraçado receber a notícia de que seria pai. Ver meu filho mais novo ser pai? “Pronto” — disse a mim mesma — “Agora estou feliz, um ciclo completo dos meus quatro filhos”. Viveu durante algum tempo com Marilaine e desse relacionamento nasceu a neta querida da vó, Emily Chaves.

A chegada em casa foi linda, porque éramos vizinhos e pude acompanhar de perto os primeiros banhos, com aquele chorinho peculiar de bebê. Emily, fofinha, com suas bochechinhas acentuadas e olhinhos puxados, encantava a todos.

Hoje, adolescente, não mudou em nada seu respeito. Adoro vê-la me chamando de “vó”, esse som traz um sentimento de alegria, tem uma proximidade bem legal com seu primo Miguel e fizemos uns combinados: sempre que pudermos, vamos estar juntos vendo filmes, comendo pipoca nos finais de semana e até mesmo viajando para a praia.

Não poderia deixar de falar do Marquinhos, filho de Gilson, meu grande companheiro, que se foi, mas deixou essa bênção que me chama

de “mãe” até hoje, sendo considerado irmão de coração pelos demais, com grande carinho entre eles. Ele tem uma filha, a Bianca. Nós não estivemos juntas ainda, mas já me chama de “vó” quando nos falamos por telefone, e ela também já conseguiu conquistar meu coração.

Quitéria Fernandes, 67 anos, é professora aposentada, avó apaixonada, bisavó assumidamente feliz e agradecida por essa benção. É oficinaira de uma ONG que lida com crianças e adolescentes e trabalhos totalmente voltados ao cuidado com meio ambiente, feitos com material reciclável. Tem canal no YouTube, é contadora de histórias e atua com trabalho voluntário.



RITA Aparecida Melo



Ser avó...

No começo não foi fácil. Minha filha caçula, Gabriela, então com 18 anos, namorando apenas há dois anos, me dá a notícia que estava grávida. No momento, fiquei sem chão, pois ela tinha acabado o ensino médio e estava com sonhos de ir para a faculdade, estudar fora do País. Pois bem, tudo mudaria agora.

Passados 20 dias, minha filha mais velha, Milena, na época com 21, disse que tínhamos que conversar e qual não foi a surpresa quando ela contou que também estava grávida, também somente com dois anos de namoro? Como faríamos agora?

Sei que não foi fácil para ambas e nem para mim, que sempre frequentei a Igreja e tive comigo que elas fariam o que eu achava certo. Porém os caminhos de Deus nem sempre são os que queremos.

Uma noite, conversando com a Gabi, ela me disse:

— Mãe, não foi isso que você queria para nós. Você sempre falou para tomarmos cuidado.

Respondi para ela:

— As minhas escolhas são as minhas escolhas. Agora você fez a sua, então, cabeça erguida e vamos pular o muro e enfrentar o que vier pela frente.

— Não sei se consigo. — Ela me respondeu.

— Consegue sim, pois eu criei vocês para serem lutadoras e nunca desistir.

Eu me senti na encruzilhada, pois com ambas grávidas, com 20 dias de diferença, eu tinha que marcar minhas férias, pois trabalho fora e não poderia favorecer uma ou outra. Resolvi tirar férias no meio da gravidez de ambas, assim comprariamos os enxovais e montaríamos o quarto dos bebês. E assim ficou pronto o berçário, como eu chamava o quarto dos meninos.

Quando a Milena estava com sete meses, precisou ser internada, pois teve uma infecção grave e deveria tomar os antibióticos no hospital. Pois bem, ali ficamos dez dias. Quando deram alta, os médicos disseram que o bebê poderia estar com problemas porque não tinha evoluído e precisaríamos consultar a médica dela urgentemente. Marcamos com a obstetra, mais um susto, mas, graças a Deus, tudo foi se ajustando. O Lure nasceu com anemia, mas em pouco tempo já tinha recuperado o peso.

A cesariana da Gabi foi marcada para o dia 12 de setembro de 2012, pois ela tinha escolhido um dia par, não gostava de número ímpar. De tão ansiosos que estávamos, chegamos ao hospital às 18h, e a cesárea estava marcada somente para as 20h. Mas, como eu sempre digo, tudo é preparado por Deus: Filipe nasceu no dia 13 a 1h, pois não havia anestesista para acompanhar a cirurgia, e na hora ele não queira sair. Enfim, ele chegou, o nosso príncipe, branquinho feito papel, loirinho, pequenino, a sensação foi maravilhosa quando o peguei nos braços. Agradei por ele ser tão perfeito e lindo.

Mas na alta, a médica avisou que o Filipe estava com a clavícula trincada. Minha filha me ligou nos prantos:

— O que faremos agora?

Respirei fundo e disse a ela, com a maior calma:

— O hospital está dando alta e consta que o bebê está saindo com a clavícula trincada?

Ela me disse que sim.

— Então saiam com o bebê e depois vamos ver o que faremos.

Assim, o Filipe veio para casa, e não podíamos pegá-lo no colo, pois, devido à clavícula trincada, quanto menos o pegássemos, mais rápida seria a cicatrização. Minha filha, com medo, só o amamentava e eu o trocava e dava banho. Ele era um bebê muito tranquilo.

No meio daquela agitação, com o bebê em casa, a Milena foi para o hospital. Chega com mais um príncipe, o Luiz Renato, que nós chamamos carinhosamente de Lure. Esse foi mais tranquilo, pois ela

foi para a maternidade no dia 3 de outubro de 2012, e assim ele chegou. Na época, o pai dele não quis assistir a cesárea, assim foi me dado o privilégio de participar e de ser a primeira a segurar o Luiz Renato. Foi uma emoção indescritível, um ser tão pequenino, moreninho e lindo.

Agora eu tinha dois lindos bebês em casa. Porém, o Lure não se adaptava para mamar e chorava de fome à noite. A primeira noite foi difícil, não sabíamos mais o que fazer, pois ele chorava sem parar e não conseguia mamar. Foi quando tive uma ideia: trocar os bebês com as mães, pois a Gabi já estava dando de mamar há 20 dias para o Filipe e o Lure não conseguia pegar o bico. Assim fizemos, por dois dias, e acabou o problema da fome do Lure, que aprendeu a sugar. Tanto que brinco com eles até hoje que são filhos trocados, pois o Filipe é mais parecido com a tia Milena e o Lure, com a tia Gabi.

O Filipe tinha um problema nos pezinhos que eram tortos e precisávamos fazer massagem todos os dias para que voltassem à posição correta. Logo após o banho, eu me sentava com ele no sofá, fazia os exercícios e sempre cantava para ele *Maria de Nazaré* e é assim até hoje.

O Lure acabou vindo ficar comigo aos 4 anos, pois os pais se separaram e como minha filha acordava muito cedo para trabalhar, ele passava a semana comigo e no final de semana voltava para casa. Foi um período muito difícil, pois ele não entendia o que estava acontecendo, chorava porque queria ir para casa dele, mas com o tempo, foi ficando mais calmo e eu tinha duas crianças para mimar. Dormíamos no sofá, um de cada lado. O mais interessante é que em um eu tinha que fazer massagem nos pés e cantar para ele, e o outro, eu tinha que segurar o dedo (que ele escolhia) para poder pegar no sono.

O Filipe gosta mais de teatro, devido à interação. Sempre gostou de heróis e ação. Quando fomos ao teatro assistir *Peter Pan*, no final do espetáculo os personagens vieram tirar foto e adivinhem qual personagem ele escolheu? Capitão Gancho! Ele gostou tanto desse personagem que comprei para ele naquele ano uma bandana e um tapa-olho para a festa à fantasia na escola.

O Lure sempre gostou mais de cinema. Fomos assistir *Homem Aranha*, pois tinha muitos movimentos e ação. Ele adorou, achou o máximo, já o Filipe não gostou.

Tivemos a fase dos heróis infantis *PJ Masks*. À noite, eu dava banho neles, eles vestiam os pijamas e esperávamos começar. Cada um deles

era um dos personagens e como eram dois meninos, *Menino Gato* e *Lagartixo*, e uma menina, *Corujita*, eu também fazia parte. No início do desenho, eles cantavam a música de abertura e davam as mãos, e eu participava com eles.

Quando fomos viajar meu marido e eu, o Filipe me deu um chaveiro e pediu que eu o levasse comigo. Perguntei:

— Por quê?

Ele me disse:

— Vovó, é para você se lembrar de mim na sua viagem.

O Lure gosta de apreciar a comida. Ele era pequenino quando começamos a fazer panquecas juntos, tanto que ele precisava de uma cadeira para ficar da altura da pia para alcançar. Eu faço a massa e o recheio e ele as fecha para mim.

Fui com o Filipe a uma feira de artesanato, e o que ele escolheu? Uma casa de dois andares. Perguntei a ele:

— Por que uma casa, Filipe?

Ele respondeu:

— Os meus bonecos e carros precisam de uma casa.

Então compramos.

Como gosto de artesanato, sempre montei as festas de aniversário para todos e nunca deixei de fazer os desenhos de que gostavam. Em um dos meus aniversários, eles me disseram:

— Vovó, nós vamos fazer de super-heróis, você também tem que fazer com um herói.

E eles escolheram a Mulher Maravilha, e assim fiz.

O Filipe gosta de conversar, porém é mais na dele, e detesta que falem que ele está mentindo. Tem cada pérola! Desde pequeno falava palavras que nós nem sabíamos onde tinha ouvido. Ele não tem paciência, fica bravo facilmente, com ele temos sempre que dialogar para entender o que está acontecendo e como mudar a situação.

O Lure é mais falante, está sempre de bom humor, tem uma risada gostosa, mas não é de fazer amizades, é mais internauta, gosta de todos os jogos, tem facilidade para aprender e jogar. Sempre pergunto a ele o que está jogando e como se joga. Tento jogar, se não ele joga o que eu jogo.

Outro dia, estávamos assistindo um filme, e o menino da história uma hora desistiu do que fazia. O Lure virou e me disse:

— Vó, ele não pode desistir, pois desistir nunca!

Perguntei a ele:

— Quem te disse isso?

— Você, vovó.

O Filipe e eu estávamos conversando. Ele falou que vó era diferente de vovó. Perguntei:

— Por quê?

Ele me respondeu:

— Porque vó gostamos pouco e vovó gostamos muito.

Eu disse que não via diferença, mas ele foi categórico:

— Tem sim, porque você é vovó.

A minha maior bênção é ser avó e poder curtir cada momento com meus netos.

Rita Aparecida Melo nasceu em São Paulo em 1966. É casada há 33 anos com Renato, com quem teve duas filhas, Milena e Gabriela, e três netos, Filipe, Lure e João Gabriel. Trabalha como técnica contábil. Aos domingos é catequista na Paróquia Santa Isabel Rainha.



ROSANA Cerqueira Dias



À minha neta Luna

*Luna, Lua que ilumina minha vida
Que traz muita alegria no meu dia a dia*

São Paulo, 5 de novembro de 2020

Querida Luna,

Estou feliz em compartilhar com você e com quem mais ler estas linhas, a aventura, o seu jeitinho de ser e de estar no mundo e o prazer de ser sua avó, as descobertas e a afetividade construída nessa relação.

Você ainda é muito pequenina, mas espero que um dia entenda e perceba o carinho de cada palavra e o quanto é maravilhoso compartilhar a vida com alguém, mesmo quando esse alguém é uma bebezinha, um ser pequenino que sente, descobre, pensa e aprende.

É engraçado e surpreendente como a vida se descortina à nossa frente. Às vezes, ela nos tira a graça e às vezes nos presentearia com situações maravilhosas, como o nascimento de uma neta.

Desde o dia em que soube que você chegaria ao mundo, meu coração encheu-se de alegria e de felicidade. De longe, acompanhava o crescimento da barriga da sua mãe e podia ver o quanto você era gerada ao redor de muito amor e carinho de seus pais e familiares.

Você chegou na madrugada do dia 16 de fevereiro de 2019.

Lembro-me de que no dia anterior recebi um telefonema de seu pai, extremamente ansioso, pedindo para eu levar a mala com suas roupinhas até a maternidade, dizendo que sua mãe ficaria no hospital e que você viria naquele dia. Saí de uma manifestação de professores em frente à Prefeitura de São Paulo, embaixo de uma forte chuva, gritando para as pessoas ao meu lado que eu seria avó. Meu coração explodia de felicidade!

Eu, sua tia Bia, sua avó Celina, a Nê, o Marcos e o Carlos ficamos horas no hospital aguardando a sua chegada com muita inquietação. E você chegou! Naquele momento, percebi que a madrugada se iluminou e se desfolhou em forma de poesia. Ver você tão pequenina no colo do seu pai foi um dos momentos mais felizes de minha vida. Lembro-me dele carregando você de forma tão delicada e preciosa, com os olhos completamente marejados, que emocionou todos os presentes. E eu ali, vivenciando aquele momento tão precioso da vida do meu filho. Que dádiva!

Aos sete meses de idade, você ficou sob meus cuidados para que seus pais pudessem trabalhar. Apesar da responsabilidade do cuidar, foi e está sendo um enorme prazer desfrutar da sua companhia. Esse convívio intenso nos permite uma relação mais íntima, ou seja, de acolhimento, de amor e de muitas brincadeiras. Permite-me vê-la crescer lindamente, observar cada conquista, cada desafio que você coloca para si, as suas descobertas, o seu encantamento e as suas reações diante do mundo. Como mãe, confesso que não observei tão intensamente isso em meus filhos, por inúmeras questões que não cabem enumerar aqui, mas agradeço à vida por me presentear essa oportunidade para vivenciar e aprender com você.

Gosto de gravar nossos encontros por meio de vídeos e de fotografias e, neste exato momento enquanto escrevo, olho para esses registros para pontuar e escrever esta cartinha. E ao rever essas memórias, observo que você descobre lindamente o mundo por meio do seu corpo, dos seus gestos e das suas emoções, e eu fico só observando, procurando aguçar e favorecer diferentes experiências, acolhendo a forma como você se expressa, acompanhando o seu brincar e o modo como se manifesta e aprende sobre o mundo.

Você brinca muito! Tudo aquilo que apresentamos ou lhe ensinamos, como canções ou brincadeiras, você aprende e ainda nos convida a brincar.

Quando está em minha casa, você se dirige à sacada para regar

as plantas e acariciar as flores que se encontram nos vasos. Faz isso também quando passeamos pelo condomínio, ou seja, toca as flores com muita delicadeza, explora as folhas secas no chão, sente a terra com as mãos, pega as pedras que envolvem o jardim e as joga no chão, como um exercício de compreensão daquilo que está à sua frente e eu converso com você, nomeio as coisas que você encontra no mundo. Você não me responde, mas sinto que entende tudo.

Você gosta de brincar com água, areia, terra, pedras do jardim, plantas, folhas, sementes recolhendo, explorando com o toque, derramando, espalhando, conforme o tipo de material que está diante de você.

O lugar onde você mais gosta de brincar é sem dúvida do lado de fora do apartamento, no jardim, no *playground*, experimentando a textura, as cores, os sons de tudo o que você encontra pela frente. Digo isso, porque vejo estampada em seu rosto a alegria, o sorriso, os sons que emite quando está explorando esses espaços.

Você me pede para sentá-la no gira-gira, ocupa o jardim e toca nas plantas, nas flores e na grama. Sobe no escorregador e desce usando meu apoio, mas observo que logo, logo fará isso sozinha, corre pelo espaço sorrindo e gritando alegremente como se aquilo fosse a melhor coisa do mundo.

Olho para as suas fotos durante as refeições e me divirto, apesar da sujeira que precisei limpar depois. Você ora usa a colher, ora come com as mãos, mas se alimenta sozinha, embora às vezes me olhe e abra a boquinha para eu alimentá-la. Essa autonomia também está presente quando tira as meias e os sapatos, no lavar das mãos, na escolha das brincadeiras e brinquedos.

Você adora dançar, vivenciando corporalmente infinitas possibilidades de movimento. Como a gente brinca de dançar! Eu imito seus movimentos e você tenta reproduzir a minha movimentação.

Tudo o que eu ensino você aprende! As canções, os gestos, os movimentos, as brincadeiras e me chama para brincar. Brincadeiras que envolvem músicas e parlendas. Suas preferidas são:

*Serra, serra, serrador,
serra o papo do vovô
Bambalalão, senhor capitão
espada na cinta
ginete na mão*

Sempre me chama para tocar o chocalho ou bater no tamborzinho que construí para você e juntas tocamos, enquanto eu canto a música *Pai Francisco entrou na roda*. Desenhar com giz de cera, construir e desconstruir com blocos de montar, brincar de bola, com o patinho de madeira para empurrar ou com a lagarta articulada para puxar são atividades que fazem parte de nosso dia a dia.

Como você gosta de ouvir histórias! Uma, duas, três, quatro vezes a leitura da mesma história. Você ainda não fala e não lê, mas aponta os personagens, manuseia os livros que se fosse uma leitora experiente. É muito lindo e gostoso de observar.

Você está crescendo tão rápido! Eu ficaria aqui contando nos mínimos detalhes tudo o que fazemos juntas. Preciso lhe dizer que você trouxe algo para a minha vida que nem eu sabia que estava faltando. O amor que sinto por você é tão grande que não sei como descrevê-lo.

Luna, querida, que o mundo lhe sorria sempre. Que o bem esteja constantemente ao seu lado e a proteja. Cresça saudável, de bem com a vida e alegre. No que depender de mim e de sua família, você será cercada de muito amor e sorrisos. Ter você em minha vida foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido e agradeço aos seus pais por me proporcionarem uma fonte interminável de amor.

Amo você para sempre e mais um dia,

Vovó Rosana

Rosana Cerqueira Dias atuou como professora de Educação Infantil e coordenadora pedagógica na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Mestre em Educação com foco no Trabalho Coletivo Docente. Atualmente tem 55 anos, aposentada, viúva, avó de uma garotinha de um ano e nove meses e realiza trabalho voluntário em diferentes espaços públicos como contadora de histórias, agente do brincar e formadora de professores.



SILVIA Regina Angerami



Cartas para Helena e Olívia

terça-feira, 3 de outubro de 2006

Primeira carta ao Mateus (ou à Helena)

Ontem à noite, durante o seriado *Lost*, entre feliz e preocupado, seu pai Tom veio me falar de você. Logo vi que ele tinha alguma coisa muito séria para contar, quando chegou e me abraçou forte, de um jeito muito diferente do que costuma fazer todo dia quando me vê. Minha reação foi de surpresa. Lógico. Ninguém esperava que você fosse chegar assim tão cedo nas nossas vidas.

Mas ao mesmo tempo fiquei feliz. A família vai crescer, seu pai vai aprender um novo tipo de amor, que ele ainda não conhece, a vida dele vai mudar totalmente em função da sua chegada.

Sua mãe, a Rafa, estava louca para ter um bebê. E não escondia isso de ninguém. Por isso, depois do susto inicial, a mãe dela, sua vovó Nádia, estourou um champagne para comemorar a sua chegada, prevista para maio de 2007.

Sua tia Biba adorou a novidade. Ela foi a primeira para quem seu pai contou, enquanto foram à locadora devolver os DVDs do fim de semana.

Nós nos sentamos na sala e ficamos conversando até tarde, tentando adivinhar como vai ser a nossa vida, principalmente a dos seus pais, e imaginando quanta felicidade você vai trazer.

Se você for menino, deve se chamar Mateus (não sei se com TH ou não). Se for menina, vai ser Helena. Quero ser uma dessas avós de propaganda, que fazem tudo que o neto(a) pede. Embora eu ache que sou muito nova ainda para ser avó. Mas até lá, daqui a oito meses, vou me acostumar com a ideia... Também acho que o mundo virou um lugar bem louco para os bebês que chegam agora. Mas, no que depender de mim, vou tentar fazer tudo o que puder para que você seja muito feliz.

Beijinhos da sua
Vovó Silvia

segunda-feira, 12 de novembro de 2007

Minha querida e fofa Helena,

Você completou seis meses no dia 7, na semana passada. Você está a coisa mais linda, fofa, esperta, já se vira para lá e para cá e pelo jeito daqui a pouco vai começar a engatinhar.

Está vendo como um bebê é uma das coisas mais poderosas do mundo, na sua aparente fragilidade? Tanto progresso em tão pouco tempo... Você já come papinha, frutas e sucos. Mas gosta mesmo é de uma boa mamadeira.

Ah, deixa eu te contar uma coisa, para você dar risada quando for ler esta cartinha no futuro: na hora do seu banho, enchi a banheirinha e a Fabi foi ver se a temperatura da água estava boa. Nisso, sabe o que você aprontou? Fez um xixizão em cima de nós três: Fabi, sua tia Biba e eu! Que danadinha!!

Preciso te confessar uma coisa de vó. Sabe, a gente tem uma tendência a achar que sabemos mais do que os seus pais (e de fato sabemos, fazer o quê?). Parece que tem a ver com o “arquétipo” do papel de avó, que se repete, repete, repete... Só que nós, vovós, precisamos nos controlar, porque agora é a vez dos seus pais cuidarem de você. Eles sabem o que é melhor para você e, ainda que cometam alguns errinhos, do nosso ponto de vista, tudo acaba bem no final.

Você veio e criou uma família maravilhosa. Seu pai é desligadão, mas ele te adora. Sua mãe carrega um bonde por você. E eu... Bom, eu nem se fala, né? Você chega e arrebatava o meu fim de semana e eu só agradeço por isso.

Eu só quero que você seja sempre, sempre, muito, muito feliz, minha querida.

Mil beijinhos da sua
Vovó

segunda-feira, 23 de março de 2020

Ah, minha querida Olívia,

Você nasceu em tempos estranhos. Eu só te vi pela internet e ainda não pude te pegar no colo. Para mim, você tem o narizinho da sua mãe. Como você é linda! Estou completamente apaixonada por você. Esta noite, sua vovó Marinetti e eu ficamos conversando um tempão pelo WhatsApp sobre você. Será que vai existir WhatsApp quando você puder ler isto? Ainda nem te peguei no colo e não vejo a hora de nos conhecermos pessoalmente!

Quero brincar muito e estar com você, sempre que possível. Será que você vai gostar do meu mingau, como a sua irmã Helena? Quero te dar muitos livrinhos, para você gostar de ler, quero ler para você e cantar todas as minhas canções de ninar.

Você vai ver nas fotos do seu quarto de bebê que tem um móbile de balões de cartolina em cima do seu berço. Este móbile foi uma criação coletiva: eu fui à sua casa uma semana antes de você nascer e ajudei o seu pai a montar o móbile, nas cores que combinam com a decoração do seu quarto. Adoro fazer essas coisas! Espero que a gente faça muita arte juntas!

Beijinhos da sua vovó que te ama,
Silvia

quinta-feira, 10 de abril de 2020

Minha netinha dos olhinhos de azeitona,

Depois de uma espera de um mês e três dias (sei que vai parecer pouco, mas para mim foi uma eternidade!), a sua bisavó Ivone e eu pudemos te conhecer pessoalmente e foi uma enorme alegria finalmente

ter você nos meus braços.

Você tem mesmo os olhinhos de azeitona e isso inspirou seu pai a compor uma musiquinha para você, que diz assim:

*Eu vou lhe contar uma história de amor.
Nasceu uma menina com olhinhos de azeitona,
Azeitona pum-pum-pum, a Olívia, meu amor.
Ela é muito dengosa, muito linda e caprichosa
Azeitona pum-pum-pum, a Olívia, meu amor.*

Não é uma graça?

Muitos beijinhos da sua
Vovó Silvia

sábado, 21 de novembro de 2020

Helena e Olívia, minhas amadas netinhas,

Vocês são minhas duas princesas, que preenchem meu coração de alegria. Vieram aqui em casa hoje, para a gente fazer a foto deste livro. Foi um dia muito feliz!

Olívia, ontem você completou oito meses de pura fofura. Você engatinha para todo lado com a maior facilidade e está naquela fase de colocar tudo na boca (como se vê na foto). Já tem dois dentinhos também!

Helena, você tem 13 anos e está mais alta do que eu. Toda ligada nas questões da espiritualidade, não consegue entender como alguém pode ser ateu. Está aprendendo a surfar e ainda diz que eu faço o melhor mingau de todos. Toda vez que você vem me visitar, pede mingau. Está sempre no TikTok (será que daqui a alguns anos esse TikTok ainda vai estar na moda?).

Olívia, você tem vindo me visitar quase todos os fins de semana com seus pais. Embora não seja muito risonha comigo (nem com a vovó Marinetti, que diz que faz de tudo para você dar uma risadinha para ela), a cada semana que passa, percebo que você fica mais esperta, mais fofa, mais interessada em tudo e em todos. Descobri que você adora brincar com as minhas pulseiras coloridas de plástico e sempre que consigo te pegar no colo, te trago para o meu quarto, onde podemos

brincar sossegadas.

Helena, nós temos uma identificação enorme, e conversamos sobre todos os assuntos. Todos, mesmo! Você me dá muitos conselhos (sim, é isso mesmo!). Agora, estou te ajudando a produzir o primeiro livrinho infantil que você escreveu e que está sendo ilustrado. Você até já criou um perfil no Instagram para ele, que está com muitos seguidores! Você me enche de orgulho, sabia?

Olívia, você é muito apegada à sua mamãe, como todos os bebês, e eu procuro respeitar isso, claro. Minha vontade é te pegar no colo assim que você chega, mas eu me seguro e dou um tempinho para você se ambientar e assim que você se solta, eu pego você para mim, minha bonequinha linda, e saio a passear pela casa com você no colo, procurando coisas que sejam interessantes e curiosas. O engraçado é que, ao conviver com um bebê como você, nós, adultos, temos a oportunidade de ver o mundo pelos seus olhos. Às vezes nós já não nos encantamos mais com nada, talvez porque nossas retinas estejam fatigadas, como disse um famoso poeta, certa vez. Mas você nos traz a alegria e o frescor da juventude. Sua vovó Marinetti me disse assim: “Ela me enche de Vida e de Luz!”. E eu sinto o mesmo.

Se existe algum legado que eu gostaria de deixar para vocês duas é o amor aos livros. Espero que vocês gostem de ler e que ensinem seus filhos a ler também.

Minhas duas queridas e amadas, meu desejo para o futuro de vocês é que sejam sempre unidas e ligadas uma à outra, apesar da grande diferença de idade entre vocês. Que possam fazer companhia uma à outra vida afora, e que sejam escandalosamente felizes.

Muitos beijinhos e abraços beem apertados nas duas!
Da vovó que as ama mais do que o infinito

Silvia Regina Angerami é jornalista e escritora. Tem um livro infantil publicado, o *Chumaço de Algodão*, e o livro *Destino Algarve*, que conta a sua experiência de ter morado durante um ano em Portimão, Portugal. É diretora executiva da editora Reality books e participa da e-Editora, ligada à Unibes Cultural, que edita e-books sobre os bairros de São Paulo.

VERA LUCIA Araujo Mera



Como nasceu a vovó Vera

A família vai crescer! Vou ser vó! Senti um convite para voltar à infância. Minha criança interna se manifestou. Na memória dos sentires, desde o gosto das coisas que experimentava, as frutas, o pão, depois o pirulito, a batata frita, a pipoca!

Junto com as delícias, a alegria para passear nas minúsculas descobertas, subir no escorregador e depois se encorajar para escorregar... Colocar os pés no mar, fazer poças, chutar a água. Balançar e perceber o frio na barriga. Trazer de volta as primeiras sensações corporais de estranhamento e de prazer. Aprender a andar e depois a pedalar, com rodinha e sem.

Tomar a primeira chuva, o vento, as árvores e as folhas se mexendo e fazendo barulho. As abelhas, as borboletas, a luz do sol, as sombras... Medo, raiva e contentamento, tudo junto e misturado em momentos. Descobertas e conhecimentos.

O quentinho do colo, do acolhimento, onde habitava a entrega. Acalmar as dores dos machucados ou do cansaço. Abandonar-se no sono. Fantasias.

Crescendo, as músicas, os números, as letras... O esforço e a conquista.

Reencontrei a criança em mim, nessa sintonia amorosa, na expansão do meu coração é que fui nascendo vovó. Um papel inédito, um acontecimento na vida, quando já temos alguma experiência de amor, cuidado e satisfação.

Ser mãe também exigiu certa revivência infantil, para dar conta do acolhimento dos bebês, mas era outra instância. Vivi todas as preocupações, ansiedades e dificuldades que fazem parte do papel de mãe. Hoje posso dizer que dei certo! São dois quarentões, íntegros, maduros, saudáveis e amorosos.

George é casado com a Alessandra, uma carinhosa e dedicada esposa e mãe do Eduardo, agora com 10 anos e da Carolina, 6.

Gustavo e Thais tiveram a Mariana, há seis anos. Thais é uma supermãe e Gustavo um superpai, têm dividido com tranquilidade os cuidados com ela.

Foi em março de 2010 que Eduardo nasceu, um doce pequenino. Meu amor era, entre outros afazeres, ficar olhando e babando, observando-o dormir... Pensava quietinha como eu podia estar tão apaixonada por aquela mini gente, que até então nem me conhecia? Gostava muito de ficar com ele no colo enquanto dormia, grudado ao meu coração. Ficava ouvindo a música das batidas, encantada com o momento. Várias vezes chorei de emoção!

Mais ou menos aos cinco meses, ele começa a retribuir meu amor: vinha para o meu colo logo que eu chegava, erguendo os bracinhos. Eduardo me amava... E ser amada pelo neto abriu minha alma para o melhor e mais doce amor que eu pudesse sentir. Surgiu uma identificação com a fragilidade e a vulnerabilidade de um bebê, que eu há tempos não percebia. Sinto doce ternura em mim.

Desde então, fiquei horas na janela vendo aviões passarem, foi aprendendo os nomes das companhias aéreas, depois passeávamos como se fôssemos aviões pela casa. Virei conhecedora das marcas de carro que circulavam pela cidade e pelas estradas. Colecionava carrinhos, brincávamos de fazer cidades de blocos e estacionamentos de shopping, lava a jato e posto de gasolina. Teve a fase dos navios, lanchas e caravelas de piratas. Livros de animais peçonhentos. Até que chegamos aos dinossauros, um clássico! Eduardo já estava na escolinha, e aprendeu a distinguir os carnívoros e os herbívoros, e o nome de todos eles. Várias lutas aconteciam na floresta.

Como avó, faço um contato incrível com a minha imaginação enquanto brinco, resgato a espontaneidade do que me vem na fantasia. Consigo sintonizar com ele... o tempo passa depressa quando estou nessa sintonia. Assim viramos melhores amigos.

Buscava na escolinha e íamos tomar capuccino com pão de queijo

na padaria. Virou nosso ritual. Feriados e férias, no sítio ou na praia, pescar, jogar pedras no lago, correr ondas. Tomar todos os picolés que quisesse. Coisa de vó!

Logo depois que ele fez 6 anos, e as meninas ainda eram bebês, fui com ele às Olimpíadas no Rio de Janeiro. Só nós dois. Evento que ficou na nossa memória. Conversamos muito, confiamos um no outro e fizemos muitas travessuras. Aquele passeio foi inesquecível!

Enquanto o Eduardo crescia, me ensinava muito sobre mim mesma, favorecendo minha confiança no que sentia por aquele outro pequeno. Eu aprendia a “ler” os sentires dele, a observá-lo e a conhecê-lo, assim como ele é. Para o amor, uma especial oportunidade de diminuir expectativas que temos e de aprender como uma criança vai crescendo no seu tempo.

Eduardo está em uma fase de jogos pela internet:

— Na pandemia vovó, é o jeito de brincar com os amigos!

Conversamos sobre planetas, galáxias, buracos negros.

— Viajar pelo espaço sideral é insano, vovó...

Adora quadrinhos. Gosta de ler e de futebol. Perguntei se quando joga pensa na hora de fazer o gol:

— Não penso, a perna faz!

Nosso papo mais recente foi sobre mangás. Como é uma arte cheia de outros símbolos, conversamos sobre *chakras* e vórtices de energia. Histórias de heróis... Prato cheio para vó psicóloga. Aprendo que posso lidar com jogos eletrônicos e seus significados.

A Mariana inaugurou o “vovozado” de uma menina. Seguido, no mesmo ano, do nascimento da Carolina. A notícia me fez gritar de alegria. Até então, mãe de meninos, não tinha tido a oportunidade de curtir o nascimento de uma menina. Os cuidados iniciais são os mesmos, mas há mais delicadeza e sensibilidade desde cedo. Para mim, o contato com a natureza feminina, *in loco*, foi – e ainda é – uma descoberta. Renova meu feminino.

Lá vou eu, brincar com ursinhos, com uma infinidade de bonecas, panelinhas, roupinhas, princesas e suas respectivas fantasias, dar asas à imaginação, fazer poções mágicas, ter varinha de condão, ser bruxa e abracadabra. São mais observadoras, das flores, das borboletas, musiquinhas... Elas se aninham no meu colo e se entregam a um doce carinho. Contrariadas, adotam um biquinho e um charminho. Em um mesmo momento acontece a tristeza e a alegria. Somos mais flexíveis e mutáveis? Somos mais próximas do que sentimos? Fiquei pensando...

Outra emoção inédita é ver os pais, cuidando das suas filhas. Um deles me disse que é uma maneira muito linda de compreender a mulher. Acompanhando os devaneios, enquanto brincamos, restauro um tanto mais de minha imaginação, minha fantasia, fiquei mais criativa. Mais espontânea.

Dia desses estávamos jogando com tabuleiro sobre a mesa. Algum tempo depois, elas se cansam, não gostam de perder. Um empate é o ideal. Pergunto:

— O que vamos fazer, então?

— Dançar!

Tenho que aprender a coreografia, elas me corrigem, me falta balanço, ouço críticas.

— Requebra, vovó!

Tinha me esquecido de que dançar libera a tensão.

Timidez zero, nas duas. Topam qualquer passeio, adoram comprinhas. Loja de bijuterias baratinhas:

— Podem comprar tudo o que quiserem! — Convido.

Fisicamente, são muito diferentes, e de temperamento também. Mariana é toda sabida, está sempre interessada, presta atenção ao que acontece à sua volta. Tem facilidade de se concentrar e observar. Prefere doces a salgados, adora algodão doce, porque derrete na boca e é fofinho. Fica irritada quando a mãe pede para sair do banho de banheira, gosta de nadar na piscina, a cor predileta é azul metálico. A melhor sensação é pular na cama elástica.

Carolina é gestual, espontânea, tem olhar sorridente para a vida. Adora brincar com as amigas, gosta de patinar, *skate* e pular de trampolim. Brincar de bruxa e dançar músicas modernas. Gostou muito de aprender a ler. Fica com raiva de perder a cabeça, do irmão mexendo com ela sem parar. Fica triste quando seus pais viajam.

As duas são interessadas em modelitos *fashion*. Sabem tudo que está na moda e adoram maquiagens. Geralmente, saio maquiada de perto delas. Que prazer enquanto me pintam! Na verdade, elas estão sempre me atualizando quanto às novidades. Passei a ser mais vaidosa, a me enfeitar mais, elas reparam em tudo! Meninas juntas são conversadeiras, qual revoada de periquitos.

Vovó Vera está crescendo no amor de vó. Superlativo! Reconheço e agradeço essa aprendizagem divertida e especial sobre a incondicional capacidade de manifestar meu amor. Meu neto e netas aprimoram e

expandem a pessoa que sou. Essa é a mais linda aventura de meu amor maduro. Assim é!

Esses escritos são para o Eduardo, Mariana e Carolina. Tenham certeza de que são e serão amados para sempre.

Vó Vera

Este livro foi composto nas
fontes Avalon, Century
Schoolbook e Open Sans, em
papel Off White 80 g/m²
e impresso na gráfica
Forma Certa.

Verão, 2021.
São Paulo, Brasil.

Este livro conta com a participação
dos seguintes autores:

Âmbar de Barros

Alice Bites

Amélia Loreto

Anita Tarasiewicz

Anna Abelha

Antonio e Maria Alice Bahia Diomede

Bia Perez

Carla Betta

Deilza Lessa

Diva Maria Tammaro de Oliveira

Dulce Mantella Perdigão

Herta Rebello

Ione Almeida

Karin Simon

Laerte Temple

Maria do Carmo Marini

Maria Helena Passos Miraglia

Maria Helena Duarte Nunes Pereira

Mauisa Annunziata

Monica Salvari Baumer

Myrian Becker

Neide Alves da Silva

Neide dos Santos Olic

Norival Pacheco da Silva

Norma Tenenholz Grinberg

Patrícia Vieira Bispo

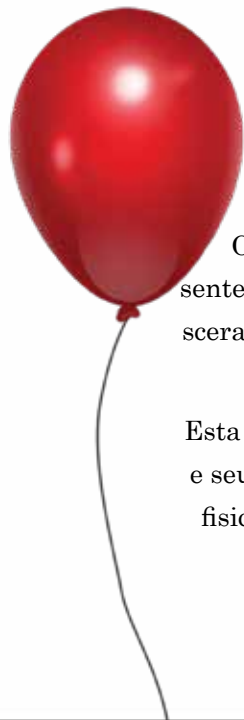
Quitéria Fernandes

Rita Aparecida Melo

Rosana Cerqueira Dias

Silvia Regina Angerami

Vera Lucia Araujo Mera



Convite à leitura

Lá está você mais ou menos na metade da sua vida, quando de repente recebe um presente: um neto! Ou uma neta! O lado bom da história é que você percebe que sente o mesmo amor que sentiu quando seus filhos nasceram, com a diferença que a responsabilidade maior não é sua, mas dos pais.

Esta coletânea reúne histórias de afeto de avôs e avós e seus relatos carregados de emoções. Alguns moram fisicamente longe dos netos... até mesmo em outros países. Mas todos moram perto do coração.

 e-Editora

Você vai sorrir com as traquinagens e as tiradas desses netos e netas. Vai se emocionar com as histórias contadas com generosidade pelos nossos autores e autoras, muitos deles iniciantes.

Em breve, o volume 2.

e-Editora

